



NORDESTE

"São os do Norte que vêm..."



Médicos de Automóvel e de Cabriolé

Mario Sette

Tive sempre muitos e bons amigos em duas classes: a dos padre e a dos médicos. E, associando-as, não vai nenhuma intenção epigramática porque nunca me dei literariamente ao gênero e não julgo merecerem os escúliptos aqueles versinhos de Boileau:

Paul, ce grand médecin, l'effroi
de son quartier
Qui causa plus de maux que
la peste et la guerre,
Est curé maintenant et met
les gens en terre:
Il n'a pas changé de métier

Se tantos espíritos consegui
atrair entre os médicos não
se recusará uma razão: a da
estima e a do apreço que eles
particularmente me despertaram,
mesmo porque, confesso,
em jovem desejei ser também
servidor de Hipócrates. Se não
foi, um filho tomou-me o lugar.

Os primeiros braços em que
me vi, ao nascer, foram os de
um médico alizado e barbado.
Chamava-se o Dr. Santa Rosa.

Na verdade a missão recep-
cionista não lhe estaria dis-
tribuída. Devera ter cabido,
com todas as honras de "mé-
dico de família" a outro que no
meu lar paterno curava das
doenças e participava do bem-
estar dos dias de saúde: o Dr.
Bruno Maia. Mas, acontecera,
coincidentemente, ter ele, nesse
mesmo dia, de acolher em
casa a uma nova filha e... minha
futura mulher.

Depois, no correnteio de mi-
nha infância, vi-o várias vezes
perto do meu leito a me ex-
gír, estranhamente, aquilo que
me proibiam com severidade,
não me achando doente:

— Bote a língua de fora!
— Olhava-o desconfiado, com
receios das consequências, mas a
ordem era repetida, outras
criaturas a reforçavam, e então
obedecia. Tinha, porém,
uma desoladora certeza: iria dali
a pouco, sabe Deus como,
engulir um copo de óleo de ri-
cino.

Fui-me familiarizando com
esse e outros escúliptos. Um
que me queimava a garganta;
outro me passou uma lâpis
que ardiam como o diabo. Ou-
tros não iam até nossa casa
por dever profissional, apenas
como amigos.

Via-os nos seus cabriolés de-
ixados às portas. Trabalhavam
sempre a sobrecaçaca negra,
traziam a cartola espelhinha a
desafiar minha gana de arre-
piá-la. E se vinham para as
doenças, nunca deixavam de
ser acudidos com o ceremonial
da água limpa na bacia de
porcelana, da toalha engomada,
saída do gavetão da cômoda,
e também, do cálice de vinho

Moscato oferecido na bandeja
de prata por uma das pretas
domésticas.

Minha adolescência, decorrida
nos primeiros anos do século
atual, não conheceu até certa
data médicos rebeldes a esse
padrão de ritual e de indumen-
tos. Quando muito atreviam-
se a um fraque de cor escura,
já sendo de escândalo o cinze-
nto do Dr. Silva Ferreira ao
voltar de Paris. Em regra as
sobrecaçacas pretíssimas, com-
pridas, qual aquela do Dr. E-
mílio Montenegro, lembrada
por Otávio de Freitas num de
seus livros, dando motivo a
uma cantiga satírica da época.

Pianos tocavam-na e vozes a
entoavam por todos os bair-
ros:

Nesta casa não se dorme
Nesta casa não se come.
Só se grita noite e dia:
— Olha a Casaca do Homem!

Para que o Dr. Montenegro
usasse cumprir regras de hi-
giene no Mercado de São Jo-
sé... As casacas podem su-
mir-se do cenário do mundo,
mas o rigor de aplicação das
medidas em favor da saúde do
povo nunca deixarão de inspi-
rar, pelo menos, canções pejo-
rativas... embora em ritmo de
fox ou de swing.

Doutores casacados vimó-los
à vontade: Barros Carneiro, Al-
fredo Gaspar, Coelho Leite,
Concância Pontual, Veloso, Pi-
tanga, Nunes Coimbra, Berar-
do, Loureiro, este não dispensa-
ndo o croisé nem quando, pa-
ra visitar clientes de arrabalde,
montava num cavalo de mo-
desto porte. A primeira década
do novo século porém favorecia,
com seus ares de novidades, a
vulgarização do fraque e até a
ousadia do paletó suco. Via-
se o disfarce do Dr. Otávio de
Freitas usando chapéu de pa-
lha e indo ao Hospital Pedro
II num veículo a motor em es-
candalosos estouros de bombas
de São João...

Nas boticas comentavam:
— Os médicos estão se des-
moralizando! Então esses no-
vatos...

— Não eu que os chamei!
Para mim, médico só Dr. Si-
mões. Basta olhar-se para ele,
com aquele "boulanger" para
se ter confiança nos remédios.
— Deus me livre é do tal
Dr. Malaquias. Dizem que é
um operador de fama, porém
quer cortar tudo com que nas-
cemos.

E era assim que a maledi-
cência do tempo investia con-
tra a técnica operatória do
grande cirurgião recifense.

Gregório Júnior, poeta hu-
morista, trazia este perfil de
outro médico popular, compe-
tente e querido do Recife: o
Dr. Carneiro da Cunha, mano
de José Mariano.

E' baixo, gordo e moreno
De rosto redondo e chelo
Em qualquer que seja o meio
E' sempre calmo e sereno
No que toca ao vestuário
E' dum rigor predileto:
Quer em festa ou no "diário"
Calça branca e fraque preto

Ninguém dá mais bela prosa
Por condição mais barata
E o nome bom de que goza
Dá do tipo a nota exata
Cabeça enorme, ilustrada,

Não será improvável que
modificando o traje, os escúli-
ptos hajam igualmente arejado
as atitudes. Menos gravidade
nos gestos e nas palavras. Um
quê de chiste semelhante ao do
soneto ainda de Gregório Jú-
nior:

Consulta e receita:

— "Dê-me, aqui, seu doutor"
— E a mão tremendo
Medrosa, leva ao tal dorido
ponto

— Mas ele é tão gentil! —
E deu-lhe a prova.
"Quem sabe se terê nêlo um
arrimo?"

E o doutor receitou num ar
de troça:
— Mordedura de primo em
prima moça
Só quem pode curar é o pró-
prio primo.

Ham acentuando-se as trans-

Moscado, homeopata de coração,
porém alopara se o preferiam,
músico e vencedor, tão apaas-
nado pelo embelezamento da ci-
dade que patrocinou e ajudou a
dotar a Maciel Pinheiro então
Conde d'Eu, de uma fonte de
mármore ainda hoje a distin-
guindo: o Dr. Cosme Sá Pe-
reira, sem desmerecer a efu-
são de seu espírito folgazão se-
quer ao atingir quase o cente-
nário, pagando o bonde para
todos os companheiros, cioso
de seu enorme "cágrado" mais
velho do que ele, e a ter gos-
tos pilhóricos como o de em
plena rua agradecer, de modo
simbólico, ao compadre a pos-
suir no bonde, o presente de um
cachão de certa fruta de seu
agrado... Lembrava-se já o
Dr. Ascânio, magro, varapá,
metido numa esgula sobreca-
saca, erudito e abstrato, dis-
cutindo assuntos da peste bu-
bônica pelos jornais em termos
então assustos da peste hu-
manitária popular. E vivia o
Dr. Barreto Sampaio, oculista
de renome, mas tão caído pela
pintura, que seria capaz de de-
ixar um cliente com o olho ar-
regulado, na cadeira de exa-
mes, para admirar uma tela
que lhe trouxessem para opi-
nar, segundo a malícia do tem-
po espalhava.

Se quisermos ter uma noção
das cobranças de honorários
por voltas de 1840 leiamos o
aviso do Dr. Theberge: "Para
as pessoas que desejam uma
regra certa para pagamento do
visitas declaro ser necessário
visitas declaro ser necessário
que o doente mande o necessá-
rio para a condução, sendo o
pagamento de 10\$ por légua e
300\$ por dia passado fora. Na
cidade, até o último lampião
2800\$ de dia. Operações sob
trato particular".

Felizes os que morassem an-
tes desse derradeiro lampião
de progresso urbano da ci-
dade de dantes. Para diante de-
le era a escuridão, o "mato"
fêmid pelo habitantes do cen-
tro, a zona dos malfetores,
dos cachorros brabos dos sítios
e até mesmo dos lobishomens...
Se reinava a gripe, como a de
1843 pior para os de têtio tão
longínquo. Embora a satira de
O Carapuceiro assim enarra-
se o mal epidêmico:

Minha Senhora: V. Excia.
já teve a Gripe? E a molé-
stia universal.

Os teatros transferem espe-
táculos por causa da gripe.
Ou antes de subir e sair apa-
rece um tipo a pedir indulgên-
cias para o Monsieur tal ou a
Contrito qual que acaba de
ser atacado pela gripezinha?

O Padre Lopes Gama acros-
centa:

(Continua na 2.ª pag.)



CARNAVAL DE 1908 — O prof. Otávio de Freitas e senhora fazem o "corse" no primeiro automóvel "Penjant" chegado ao Recife, em 1907, de sua propriedade

— De ciência um sarrabulho
Levou Horácios de embrulho
Na questão d'água chumbada.

Carrega bem quando come
Mastiga bem quando bebe
E quando amigos recebe
Não há nenhum que não tome.

Nas discussões mals renhidas
Quem há que pensa vencê-lo?
Tem Salvo já tantas vidas
Que a Morte não quer nem
vê-lo.

Do seu corpo gentil, nervoso
e quente,
Capaz de um Escúlipto dei-
xar tanto

"Com o primo eu brincava a-
legremente
Mas ele que a mordida é sem-
pre pronto,

Numa volta que deu-me...
al! nem lhe conto!
Quando menos o vi senti-lhe
o dente!"

— Não aperte, doutor. — E
é funda a cova!
com quem se desaviera; Lobo

SUMÁRIO

ARTIGOS de Américo de Oliveira Costa — Laurénio Lima
— Costa Porto — José Gonçalves de Meleiros — Os-
valdo Lamartine — José Pessoa de Moraes.

CONFERENCIA de Gilberto Freyre.

DISCURSO de Aderbal Jurema.

AS ELEGIAS de Mauro Mota.

CONTOS de Joel Pontes e Maria Lúcia Amaral.

CAPÍTULO DE ROMANCE do Pernambuco Asfora.

REPORTAGEM de Sócrates Times de Carvalho.

AQUARELAS E DESENHOS do Elzger Xavier — Portinari
— Augustinho Rodrigues — Zuleino Pessoa — J. B. Sar-
gent e Rosa Maria de Barros Carvalho.

Malas dos Estados e do Estrangeiro — Tópicos — Biblio-
grafia e Notas.

TÓPICOS

EDITORES, LIVREIROS
E PÚBLICO

As livrarias estão em crise. Os livros estão amarelecendo nas prateleiras enquanto os livreiros vão transformando suas vitrines em lojas de "bric-a-brac". Queixam-se eles que os negócios diminuíram sensivelmente em 1947 e não se animam com as perspectivas do novo ano. Outros ramos de atividades comerciais prosperam e as livrarias vivem adalando os fregueses para que adquiram um livrozinho, por favor.

Essa crise das livrarias é apreciada sob vários ângulos. Alguns livreiros reclamam o preço elevado do livro nacional, outros vão mais longe e culpam o rádio e o cinema. Ambos com certa e relativa razão. No primeiro caso, o grosso público está proibido de ler porque os livros são caros e não chegam para o homem comum. No segundo, embora nos Estados Unidos, a nação radiofônica e cinematográfica por excelência, os livros continuam com edições de centenas de milhares, a novela radiofônica e o drama do cinema são mais fáceis para o nosso público ainda de cultura abaixo da que devíamos possuir como média geral. Já está o ponto capital da crise dos livreiros: a falta de hábito da leitura em todas as camadas sociais. E, com os livros cada vez mais caros, torna-se muito difícil qualquer campanha nesse sentido. Difícil senão bizantina.

Os homens de dinheiro não têm porque, neste país, não se precisa ler nada para se ganhar dinheiro. Os que não têm dinheiro não têm porque precisam de ganhar dinheiro e o livro não ajuda nisso. É esta a mentalidade que está determinando a crise das livrarias. O gentio imediato da vida envenenando o espírito do homem brasileiro, mesmo alfabetizado e de curso superior.

Precisamos reagir contra isso! Salientar, por todas as maneiras e modos, que o hábito da leitura é um costume do civilizado. Mostrar aos jovens que a leitura não é uma obrigação e sim um índice de civilização. Discutir com os jovens sobre assuntos que não sejam somente o último filme de Gilda ou a estréia de uma "voz de ouro" qualquer. Começemos por ler a "Comédia Humana" de Balzac e lá encontraremos a paisagem completa da vida de hoje. Sómente que ao invés de coches, cocheiros e cavalos luzidios, veremos automóveis, jovens elegantes pro volante e também luzidios...

O Teatro do Estudante de Pernambuco lança jovens teatrólogos



Hermilo Borda Filho, "A Sapateira Prodigiosa", numa tradução de Hermilo Borda Filho, seu inconfundível diretor. Vicente Fittipaldi, Milton Perácio e Aluisio Magalhães se encarregaram da música, do cenário e das "câmaras". A representação agrediu e repetiu-se por dez vezes, todas gratuitas, como é do programa dos amadores estudantis.

Depois desse empreendimento

to corajoso, os rapazes de Hermilo Borda Filho escolheram outra peça: "Ratos e Homens", de Etenbeek, tradução também do animador A. 1 do grupo. Organizaram o "Teatro de Bonecos" e entregaram esse novo departamento a Aluisio Magalhães. Fazem sobatinas, dão espetáculo de "mamulengo" e instituem um concurso de peças teatrais que se afirmou plenamente vitoriosas.

Se não bastasse a "barraca" sob a direção artística de Hélio Feijó, os espetáculos gratuitos, os sobatinas com vários teatrólogos brasileiros, eis o concurso de peças que foram julgadas por Gilberto Freyre, Alvaro Lima, Vaidemar de Oliveira, Luis Delgado e Hermilo Borda Filho descobrindo uma jovem vocação de escritor teatral que se chama Ariano Suassuna, estudante de direito, 20 anos incompletos e filho do sertão paraibano.



Ariano Suassuna vem estudando e co-criando pacientemente os "romances" dos cantadores seranços, apropriando-se de seus motivos e de sua história para escrever a peça "Uma Mulher vestida de Sol", primeiro lugar do Concurso de Peças Teatrais do Teatro do Estudante de Pernambuco. "Romance popular trágico em 3 atos", a peça de Ariano Suassuna abre novas perspectivas para a arte teatral genuinamente brasileira.



José Le Moraes Pitho, em 3.º lugar. Este ano esperamos assistir a representação das peças premiadas, a que coroarão brilhantemente a atuação arrancada artística dos rapazes do já notável Teatro do Estudante de Pernambuco.

O círculo do Perú

Todos nós esperamos que a A. B. D. E. com o crítico Alvaro Lima na sua presidência saia agora do círculo do Perú. No Brasil existe uma coisa curiosa que informava o espírito da A.B.D.E.: os que têm e os que escrevem são os mesmos homens. Isto é, alguns escritores escrevem para outros e esses outros retribuem escrevendo para os primeiros. Fôra disso ninguém mais toma conhecimento da literatura. Acontecia então que um escritor lançava um livro, vinha o colega e escrevia sobre ele, ou batia no ombro, na mesa do cafezinho, exaltando a maravilha. O autor ficava convencido de que era a voz geral e começava a sonhar com nova edição ou com novo livro. No dia seguinte, a mesma cena, invertendo-se os papeis. E ambos ficavam certos que estavam no gosto do povo, eram os tais. Com as revistas o fato se repete em maior escala. Tiragem regular para os autores dos artigos. O público não tomava conhecimento. Praquê? Se tinha o futebol, o cinema e a novela radiofônica? Pois bem, por mais estranho que pareça, a ABDE estava se enfatuando dentro desse círculo vicioso e alguns luminares andaram sonhando

com piruetas legais de direitos autorais. Felizmente que a frente de seus destinos puseram o espírito lúcido de um crítico. Se dessa vez não rompermos o círculo do Perú é porque a nossa tendência marxista e a indiferença do público são muito maiores do que julgávamos...

Augustinho Rodrigues e os bonecos de barro



O desenhista e também caricaturista Augustinho Rodrigues está na terra há uma porção de meses. Lá fez longas viagens pelo interior do Estado, viagens para "recolher material" como gostava de dizer o romancista Jorge Amado na fase inicial do "Cacá". Mas Augustinho não está realizando nenhum inquérito e nem pretende entrar para a ficção. Ele foi procurar os artistas populares fazedores de bonecos de barro que vendem seus produtos nas feiras de Caruarú, Gravatá e Vitória. Levou máquina fotográfica e voltou dessas viagens misteriosas com curiosas revelações, além de uma riquíssima coleção de bonecos de barro. Andando arrumando as malas para ir expor tudo isso em S. Paulo e Buenos Aires. E enquanto arruma as malas tem feito ótimos trabalhos para a Diretoria de Documentação e Cultura e para a nossa revista.

Se não fosse o "delírio ambulatório" do nosso artista, bem que o Recife não largaria mais um dos nossos mais jovens e experimentados artistas. Os do norte vão, mas voltam. O nosso José Lima não está chegando agora por aqui?

Artes Plásticas



Elezzer Xavier. Ainda um dia desses a revista "Nordeste" salientava a exposição de Daura Melo, entre as mediocres exposições de fim de ano, como qualquer coisa de acima do nível comum desses certames rotineiros.

Neste número publicamos uma página de reproduções das aquarelas de Elezzer Xavier, o primeiro expositor do ano de 1948, no "hall" do Gabinete Por-

Médicos de Automovel etc

(CONT. DA 1.ª PAG.)

As moças atacadas de gripe não devem ser contrariadas em nada.

Acordando, acharão por surpresa junto à cama uma rica toilette ou uma jóia. Em havendo baile não dançar, e com moderação, senão das 10 da noite às 4 da madrugada.

Ficariam boas da gripe a que "nossas avós chamavam de catarro ou defluxão". Hoje essa terapêutica vem sendo aplicada a muitas outras doenças femininas, segundo alguns médicos cujos nomes a discreção me manda silenciar...

A gripe pandêmica, aliás recorrente na sempre, nos começou com essa veia irônica. A de 1918, cujos dias terríveis, fantásticos mesmo no seu pavor de tragédia a envolver quase toda a população, começara também com um riso de farça. As anedotas circulavam e entre elas a da esposa moradora no sertão, ignorante ainda do flagelo mundial, a receber certo dia do marido ausente um perturbador telegrama assim: "Adi! regresso estou com a espanhola"... Que descaramento de perjurio à fidelidade conjugal! — supõe a pobre mulher, enquanto malizava essa cínica "espanhola", antes de mulheres de outras, enconjurá-la pelo luto com que vestira a tanta gente.

★

tuguês de Leitura. O ainda jovem pintor pernambucano revelou aos conhecedores dos segredos das artes plásticas que nós temos um mestre na arte da tinta d'água. Elezzer surgiu, nessa exposição de começo de ano, com uma tal riqueza de tons nas cores e uma tão pessoal leveza nos traços que demonstram uma nova fase desse pintor onde o autodidatismo consciente vem operando verdadeiras maravilhas nos seus róticos das paisagens nordestinas e nos seus anjos dos palhaços de circo. Dos seus pinéis a poesia está saindo em cores nunca dantes suspiradas.

Intelectuais visitam

o Recife

O nutrologista Rui Coutinho, Edison Carneiro, José Lima do Rêgo, José Condé e Michel Simon estão ou passaram pelo Recife. Edison Carneiro fez uma conferência na Faculdade de Direito sobre a Revolução Praieira. O prof. Amaro Quintas, autor da Conferência fraca para um público reduzido. José Lima do Rêgo veio passar "o melhor carnaval do Brasil" como hóspede do escritor Olívio Montenegro e fazer uma palestra sobre Nabuco. José Condé está em Caruarú comprando bonecas de barro e reverendo os amigos de infância. E Michel Simon irá realizar duas conferências: Paris, 1947 e Peguy, patrocinadas pela Diretoria de Documentação e Cultura.

Cadê Murilo Mendes?



O automóvel do dr. Regueira Costa

Veia de humor nunca poupou os momentos da medicina. O folclore transbordava de versinhos satíricos em todos as línguas. E por acaso citaremos estas de de nossas avós:

Com a seringa de Pravaz Dando injeção de morfina Matarras a humanidade Em nome da medicina

A maldade de uns, a insatisfação de outros, e convencimento de tantos, a ignorância de grande número tem, em todas as épocas, assaltado os médicos com remoques, acusações, queixas, picuinhas. Num instante esquecem-se os benefícios para agravar o sentido da malevolência e não raro da perdição. No tempo do colera-morbus no Recife, de 1856, esqueciam-se as canceiras dos esculpidos às voltas com a extensão dos casos e reclama-se numa folha:

"Quando um médico tem muitos doentes a tratar deve deixar a palestra para quando vem a casa jantar, e não antes, sempre com prejuízo de quem com presteza precisa ser medicado."

Nos instantes de apertos, porém, se a dor atenaza, se o coração cambaleia, se a vida ameaça fugir... o grito de alarme e de socorro é inevitável: — Chamen um médico!

E, agora, já não se usa o adjetivo articular definido, serve mesmo "um médico", contando que possa amendrontar com sua ciência a morte.

Nun rápido bate-papo, como se diz hoje, sobre os médicos de outrora, assunto em que o cronista leigo se aventura por indecível e ovanada, não seria justiça olvidar uma das figuras mais brilhantes da classe em época remota: aquele famoso Antonio Peregrino Maciel Monteiro, o 2.º Barão de Itamaracá. Vieram ele da Universidade de Paris e esse título conferido na França já se acreditava como excepcional quando tudo, no Brasil, e em Pernambuco não menos — inclusive os merinos — vinha da capital francesa.

Mas, em verdade o quilate médico de Maciel Monteiro era de alto índice. Sabe-se ter sido um dos fundadores da nossa primeira Sociedade de Medicina e seu 1.º Presidente. A política tentou-o e traiu-o; a diplomacia

por seu turno seduziu-o mais do que tudo, pelas possibilidades de levar aos salões das cortes europeias o homem ruidoso, cortês e janota, timbrando pela requintada elegância, pela palavra maneirada: queda pelas mulheres... O escultor do brado de poeta. E, até que um dia, deixara de sacar os males alheios, sentindo, dentro de si próprio, na algiva de um amor escapado ao pretérito triunfante de quem se gabava de ter na callosa de afagar sedas femininas. Ouviram-lhe então o:

Ela foi-se e com ela foi minha alma na asa veloz da brisa sussurrante, Que ufana do tesouro que levava Ia, corria e como vai distante...

No horizonte esconder-se a nuvem Eu a vi. E dois pontos luminosos Apenas onde ela ia me mostravam. Eram eles seus olhos lacrímicos

Esvalta-se a visão qual no-vern áurea ao bafejar de vespertina aurora; Se aos olhos eu perdia a imagem sua No meu peito eu achava a sua imagem.

Eles, os médicos, passaram também a sua fase romântica. E quem não os passara em dias tão propícios! Romanismos de amor pelas damas e... não me nos pelos padecentes sob as guardas. Nenhuma profissão mais adequada a esses romanismos de querer ao próximo e de pleitear o amplo e eterno bem para todas as criaturas sofredoras!

A eles, mais do que a outros, mais calosos de afagar sedas mentes, evidenciavam-se as privações e as penúrias de conforto. Seus olhos não viam somente, como os de Maciel Monteiro, fitos no horizonte por onde outros olhos se ensonbram Não. Ah! quão falso e preconito da impossibilidade dos médicos! Eles entendem-se e não raro se lhes

(Continua na pg. 17)

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERÇIO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463
1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES:

Estados Unidos (New York): Artur Coelho.
Rio de Janeiro: José Irineu Cabral
São Paulo: Enio Silveira
Alagoas: Igor Tenório
Bahia (Salvador): Jota Soares
Parahyba (João Pessoa): Janson Guedes Cavalcanti
Ceará (Fortaleza): Mário Albuquerque
Rio Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros

Diretor: Esmeraldo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema
Gerente: Fernando Barros Lima

Número avulso Cr\$ 3,00

Número atrasado Cr\$ 5,00

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.

— Solicitamos permuta com as publicações congêneras.

Métodos de Caça do Sertanejo Norte-riograndense

Oswaldo Lamartine

- 1 -

Abrange o presente estudo uma região relativamente populosa (cerca de 270.000 hab. com 21.130 km²) de quedas pluviométricas escassas e mal distribuídas (300 a 600 mm.) ocasionando por conseguinte períodos de crises que elevam o obtinuir quer pastoral quer humano à cifras assustadoras. A população, sempre que se desencadeia uma seca, apela para as suas poucas reservas armazenadas passando a viver das culturas de vazantes, em núcleos, a beira dos grandes açudes e leitos dos rios, — emigra, ou troca a enxada pela batedeira quebrando então os laços que a ligava a gleba. A deriva das minas é um caminho post-guerra pois até então o Rio Grande do Norte ignorava as suas riquezas de sub-solo.

Solo — fértil de topografia semeada de elevações (em geral pedregosas) onde se abrigam as maiores reservas florestais e cinegeticas da região, com altitude máxima de cerca de 800 mts.

Flora — de vegetação típica, xerofila, — a caatinga, onde a flora se compõe em sua maior parte de arbustos e sub-arbustos espinhosos, multi-ramificados, mais ou menos uniformes, de folhas caducas, pequenas, móveis, coriáceas, protegidas por pelos ou uma camada cerosa que impede o excesso de evaporação. Predominam as plantas de folhas heliotrópicas e raízes tuberosas. As primeiras chuvas a vegetação despida se veste de uma linda folhagem, — a rama ficando o chão atapetado de ervas rasteiras, — a babugem.

Rios — caudalosos e transitórios. Na estação da seca, o sertanejo cultiva os seus legumes com as culturas de vazantes (tubérculos e cereais).

"Após a expulsão dos holandeses, sustentamos a partir de 1688 a Guerra dos Bárbaros. Penetraram os chefes militares pelo sertão subindo os grandes rios e maseios dando combate aos aborígenes. Vitoriosos a campanha, foram os chefes militares agraciados com datas de terras. Nasceu então a fazenda de pecuária. O gado refêto (1) era levado para o mercado das feiras sertanejas de Pernambuco e Parahyba (Olinda, Pedra-de-Fogo e Campina Grande)". (2)

Inicialmente não havia cercas divisorias. A fazenda se resumia na casa-grande, casa de vaqueiros, senzala, curral e um pequeno cercado para bezerros. Na época das feiras faziam o adjunto da vaqueirama para a apartação.

A agricultura como fonte de economia data de pouco tempo. Há cem anos atrás a exploração agrícola nas fazendas seridóenses se limitava a um pequeno quintal de cereais para comer verde nos meses de inverno. As culturas de vazantes nos leitos dos rios tiveram início durante a seca de 1877 no rio Acauan.

Da necessidade de defender seus rebanhos das grandes carnívoras, surgiram os grandes caçadores. Alguns, principalmente os de onça, se immortalizaram e suas façanhas continuam a ser o tema das palestras sertanejas sob o alpendre das fazendas. Os poetas populares registaram a vida de aventuras desses heróis, cheios de lances de bravura, força e sagacidade. Assim é que, tivemos famílias inteiras de caçadores; na ribeira do Espinhara os Cor-deas e Valentim marcaram uma época. Ainda hoje depauperamos elementos dispersos dessa gente com visível tendência para viver do mato.

Os caçadores de onça, porém, conquistaram fama inextinguível. No R. G. do Norte o Miguelão das Marrecas ainda é lembrado sempre que surge um carniceiro a desfalar as miúças:

HISTORIA DO MATADOR DE FERAS



CAZUZA SATYRO
Preço: . . . Cr. \$2,00

guelão das Marrecas ainda é lembrado sempre que surge um carniceiro a desfalar as miúças:

"O Miguelão das Marrecas
Veio das serra do Doutor
Chamado por Joaquim Teles
Para ser seu morador
Porque perseguia onça
Como herói lutador".

"Em novecentos e quatro
Miguelão andava armado
De agulha (3), rifle e punhal
Com um cachorro aprovado
Seguiu para Serra Negra
Por causa de um chamado..."

Todavia, nenhum excedeu ao apanágio conquistado pelo celeberrimo Cazuzza Satyro (José Satyro de Sousa), abastado proprietário no município de Patos (Parahyba) a poucos quilômetros da fronteira do nosso Estado (serra dos Troncos). Existência vivida em contato direto com a natureza, numa época em as preocupações do sertanejo se resumiam em seca e canção. Devotou toda sua vida em perseguir onças, atendendo chamados longínquos sem aceitar qualquer remuneração apenas pelo prazer de ouvir um cachorro chorando em noite de lua numa guisa de serra e os esturros do gatião nas fumaças. Caráter forte, reto e modesto. Cultivava duas manias: esquilhar cavalos e criar cachorros (um dos seus cães, Labugão, atravessou as portas da imortalidade junto a Cazuzza). Sobre a personalidade desse homem há uma série de fatos que constituem algumas das mais encantadoras páginas da tradição oral sertaneja:

"Quem perguntasse pela saúde
Da família do capitão
Ele não respondia
Não lhe prestava atenção
Se falasse nos cachorros
Ganhava mais atenção.

Neste tempo o Cazuzza
Conservava preparados
Uma vinte e cinco cachorros
Todos bem exercitados
E só com carne de boi
Eram os cachorros tratados".

Reza a tradição que, afim de seus melhores cães não estragarem as presas, tirava os ossos da carne que os alimentava.

Um velho sertanejo que se dizia parente de Cazuzza Satyro, relatou-me o seguinte episódio de sua vida:

Cazuzza costumava, como a maioria dos criadores de sua época, comprar bois no Piauí para refazer. Numa dessas viagens contratou naquele Estado um vaqueiro ganhador (4) que possuía um cachorro alvo de cabeça preta, — "Cambrala". Em um dos campos para juntar a boiada "Cambrala" matou uma onça. Imediatamente Cazuzza procura adquiri-lo ao que o vaqueiro recusa, alegando que na semana anterior o cão havia salvo sua vida em luta com uma pintada. Tratando-se de uma rapaz pobre Cazuzza tenta seduzi-lo com uma quantia avultada, no que é novamente rejeitado. Multiplica

a proposta e termina oferecendo todo o dinheiro que trazia e a burra da sela:

— Me sujeito a voltar pra casa a pé, puchando o cachorro pel'uma corda.

O sinhô tá vendo a terra e o céu?... Pois pode ter dinheiro pra fazer uma ruma que vá batê nas nuvens; mas não tem dinheiro que pague "Cambrala".

"Em novecentos e quatro
Cazuzza tinha encostado
As armas de matar onça
Estava velho e cansado
Ficou doente de asma
Pelo serviço pesado".

"Morreu o Cazuzza Satyro
Nosso herói do sertão
O grande matador de fera
Limpo na sua missão
Merecia uma estátua
Com as agaias na mão".

Hoje, a caça ocupa na vida do sertanejo norte-riograndense (5) uma atividade puramente de recreio. Difícilmente encontramos dentre eles um caçador profissional, muito embora, quando acaudatados pela seca periódica que assolam a região, e na ausência de um trabalho nas construções públicas, minas, etc., troquem a enxada pela espingarda e passem a viver do mato. O trabalho agrícola e a relativa pobreza da fauna tão desfalçada não comporta a existência exclusiva da caça, — acrescida de, em nossos dias, nenhum proprietário permitir que seus moradores não tenham uma atividade agrícola ou pecuária.

Sempre que estala uma seca, e as reservas armazenadas são insuficientes para atravessá-la, não se apresentando qualquer "ganho", encaminhou-se para as cidades, construções públicas ou minas. Os que persistem em ficar, "ganham os matos" e passam a viver da onça e venda dos couros que nessas épocas sempre apresentam um mercado compensador.

O cachorro e a espingarda de ouvido (ou de carregar pela boca) estão ligados ao homem de tal modo que é raríssimo encontrarmos uma casa de sertanejo sem esses dois elementos. Quando seus roçados distam alguns quilômetros da morada é comum encontrá-los de espingarda na mão e enxada ao ombro para "atirar nargum bicho no caminho". A tardinha, se lhes sobra algum tempo após a faina do dia, dirigem-se para o serrote (6) mais próximo com o fim de acrescentar a refeição do dia seguinte com a carne de algum mocó, preá ou juriti.

Indumentária — é a mesma roupa usada para o trabalho; alpercatas de rubicho (7), faixa à cintura, chapéu de couro ou palha de carnaúba e badaneço (8) de couro ou mescla onde conduzem os apetrechos da espingarda, arremedo de nambú, fumo de rório, cachimbo ou mortinhas para os cigarros e o artefício ou papafogo (9). Quando a excursão se prolonga por mais de um dia costumam levar rapadura, farinha e café para o café-de-pedra (10). A água é conduzida numa cabaca de coco (11) ou borraça (12) presa à cintura. Si por qualquer eventualidade vêm sofrer sede, recorrem às raízes do umbuzeiro (13) ou ao caule da mucunã (14).

Instrumentos de caça — Inicialmente as armas usadas eram o bacamarte e a espingarda de pederneira que o aparecimento da espoleta veio transformar em espingarda de ouvido. Com essas armas primitivas os nossos antepassados defenderam os seus rebanhos dos felinos carniceiros. Hoje, os velhos clavinotes são usados apenas para salvar nas festas joaninas.

Espingarda de ouvido — (ou de carregar pela boca) que sucedeu a espingarda de pedra. Continua a ser a arma predileta do nosso sertanejo pois raramente é notificada arma de cartucho entre nossa gente. Dantes, eram importadas; atualmente são manufaturadas pelos ferreiros locais — de todos os tipos e calibres. A nomenclatura usada pouco diverge: coronha ou coice, cano, braçadeira, culatra, ouvido, queixo (cão), caixa de espoleta e guarda-mato (guarda-mato). Quando guardadas com o carrão, conservam uma mecha de algodão sobre a espoleta para que o tiro não "resfrie". Mesmo seu exterior não apresentando qualquer diferenciação, classificam-na de espingarda de chumbo quente ou frio: isto é, a de chumbo quente não é mortal, deixando sempre a caça escapar ferida. A de chumbo frio é fulminante, — "matadeira" como designam.

Atirar em urubú ou consentir que alguma mulher pegue na espingarda, são motivos suficientes para inutilizá-la, transformando-a de

chumbo frio em chumbo quente. Si depois de atirarmos em um urubú, soprarmos na boca do cano, correrá água pelo ouvido...

Há dois processos para determinar si a espingarda é ajuntadeira (a cujos grãos de chumbo atingem o alvo agrupados) ou espaladeira.

a) Mede-se o cano da arma, a partir da culatra, de 4 em 4 dedos; o número de dedos que excedem (ao atingir a boca), corresponde ao número de carcoses de pontaria.

b) Comprime-se a boca da espingarda sobre a palma da mão ou a pele do braço; ficando o local vermelho, semelhante a um leve calo de sangue, — a espingarda é ajuntadeira.

Para conseguir pontaria infalível com o fígado do beija-flor cru.

Apetrechos — são conduzidos no badaneço, — buchas (de corda, coco ou raspa de mororó), polvaril (15), chumbeiro (16) e a cartueira.

Rifle — o rifle que teve um papel de relevo na luta contra o canção, é nos dias de hoje a arma mais usada na caça dos grandes carnívoros.

Bêta (17) arco adaptado a coronha na caça dos pequenos animais. A madeira mais empregada na manufatura do arco é o mofum (Cobretum leprosum — Mart. Fam. Cobretaceae). Registamos em sua nomenclatura: coronha, papo (18), relho (19) gatilho e pinguelo (20). Atira com duas qualidades de setas: a preaca (21) e o bilôto (22). Ver desenho.

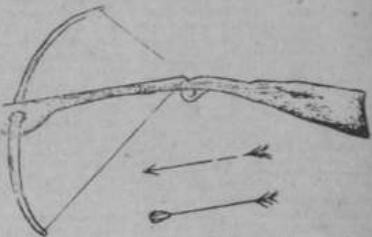
Preaca — Apenas na região do Espinhara registei o uso da preaca nas caçadas de raposa. Justificam-na, alegando que, a raposa quando entocada pelos cães nem o fogo a obriga "expirar".

Azagala ou Zagaia (ver nota 3) pequena lança de duas ou três pontas agudas que adaptada a um cabo de madeira é usada para enfrentar os grandes carniceiros (v. desenho).

"O tigre lutava em pé
Dançando de corpo toco
A zagala quebrou o esse
Com arrojô do péso
O menino riscou o fósforo
O murrião (23) ficou aceso".

Bodoque (24) o emprêgo dessas arma é quase restrito as pequenas aves e roedores. Sua nomenclatura é a seguinte: arco, boi, (25), orellhas (26), canzil (27), cordões e rede.

Baladeira — usada pelos meninos para passarinhos. Consta de gancho, borracha e couro.



Bêta, preaca e bilôto — desenho do autor

Funda — tratando-se de uma arma de pouca precisão é usada apenas para afugentar os pássaros depredadores. Dal o provérbio sertanejo: "doido qui só pedra de funda".

MÉTODOS DE CACA

	com cachorro
I. Por perseguição:	rastejando com furão
	fojo de ribacã tingui na água carniça
II. Por espera:	comida, bebida, dormida, morada, etc.
	arrêmedo
Mundé	
Quebra-cabeça	para roedores " porcos
Fôjos ou quixô	" veados " ribacã
Arataca	

(Continua na pag. 16)

VERDADE e MODERNISMO na Arte Política

GILBERTO FREYRE

(Conclusão do N.º anterior)

Le Fauconnier, em experiências de pintura cubista do corpo humano, acabou descobrindo um novo ritmo de composição baseado em esquema cúbico-trigonométrico. O mesmo conseguiu Braque. Depois o cubismo ter-se tornado o "fantasma sectário" a que se referem Hansenstein e outros críticos. Hansenstein, porém, vai mais longe em sua análise quase sociológica do fato e comenta que com esse fanatismo "estrelou-se o horizonte" para os pintores que se tornaram fanaticamente cubistas. Mas nunca — adianta ele — "movimento artístico nenhum deixou de ser ismo". Quando se referir-se a movimentos artísticos revolucionários ou reformadores. E tendo sido o cubismo "uma reação dialética aos neo-impressionistas", como o marxismo fora uma reação dialética aos begallistas, não encontrou outro meio de afirmação senão a violência. Ambos foram movimentos fanáticos e sectários violentíssimos. Mas sem esse fanatismo, sem esse sectarismo, sem essa violência, sua revolução teria se limitado a tempestades em copos d'água parlamentares ou em vasilhas de lavar pincéis. Pela violência modernista marxista e cubista abriram caminhos para a modernidade em que começamos a viver hoje, tanto nas artes plásticas como na engenharia social ou na arte política. Sem o cubismo, talvez ainda estivéssemos na fase de arranha-céus em estilo gótico ou em estilo mourico, como os da fase paleotecnica de Nova York, ou na pintura puramente anedótica, costumista, literária, sentimental ou naturalista do século XIX. Sem o marxismo, talvez continuássemos a pretender resolver os problemas de engenharia social com a demência liberal ou com o parlamentarismo do século XIX; os problemas da miséria com a filantropia apenas sentimental.

Com a continuação da violência, porém, e do fanatismo, do sectarismo, do modernismo revolucionário, remédios e médicos teriam destruído o doente antes de lhe curar as feridas. Nas artes plásticas, como na arte política, aquelas revoluções nascidas pelo cubismo e pelo marxismo — as violências renovadoras sucederam-se acordos, transigências, acomodações, concessões, entendimentos entre o violentamente novo e o impensável, o permanente, o eterno, em todas as artes. Derain, por exemplo, não tardou a afastar-se do cubismo, que o salvara do academicismo decrépito, para acentuar-se de relativo equilíbrio ao classicismo em que conseguiu fazer obra já de sabor moderno mas sem nenhum ranço modernista. Em arte política, já haviam começado a fazer o mesmo, políticos de orientação marxista. Políticos que vêm conseguindo, desde os fins do século XIX, conciliar métodos e princípios de sua formação didática com a orientação marxista. Uma combinação de passos de dança livre com movimentos de exercício de ginástica aprendida em colégio. E através dessa conciliação, abandonaram eles a rigidez ou a disciplina modernista e tornaram-se criadores modernos, uns sob o nome de "fabianos" ou "trabalhistas", outros sob a denominação de "socialistas reformistas", alguns até sob a de "socialistas cristãos" ou "solidaristas". Os continuadores desses homens zênitas, que são hoje, não apenas modernos, mas moderníssimos, na arte política de contemporaneidade, enquanto os que se conservam intransigentemente marxistas ou fanaticamente anti-marxistas, são "modernistas" superados já por várias gerações de pós-modernistas.

Escreve William Orpen em *The Outline of Art*, referindo-se principalmente aos cubistas, que seria um erro afirmar-se que, em pintura, as experiências dos extremistas foram experiências sem valor. Técnicamente abriram o caminho para um novo realismo: o realismo moderno que é tão diverso do pré-cubista. E nesse novo realismo, o ensino crítico de "estrutura firme" e "desenho rígido" dos cubistas se combina com uma verdade e uma beleza de cor que

se derivam de inimigos por eles duramente combatidos: os impressionistas ou os neo-impressionistas. O que, sendo exato, como parece ser, indica que, ao contrário da suposição do ilustrado crítico paulista de pintura, anr. Sérgio Millet, a modernidade da arte política, se mantém em se desenvolver através de transigências, contemporizações, acordos, concessões, entendimentos entre vários ou sucessivos modernismos e o que é indestrutível na tradição clássica.

O que Orpen diz dos cubistas, em relação com a pintura moderna, pode-se talvez dizer dos marxistas, em relação com a política moderna. Eles nos enriqueceram a arte política e a arte da administração com "a estrutura firme" e o "desenho rígido" do seu sistema, sobre o qual se desenvolveu a moderna técnica de planificação. Ora, sem a técnica de planificação não se conhece mais engenharia social. Mas não é só: como cubistas políticos, os marxistas puseram para sempre em relevo a antes deles quase esquecida democracia econômica, sem a qual não se conhece mais organização democrática. Ainda mais: eles tornaram dramaticamente claro o fato — como destaca mais de um sociólogo moderno — de que os métodos e princípios capitalistas em vez de leis da natureza, são produtos de arte ou de cultura humana, podendo ser, assim, substituídos por outros métodos ou princípios que correspondam melhor que aqueles à natureza humana, em vários de seus aspectos condicionada, embora de modo algum rigidamente determinada, pelas condições técnicas ou econômicas de vida.

Superado o marxismo pelas teorias e experiências de democracia post-marxista, ultrapassado por elas, exercido por elas, essa superação não nos deve fazer esquecer o fato de que sem a teoria e a experiência marxista não haveria a atual democracia social: nem a cooperativista nem a experimentalista socialista nem a planificadora. São todos tipos post-marxistas da democracia que, em países como a Grã-Bretanha, a Suécia, a Nova Zelândia, a Austrália, a Dinamarca, o Uruguai, os Estados Unidos, já se apresentam com resultados capazes de nos fazer acreditar no inteiro êxito de avanços verdadeiramente revolucionários no sentido de uma nova e complexa organização das relações entre os homens. Por muito tempo, portanto, essa nova organização conservará traços marxistas visíveis ou pronunciados, embora unidos a outros traços — inclusive os cristãos — em combinações que Marx não previu. Não previu nem desdesejou. Combinações impostas, umas pelos desenvolvimentos sociais de novas condições técnicas que o grande e arguto judeu — tão grande e arguto caberia hoje em países partido marxista, tão arguto que provavelmente não seria hoje nem leninista nem trotskista — não chegou a entrever ou a considerar, enquanto o largo emprego da eletricidade nas indústrias e na vida das comunidades modernas; outras, conseguidas pela arte de conciliação de antagonismos ou de extremismos em que são mestres, ainda mais que os pintores capazes de combinar cubismo com impressionismo, os políticos capazes de combinar materialismo econômico — que, aliás, não deve nunca ser confundido com o materialismo vulgar — com idealismo cristão, parlamentarismo britânico com tecnicismo vebliano.

E é o que se vem verificando nos últimos decênios e continua a se verificar nos nossos dias, inclusive, como é do conhecimento de todos, dentro da própria Rússia: a superação dos modernismos políticos do século passado e dos começos do atual. A superação do revolucionário revolucionário pela modernidade criadora.

Entre os modernismos superados, aquele que venho considerando o equivalente político do cubismo e que, pela sua ação violentamente revolucionária das teorias e dos métodos capitalistas de ocupação e representação do espaço social, foi, ao meu ver, o maior de todos: o marxismo. Superado — acentue-se bem — e não destruído. Superado, Conciliação de critérios: principalmente do critério da tradição com o de experimentação.



Pablo Picasso — A cadeira e as flores

Tal tem sido essa conciliação que desde a vitória do Partido Trabalhista na Grã-Bretanha já nos podemos considerar, em assuntos de engenharia social, no início de uma dessas fases de modernidade criadora que quadros simplistas não podem e violentamente revolucionários.

Alguns característicos da fase post-marxista de teoria e metodologia democrática em arte política e em engenharia social, já podem ser reconhecidos. Um deles — a "acumulação sistemática de fatos sociais" — em que a Sra. Helen Merrell Lynd vê, com inteira razão, em livro recente, um dos desenvolvimentos mais significativos na política de transição britânica do liberalismo econômico para o socialismo democrático de hoje — é de especial interesse para os que se preocupam com o estudo sociológico dos problemas a serem enfrentados e, se possível, resolvidos, pela arte política e pela engenharia social dos nossos dias, depois de situações e escla- recidos, pela sociologia e pelas demais ciências do homem. Pois sem esse estudo — e sem outros estudos de caráter científico dos mesmos problemas — não se faz obra sólida de organização ou reorganização em sociedades complexas como as modernas, rebeldes a quanto cubismo político, sociológico ou econômico parte do princípio de que sua doutrina linear ou abstrata já é a síntese das sínteses e dispensa esforços de análise: a não ser os destinados a confirmações agradáveis do que está escrito em livros como que sagrados, obras de grandes profetas ou de grandes revolucionários necessários mas insuficientes: indestrutíveis mas ultrapassados.

Há dez anos, falando aos estudantes de São Paulo, foi este o meu tema. Procurei então alertar a inteligência da gente mais nova desta parte do Brasil contra a suficiência doutrinária dos simplistas de qualquer espécie. Continua a ser esta uma das minhas maiores preocupações.

Fique bem claro, entretanto, que não se trata de opor à arte política a ciência política ou à engenharia social a ciência social como se nessa oposição estivesse outra solução messiânica para os problemas da nossa época. Sou dos que de modo nenhum acreditam em política científica; dos que de modo nenhum desejam a substituição do político, que deve ser principalmente um artista ou um engenheiro social, pelo cientista. Este cientificismo foi um dos característicos do marxismo nos seus dias mais estáticos na Europa, hoje revidados na América do Sul pelos representantes retardados de uma doutrina já superada em tan-

tos pontos por outras doutrinas. Consideram-se eles os donos de uma "ciência certa, ou da "única ciência verdadeira" com a qual fácil lhes seria concertar todo o mundo e seu Pai. Fora dos marxistas retardados creio poder afirmar-se que não existe hoje, entre políticos, mistica científica; aquela, mistica científica que, no Brasil, teve, nos últimos anos do século passado, tão grandes entusiasmos: o já lembrado Pereira Barreto aqui em São Paulo, por

exemplo; em Pernambuco, o também já recordado Martins Júnior, modernista de fim de século que foi um verdadeiro lírio na sua crença na "política científica" ao mesmo tempo que na "poesia científica". Fracassou estrondosamente em ambas, para ser recordado hoje pelas boas páginas que escreveu sobre história do direito e pelos bons exemplos que nos deixou de atitudes e de honestidade. Mas não é de admirar. Na própria Europa e nos Estados Unidos, houve quem supusesse que depois de Comte ou de Darwin, de Spencer ou de Marx, tudo se resolveria em política e em ciência social através da aplicação aos problemas humanos de conceitos ou métodos de ciência marxista. Através do quantitativismo, denunciado vigorosamente por Ritchie e hoje repellido pela melhor ciência social.

Do que parecem estar convencidos as inteligências mais lúcidas que se preocupam com os problemas de organização ou reorganização social é de que tais problemas exigem soluções sociais; mas através de meios políticos que não são, nem podem ser, principalmente científicos, mas principalmente artísticos. Pois o dia do político, que é essencialmente um artista, não passa, e talvez não passe nunca. Nem o cubismo matou o artista nas artes plásticas substituindo-o pelo geométrico nem o positivismo ou o marxismo destruiu na política a figura do artista político, substituindo-o pelo técnico ou pelo cientista da administração. Como artista, o político é hoje, uma figura tão viva, tão necessária, tão moderna, como nos melhores dias da Grécia ou da Roma. Como cientista é que ele foi um modernista necessário mas superado. Necessário para trazer à arte política o contato com a ciência, admitido, como está hoje, que sem esse contato a arte política pode degenerar em burocracia sociológica. O ideal é que o político, o artista político, seja hoje um homem de formação não apenas jurídica ou legalista, mas principalmente científica ou técnica — como é o caso de Henry Cripps, químico, o de Stafford Wallace, agrônomo, e de

Bevin, operário, o de Benes — sociólogo — mas sem que sua formação científica ou técnica seja sua única recomendação para o serviço público e para a atividade política. Sua principal recomendação para a atividade política deve ser sua capacidade para exercê-la, como artista. Ou como político. Pois política é arte, é dança, é ritmo e quem for incapaz de arte, de dança, de ritmo pode passar pela política como um grande modernista revolucionário — violento, duro, hirtio; nunca com o vigor e, ao mesmo tempo, a graça de um moderno de todos os tempos que pratique a sabedoria da contemporaneidade sem sacrificar o essencial das harmonizações ao simplesmente formal.



A PROPOSITO DE, ETC

Continuação da pag. 7) Assim, já hoje, considerado o clássico dos escritores brasileiros. Ele, interpretou e viveu, melhor do que ninguém o Rio de Janeiro do seu tempo. Suas obras refletem os costumes e os aspectos da metrópole nos dias coloniais. Os seus livros, estão empregados por assim dizer, da alma do Rio daquele tempo, e constituem mesmo um documento vivo e talvez o mais valioso para o estudo da sociedade carioca daquela época. Regionalista, também o foi em certo sentido. Éca de Queiroz, o grande escritor lustrano. E, por falar em José Lins do Rego, desejaria a essa altura, fazer alguns reparos de crítica, que deixarei para outra oportunidade. Apenas, aqui nesse ligeiro ensaio, quiz explicar certas afinidades de temperamento e de sensibilidade entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego na interpretação da vida social do Brasil.

O Ensino Secundário Brasileiro

(Continuação da pag. 20)

rente libertária, não nos esqueçamos de que a liberdade é um fim a atingir e não um princípio. No princípio está Deus. Substituir Deus pela palavra liberdade é incorrer naquele velho erro já apontado, em 1932, por Daniel Rops em seu livro "Le monde sans âme": "A natureza humana está de tal sorte feita que reclama imperiosamente a existência d'um absoluto; se não o coloca em Deus, o glorificará em si mesma, seja no indivíduo, seja nos conceitos dele derivados, como a raça, a Nação e o Estado". Os fascistas glorificaram-se na religião do sangue e os comunistas dedicaram o Estado de Julio Meinvielle, um dos divulgadores argentinos da doutrina tomista, no seu livro "Concepção Católica de la Política" assim responde aos que indagam — porque a soberania vem de Deus? "Porque sem a soberania não é possível a sociedade política. Sem a sociedade política não se atualizam as virtualidades sociais que Deus depositou no seio da natureza racional. Logo Deus, que depositou estas virtualidades, instituiu também a sociedade política e a soberania pelas quais aquelas se atualizam".

No instante em que vos falo, o mundo continua a traír a memória de um homem que exerceu a soberania em toda a sua plenitude democrática. Franklin Delano Roosevelt, em um testemunho filial recentíssimo, sonhava com um após guerra capaz de melhorar o padrão de vida de todos os povos da terra. Empenhou-se, com santa determinação, para conseguir um compromisso das grandes nações no sentido de promover "a educação de todas as deprimidas áreas coloniais da retaguarda, no mundo inteiro". E disse muitas vezes para seu filho, capitão Elliot Roosevelt, que as pequenas nações quando tivessem alcançado a maturidade, teriam direito de alçar-se à soberania não somente política como econômica.

A ADVERTENCIA DE CHARLES PEGUY

Quando estamos reciosos de que estas ideais tenham sido sepultados com Roosevelt, mais uma vez vem ao nosso espírito o pensamento lúcido de Charles Peguy que parece soar aos nossos ouvidos como uma ponderação e uma advertência: "O ensino secundário, por mais desmantelado que esteja, é, todavia, a cidade, o reduto da cultura na França". E nós, autodidatas que aprendemos, guiados pela intuição, a manusear os livros, estamos certos de que o ensino secundário brasileiro será o reduto, a cidadeela renovada pela vossa cultura. Só assim, com essa disposição missionária — que a profissão do magistério já indica possuídes, profissão anônima e bela como os lírios do campo, lírios que nesta época, na imagem de García Lorca, se assemelham às repadas — só assim, iamais dizendo, poderemos ser fiéis à tradição dos nossos melhores antepassados e corresponder à esperança de vida da juventude que idéas ensinam. Ensinam, educar e não simplesmente transmitir a letra fria dos programas.

Minhas senhoras e meus senhores: antes de concluir eu vos peço desculpas não só pela franqueza de meu pensamento, mas, também, pela rudeza de minhas palavras.

A vós, minha querida alunas, não preciso estender esta gentileza porque elas foram preferidas dentro daquela mesma linha de pensamento das nossas aulas, isto é, na qualidade de um estudante mais velho que teve a feliz oportunidade de conviver convoso durante um ano. E para justificar o meu desejo de continuar a ser um simples estudante, eu vos deixo, como despedida, o eco harmonioso da voz de Pascal: "Toda a sucessão de homens, durante a longa sequência dos séculos, deve ser considerada como um só homem que subsiste sempre e que continuamente aprende".

PINHEIRO MACHADO, o ESQUECIDO

Costa Porto

Pouco mais de trinta anos após o "magnífico" do Hotel dos Estrangeiros e Pinheiro Machado se apresenta, no rigor do termo, como "um homem do passado". O político que, em toda a história brasileira, enfeixou nas mãos maior soma de poderes, lembrando, sob muitos aspectos, o papel de Paraná, no Império, o chefe de grupo a cuja palavra de ordem se moviam os situacionismos estaduais, o Congresso, o próprio poder Executivo, mergulhou no esquecimento e na indiferença, sendo lembrado, apenas, pelo mal que se diz de sua memória, das deturpações do regime, da ditadura branca a que submeteu o país, das "degola" monstrosas que tanto aviltaram o sistema representativo durante seu consulado. E mais uma vez o persegue o espectro de Rui: enquanto avulta e se projeta a figura estupenda do baiano, na grandeza e no traço retinido de "romeiro de um ideal ludibriado", vai aparecendo, também, o perfil do gaúcho, mas como negação de tudo quanto forma a moldura do chefe civilista. O pinheirismo, como negação do ruismo, como o anti-ruismo, o polo oposto dos princípios fundamentais que alicerçaram a pregação doutrinária e o idealismo republicano do adversário temível.

E não se imagine que seja este esquecimento a atitude característica das gerações que não conheceram o gaúcho, que lhe não sentiram a influência, que lhe escaparam, à chefia abscissa. Os próprios companheiros de cruzada não se apressaram em desfazer-se da sombra incômoda, que não conseguiu perpetuar-se duradouramente, afundando-se no eclipse que envolveu os escombros do P. R. C., aniquilando a ausência do fundador e guia. Prova eloquente desta obliteração do signo de Pinheiro dá-la o próprio Marechal Hermes. Ninguém melhor estereotiparia a paisagem política do pinheirismo do que o ex-presidente, que encarnava, materialmente, os processos e a maneira de agir do gaúcho. Deixando o governo, marcado pela repulsa popular que visava menos à sua pessoa do que o espírito que ele simbolizava, Hermes, cinco anos depois, surgiu empolgando a opinião pública, ao enfrentar, meio quicqueto, o intervencionismo de Epitácio: preso e perseguido, o marechal se torna alvo da admiração coletiva, solidária com sua posição na defesa da autonomia dos Estados. Menção o agitador do Clube Militar se agita como baliza de uma orientação que era precisamente o contrário de tudo quanto ele mesmo permitira, quando se curvava ao gigante de Pinheiro: e batendo-se contra a propalada intervenção do Catete na política de Pernambuco, Hermes evidenciava que o legado de Pinheiro era péso incômodo e insaturável.

Entre os próprios marechais do P. R. C., a sombra do gaúcho se enfumara, pertencendo a um passado que todos repeliam. Mas, por que não conseguiu o pinheirismo subsistir ao desaparecimento do construtor e por que, poucos anos decorridos, não permaneceram, sequer, os vestígios da força que foi a mais ponderável na história da República? Talvez seja possível explicar a anomalia, analisando-se os fundamentos mesmos do edifício que se apoia em alicerces de solidez apenas aparente.

Em primeiro lugar, o pinheirismo, de que o P. R. C. era a expressão mais viva, tivera o grande erro de cimentar-se menos em idéias e programas do que em homens. Mais concretamente: apoiava-se em um homem, nas suas qualidades mestras, na "força irresistível de quem nasceu para mandar", no personalismo violento de uma dignidade soberba, que não agia às cegas e, sim, com a constância rija de quem persegue a vitória a qualquer preço. Apoiava-se em Pinheiro e somente nele.

Ora, se a força do Partido, se a razão dos seus triunfos, a origem dos êxitos alcançados repousavam sobre os ombros do gaúcho, a sua queda acarretaria, fatalmente, o colapso da organização, não restando outros alicerces que sustentassem o péso do bloco que se esmagaria. Daí não espantar que o P. R. C. cedesse à brusca perda da vigia mestra, o único pilar que o amparava. Mas se o individualismo de Pinheiro explica o fracasso do P. R. C., não explicará, porque sua obra tão depressa mergulhou no esquecimento: tal fenômeno deverá ser esclarecido por outras causas e a primeira será a constatação de que Pinheiro foi um homem cuja vida superou excessivamente a própria obra.

Não tendo sido um "introverso", ele derramou a "extroversão", entretanto, em trabalho dispersivo, de que nada ficou permanentemente para alistar-lhe a imensa capacidade realizadora. O material de que se utilizou foi o areal movediço: deleitou-se em construir bonitos castelos de areia no longo das praias e as ondas lambeiram-lhes o penoso das edificações lentas, reduzindo-as a montão de ruínas imprimeáveis e efêmeras.

Nada deixou escrito, por onde aquilatar-se, — se o teve definido — o arcabouço de idéias, de concepções, de planos objetivos na maneira de encerrar os problemas. A palavra, falada ou escrita, preferia a ação tumultuária e misteriosa dos bastidores e, tendo "o mau hábito de não conservar papéis", seu arquivo não nos ajuda muito a apreender a repercussão das suas atividades no círculo largo dos amigos e companheiros de luta. Pôde tudo, — em certa fase da República, e não pôde obra, monumento, a firmeza concreta que lhe perpetuasse o nome: sua atuação não despertou entusiasmo no país,

que ele teve cativo aos pés e em tudo se evidenciava a falta de afinidades que o ligassem à coletividade, cujos interesses zelava a seu modo, sem se dar ao trabalho de examinar se estava atendendo aos reclamos verdadeiros do Brasil.

Por mais que se pretenda exaltar-lhe a figura excepcional, uma coisa é certa: Pinheiro nunca tratou de convencer a opinião de que se preocupava com seus interesses reais e ali está uma das razões por que ele sempre esteve longe da coletividade, de que o separavam abismos de mútuas incompreensões.

Para ele, como que havia dois planos estanques e irredutíveis: um, onde rastelava o povo, que devia ser conduzido a modo de carneirada sem vontade e outro, onde pairavam os chefes, cuja decisão bastava para conduzir a massa que, lá fora, se estendia amorfa e abóbica.

Buscar, certo, em outros tempos, o ópio da consagração popular, como na fase em que fez oposição a Prudente de Moraes, quando o seu apanho das multidões e ele sentia prazer em ser apontado como o elemento capaz de "fazer sair a procela da rua".

Cedo porém, se desencanta da solidez e firmeza da aura pública, sentindo especial satisfação em agir em permanente acinte à opinião.

"Nunca cultivei a popularidade, teria a coragem de dizer este líder gritantemente antidemagógico, preferindo sempre, para juiz, de minhas ações, a minha consciência".

Porisso é que Glicério lhe observava, entre galhofeiro e objetivo, em palestra íntima no Senado: "Pinheiro, estou vivendo de tua impopularidade" — frase que o gaúcho repetiria com certo orgulho, respondendo ao prócer bandeirante.

Não que ele fosse, propriamente, o aristocrata com o misticismo e o tabu dos "intocáveis", vendo o povo como inexpressiva manada de párias, sem outro destino além de ser comandado passivamente.

Em certas ocasiões, teria mesmo desabafos que, em nosso tempo, passariam por fina flor da demagogia, como quando dizia no Senado: "Os direitos dos que trabalham, dos que moagem, dos humildes, são esquecidos neste regime de desigualdade". E apelando para Rui que o confirma com um assentimento de cabeça: "Não são novidade para o ilustre Senador pela Bahia os sentimentos que acabo de externar, porque S. Excia. sabe perfeitamente que sempre assim pensei".

Mas defendendo o que lhe parecia ser fundamental para a estrutura do regime, ocorria-lhe, de comum, colocar-se em posição que não era bem aceita pelo país: e corajosamente não recuava um passo, não transigia, não cedía uma polegada, convencido, como se expressava em discurso no Senado, de que "a integridade das instituições não pode estar à mercê da versatilidade demagógica das correntes populares".

Não era propriamente anti-democrático, mas a concepção de chefia, de direção, de liderança, fazia com que tratasse dos problemas nacionais a seu modo, conduzindo e nunca se deixando conduzir, traçando normas e nunca aceitando pressão de fora.

Os laços que o uniam ao povo firmavam-se assim, em mera relação de dependência: ele mandando, o país obedecendo, sem nenhuma finalidade afetiva com o público e nos atos mais comensais "fazia o desporto da impopularidade".

Na árvore que dominava a floresta, a opinião não descobria a sombra de desse agasalho, mas apenas espinhos e véspas. Na água que alheava vóo, a Nação nunca sentiu o carinho de asas protetoras, não percebendo, senão, "o bico adunco e agressivo".

Com as qualidades marcantes de que era dotado, poderia ter sido um grande condutor de massas, principalmente naquela época em que não haviam elas adquirido a consciência da própria força. Mas Pinheiro preferia cambalar, dirigindo o país através do partido que não passava de mera abstração.

Nos momentos incertos da vida brasileira, todos os ouvidos e todos os olhos se voltavam para o Mórro da Graça, procurando captar as diretrizes que "lhe pendiam dos cílios semicerrados de sobra indiano: era a hora de tornar-se povo, disciplinando, mas também procurando consultar os desejos nacionais. Ao menos fingido que atendia ao mínimo das esperanças do país, entregue aos seus caprichos.

Em vão. O gaúcho se fazia insensível ao clamor desesperado do Brasil, não ouvindo senão os ecos dos interesses partidários. Na fantasia em que dramatiza o encontro da viúva de Sérgio com Obolensky, Felício Terra imagina este diálogo sugestivo:

"Então o crime do grão duque era ser príncipe?"

"Ser príncipe? Tuas questões me atorçam. Ser príncipe não é crime: o crime é não ser povo". Al estava ser povo, leimando, não raro, em ser anti-povo, pelo quase sadismo com que forcejava por afrontar a opinião pública, saboreando, intimamente, o gosto de ser impopular.

Quer-se obedecido, temido, fazendo pouca questão de ser amado. Nunca fez política das multidões insistindo, ao contrário, em provocar os odios recalcados do país. Assim agindo, de certo modo se contrafiava, porque, embora pareça paradoxal, Pinheiro era, substancialmente, uma grande alma, nobre, generoso, com rasgos de cavalheirismo, mesclados, por vezes, com tintas escuras a que o forçava o jogo das competições políticas. Não se lhe conhece uma torpeza, uma vingança, um ato mesquinho contra inimigos, salvo nos casos políticos em que o lema era "matar ou morrer". A exaltação partidária, entretanto, não lhe obliterava a visão dos valores humanos e sua vida está

cheia de lances sentimentais, muito gauchescos, de resto, em homenagem a adversários vencidos, como no incidente Rui-Halsbocker.

Contraditório e proteiforme, casava, entretanto, a generosidade de coração com a dureza de jogo com os homens como se fossem números, obstáculos, de quem, para atingir os objetivos, jogava os seus homens como se fossem números. Nestas horas o Ariel que havia no gaúcho cedía terreno ao Caliban que "devia comer o seu pão", não levando em conta a sorte dos que tinham de ser esmagados.

Neste dualismo sombrio, em que entestavam o "demonio que rugia e o Deus que chorava", talvez a razão estivesse com Mário Rodrigues, quando o definiu "um bom que a miséria dos sindicatos políticos brutalizava".

É possível mesmo se lhe houvesse anestesiado a sensibilidade patriótica, anulando-lhe as energias construtoras, a cegueira pelos amigos não lhe permitindo enxergar os abismos gerados pela sua ditadura absorvente.

Sua obra fragmentária, de eterna tentativa para galvanização de forças instáveis, não dá idéia do que foi a ação catalítica de Pinheiro, um realizador cuja construção seria superada de muito pela própria vida.

Tanto vale acentuar que, para compreender, seria preciso apanhar-lhe a psicologia, complexa, tarefa tanto mais difícil quanto o gaúcho pouco deixou que permitisse a análise, esclarecedora de sua atuação.

Para análise do papel de Rui, por exemplo, aí está o imenso material que lhe corporifica as atividades na política, no parlamento, no jornalismo, nas letras, na filologia, no direito, no foro, nos debates acalorados, em que defendeu os princípios norteadores de sua conduta. Em cada página, em cada corte vertical deste terreno riquíssimo em traços definidores, o pesquisador não tem dificuldades em reconstruir o perfil do grande estadista, cuja vida encontra cabal explicação no exemplo do quanto fez pela vitória da democracia republicana.

Em derredor de Pinheiro, o que existe é o vácuo e é esta ausência de elementos que tem dado a asse que os observadores sintam dificuldades para justificar o fenômeno do consulado, absoluto que exerceu na vida republicana, sobretudo durante o governo militarista.

A crença generalizada era de que Hermes era simples sombra, um autômato nas mãos do gaúcho. "Governante governado", dizia-se do Presidente e Rui perpetua a pecha depreciativa, quando, devolvendo o lamaca da política, gem governista na Bahia, escreve ao Marechal:

"Como V. Excia. foi quem ordenou a reposição — e acredito que V. Excia. continue a ser o Presidente da República". (Carta de 25-1-1912).

E Barbosa Lima, em discurso de combate na Câmara, sustentava que o "Senhor era um cofre, cujas chaves estavam nas mãos de Pinheiro Machado".

O que se ajusta à exclamação de Maurício de Lacerda: "O governo é o sr. Pinheiro Machado".

Fazia-se mistério, assim, explicar esta ascendência indiscutível e para desfiar a meada, recorre-se àquela conceito de Euclides em relação a Floriano Peixoto: também o seu triunfo não teria abrochado "de uma preeminência natural, mas da depressão coletiva que ele surpreendia. Não era um cimo que se alterasse da planície: era a planície que, pelo estranho senso do contraste, ficava a cavaleiro das grutas, onde os lagartos rastejavam", seria a conclusão de Mário Rodrigues.

Aparentemente sedutora, a explicação não resiste à análise serena dos fatos e se revela, ao exame do estudioso desapassionado, falsa e ilusória.

Em aprofundada a realidade, esta ordem de considerações levaria a conclusões inteiramente opostas: no mundo político em que atuou, tudo, concorreria para jogá-lo nos grotescos, onde medravam os lagartos, enquanto os companheiros — amigos ou adversários — deveriam alpinizar-se nas culminâncias de um talento que ninguém lhes contestava.

Em verdade, a fase em que o gaúcho fez avultar sua chefia incontestável está longe de ser a "época sem fisionomia", que tanto assombrava Torres Homem: é sim, um dos períodos de mais intenso fulgor externo, de brilho, de vivacidade.

Quase dois que haviam demolido o trono ou suscitado a geração que o império legara à República nascente ganhara, em autoridade e amadurecimento, o que poderia ter perdido em ardor combativo. Quando ele ensaiava os seus dias de domínio, imperava, na política brasileira, a estentado as oscilações do novo regime. Como negar "fisionomia", a uma quadra em que há Rui, Prudente, Quintino, Gilberto, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Ubaldo, Senra, Bernardino de Campos, Bulhões, Rosa e Silva, Azevedo, Lauro Müller, Nilo, Albuquerque Lima, Venceslau, Bueno Brandão, João Pinheiro, José Marcelino, Severino Vieira, Alfredo Ellis, uns poucos da "via látea" brilhante da vida política nacional?

Foi neste ambiente que Pinheiro se agigantou e seria infantil imaginar que se alterou porque, em derredor, os montes se aplainaram.

(Cap. do livro em preparação: "Notas sobre Pinheiro Machado")

Mala do Estrangeiro

NOVIDADES LITERÁRIAS
DE LONDRES

Da Inglaterra

"The First Romantics", de Malcolm Elwin; "The March of Literature from Confucius to Modern Times", de Ford Madox Ford; "Isen the Norwegian", de Miss Bradbrook; "Innocents", de Miss Barker; "Sophocles' play, the Trachinian Women", tradução de Gilbert Murray e "A Handbook of Printing Types", de John Lewis, são as últimas novidades que apresentam as livrarias britânicas.

Em "The First Romantics", Malcolm Elwin assinala as vidas dos poetas Wordsworth, Southey e Coleridge, fugindo o autor das normas biográficas comuns, para se dedicar à interpretação da infância, juventude e adolescência dos poetas do lago. Edmund Blunden sobre "The First Romantics", diz: "o autor se movimenta bem entre o povo, as cenas e os acontecimentos que recorda e se firma em farta documentação".

Sobre "The March of Literature from Confucius to Modern Times", Scott-James escreve que Ford Madox Ford conduziu os leitores em prodigiosas aventuras através as mais estranhas



O poeta W. B. Yeats — desenho de J. S. Sargent

literaturas do mundo, numa sequência que não entendia e que se consome rapidamente, apesar de suas volumosas páginas de Confucius a Shaw.

A. V. Cookman considera o estudo de Miss Bradbrook sobre Isen, como uma das mais valiosas contribuições ao estudo do norueguês, a sua vida e a sua obra, enquanto Marie Hannah em artigo sobre "Innocents", de Barker, afirma que a autora com o senso da forma e o dom de situar a palavra no

seu devido lugar, sem excessos literários impressionistas, realizou um impressionante estudo sobre as reações mútuas da inocência e da experiência, jogando com observações sobre conflitos com os acontecimentos, anças e adultos, nos seus contos.

Uma das publicações que maior aceitação vem tendo da parte do público inglês, é sem dúvida "Life in Russia", de John Lawrence que foge das perigosas generalizações que banalizam os globe-trotters. Não há propósitos políticos em seu livro sobre a discutida União Soviética, mas uma exposição da vida comum russa, surgindo o povo, os políticos e a política é medida de sua interferência nos raios de observação do autor.

Igualmente vem contando com as preferências do público, "Thoughts on the Constitution", uma vez que L. S. Amery se devota a uma lúcida interpretação sobre a posição interna dos britânicos em face do governo. Com cinquenta anos de experiência ministerial e parlamentar, Mr. Amery aponta as sugestões que a guerra última está introduzindo aos sistemas governamentais e de um modo particular entre as relações dos britânicos com a Commonwealth.

Notas a lapis sobre CASTRO ALVES

José Gonçalves de Medeiros

NOTAS A LAPIS SOBRE CASTRO ALVES

Assim, na cena XV do seu drama "Gonzaga ou a Revolução de Minas" o personagem Luiz exclamou ante os inconfindos com os quais ia marchar para o fracasso certo da revolução delatada: "E nós também somos brasileiros, e nós também somos revolucionários e nós também somos mártires! Carlota, ao banquete da morte! porque o sangue dos escravos dos homens é irmão do sangue dos escravos dos povos, ambos caem na face dos algozes, ambos clamam vingança ao braço do futuro".

O trabalho a que se atiravam os abolicionistas era o de interromper a todo custo e por qualquer preço a opressão. E tanto era este o seu fim quasi único que Joaquim Nabuco observou:

"A verdade porém, é que a corrente abolicionista parou no dia mesmo da abolição e no dia seguinte refugia". (**)

Mas, queremos acreditar que se houve efeitos desastrosos com esse refluxo tão rápido, com essa tão apressada desintegração, mais graves seriam as consequências se a libertação dos escravos não se tivesse positivado tão logo com a chamada "Lei Áurea", se os poderosos tivessem agido no sentido de retardá-la.

Mesmo imperfeita e incompleta temos que considerá-la justa.

Havia da parte de todos uma ansiedade incôntida que está bem fixada neste diálogo ainda do "Gonzaga e a Revolução de Minas", escrito por Castro Alves quasi vinte anos antes da abolição:

Luiz (a Gonzaga) — Senhor, eu procurava uma filha, agora procuro duas: — Carlota e a Revolução.
Gonzaga — Sim; liberdade a todos os braços! Liberdade a todas as cabeças."

A fórmula já então era universal e não particular. Impunha-se uma revolução, não pela liberdade apenas do braço escravo do negro brasileiro, mas pela libertação dos braços de todos os negros que por ventura fossem cativos no mundo.

Libertação que fosse extensiva também às cabeças, também ao pensamento e à mentalidade dos negros.

Uma emancipação material e intelectual, uma cruzada que se não foi levada até o fim como o poeta desejou, não foi por culpa sua.

Ainda no drama a que estamos nos referindo, no fim da cena III, ouve-se "uma voz que canta ao longe", voz de negra infeliz, quasi fãtoma de alma penada:

"Eu sou a pobre cativa
"A cativa d'além mar"
"Eu vago em terra estrangeira
"Ninguém me quer escutar."

"Tu que vais a longes terras,
"O viajeira andorinha
"Vai dizer a minha má
"Que eu vivo triste e sózinha."

"Mas diz à pobre que espere,
"Que o vento me há de levar,
"Quando eu morrer nesta terra,
"Para as terras de além mar."

O escravo não deixou de alimentar a esperança de um regresso à África, pelo menos um regresso do espírito, depois que o corpo morresse. Um retorno triunfal, levado pelos ventos que um dia tangeram as velas dos barcos negreiros das "terras de além mar" para o Brasil.

Mas, aos pobres negros, tristes e sózinhos, os abolicionistas prometem reabilitação, lar e dignidade humana, nestas palavras de Gonzaga, no mesmo drama:

"Não, pobre cativa, tu não gemerás até a morte.

Não, tu não irás como tuas companheiras atirar-te um dia nas lagoas, crendo que vais reviver em tua pátria. Não infeliz! Em breve, sob estas selvas gigantes da América, a família brasileira se assentará como nos dias primitivos... Não mais escravos! não mais senhores! Todas as fronteiras livres poderão mergulhar o pensamento nos infinitos azulejos, todos os braços livres hão de sulcar o seio da terra brasileira.

Luiz, pobre desgraçado! deve ser um dia sublime aquele em que as crianças souberem o nome de seus pais, porque suas mães serão esposas e não meretrizes... em que as virgens murmurarem sem pejo o nome de seus amantes, porque não serão mais poluídas pelo beijo dos senhores devassos... em que os velhos sentados à beira dos túmulos abençoarem sua geração, porque a única ignominia deixará de os acompanhar através dos séculos como o ferrete do judeu maldito!..."

Um tanto barrôco e retórico, Castro Alves demonstra porém a sua preocupação muito séria pelo destino dos negros sem se fixar apenas no aspecto caridoso de um simples ato que os declarasse libertos.

O amigo dos desgraçados morreu antes de ver os negros livres. Sua voz, o sóro contagiante de sua poesia, o arrôjo de suas atitudes e a grande popularidade que com tudo isto logrou, ajudou de maneira extraordinária a campanha da Abolição, que focalizou com notável descortino e antecedência em todos os aspectos essenciais.

Em quasi todo o drama "Gonzaga e a Revolução de Minas", a sua revolta é maior con-



Castro Alves aos 16 anos — desenho de Rosa

Maria de B. Carvalho

tra a escravidão do que contra a famosa cobrança dos "quintos de ouro".

Ganha nova força a expressão de sua poesia e de seu pensamento a serviço da boa causa no teatro, e põe na boca, ora do escravo Luiz, ora do inconfindo Gonzaga, as mais fortes recriminações contra a exploração servil do trabalho do negro, considerado simplesmente "como alguma coisa que está entre o cão e o cavalo", esta "alguma coisa" a quem só eram impostos deveres pesados e nenhum direito como reclama Luiz na cena III:

"Não tinham propriedade — um era a fazenda do outro. Nem mesmo Deus eles tinham, sim! Porque um resto de idolatria pelos fetiches do Congo, misturado com um bocado de história de felicitos e um copo d'água benta que um padre lhe atirou à cabeça não era religião. O Deus deles?... Tinham-no ainda um no outro... nestes longos suspiros em baixo das bananeiras da fonte, nestas conversações nas horas do luar nas solidões, nas lágrimas que caíam juntas para o chão, nos olhares, que se levantavam juntos para o céu".

Não sabemos de nenhum poeta, nacional ou estrangeiro que abordando o problema dos negros, tenha tido por eles mais enternecida e profunda simpatia, mais espírito de compreensão para as suas dores, e dentro dos limites reduzidos do teatro, tenha fixado tão honesta e largamente a dimensão do problema, analisando-o, por assim dizer, em todas as direções, modalidades, aspectos e consequências.

Se não fez tudo, talvez não pudesse ter feito mais. E são raros mesmo os que atingiram sua altura.

Capítulo de uma monografia sobre Castro Alves, premiada pela Diretoria de Documentação e Culturas da Prefeitura do Recife.

(*) Jorge Amado em "A.B.C." de Castro Alves — pág. 138.

(*) Joaquim Nabuco — "Minha Formação".

(*) Artigo de crítica inserido no 2.º Tomo das "Obras Completas de Castro Alves".

(**) Joaquim Nabuco — "Minha Formação".

(*) Hermes Lima em "Notas à Vida Brasileira" — edição Brasileira — 1944.

(*) — (**) Afonso Arinos de Mello Franco — "Conceito de Civilização Brasileira".

(*) Ronald de Carvalho — "Pequena História da Literatura Brasileira".

(*) Hermes Lima — "O Pensamento vivo de Tobias".

(**) Carta de Tobias a Silvío Romero, inserida no "O Pensamento Vivo de Tobias" — Hermes Lima.

★ ★ ★

* COLEÇÃO MENINA E MOÇA: nesta coleção destinada a juventude feminina, foi considerada pelo escritor católico Alceu Amoroso Lima, "uma iniciativa altamente louável", surgem agora mais quatro romances: "O Quarto Misterioso", de Mário Donal, tradução de Rachel de Queiroz; "Os Louros Fantasmagóricos de Soudrac", de Jacqueline Duché, tradução de M. J. Pinto;

x x x

* REEDIÇÕES: "Banguê", terceira edição do romance de José Lins do Rego, que agora aparece em volume de formato maior na série das suas obras escritas entre 1932 e 1943; "Clarissa", sexta edição do primeiro romance escrito por Erico Veríssimo.

The Great Western Of Railway Company Limited.

SERVIÇOS DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dobro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão disticadas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os disticos usados.

A falta de disticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso
COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, de 1947.

A ADMINISTRAÇÃO

GÊNESE de "JEAN-CHRISTOPHE"

Américo de Oliveira Costa

RIO GRANDE DO NORTE — "Jean Christophe" teve sua publicação iniciada em 1904, nos "Cahiers de la Quinzaine", fundados e dirigidos por Charles Peguy, concluindo-se a edição dos seus dez volumes em 1912. Os primeiros capítulos haviam sido escritos em uma vila da Suíça, em 1897; "Adolescência", em Zurich; grande parte em Paris; outra na Itália; "Antonieta", em Oxford; e foi terminado em Baveno, a 26 de junho de 1912, sendo da Livraria da primeira edição completa. É da Livraria do Globo, como se sabe, a edição brasileira, há 4 anos, em cinco volumes.

Romain Rolland tinha, então, 38 anos, nascera em 1866.

"Jean Christophe" surgia com o sentido e o rumor de uma mensagem nova, na arte do romance, transcendendo mesmo as suas proporções, projetando-se como uma reação humana, moral, espiritual. Em torno do escritor, como ele próprio descreve, movia-se um mundo moral inimigo. E despertou, em toda a Europa, simpatias e entusiasmos simpáticos.

Em confidência feita, posteriormente, a Stefan Zweig, disse Romain Rolland que, com aquela obra, tentara cumprir um triplice dever: sua gratidão à música, sua profissão de fé na unidade europeia e um brado aos povos para que refletissem.

Objetivando o seu intento, não votara apenas os seus personagens, à semelhança dos de "Clerambault", à "paixão da luz", — como assinala o crítico René Lalou. Criara, sobretudo, um homem. E de janeiro de 1909, no prefácio de um dos seus volumes, esta definição: — "Que é, pois, esta obra? Um poema? — Para que precisais de um nome? Quando vês um homem, vós lhe perguntais se ele é um romance ou um poema? Foi um homem que criei". Atitude que o coloca bem no centro das linhas especiais da literatura francesa, de Montaigne e Pascal a Gide e Sartre, com escalas por Balzac e Stendhal, e tal como a fixou Duhamel, em "Défense des Lettres": — "E qual é essa obra de todo um povo? Qual é esse monumento a que se aplicou a literatura francesa? Respondo imediatamente: um retrato do homem. A literatura francesa propõe-se pintar ativamente, incansavelmente, o homem; quero dizer, o homem individual e o homem social, o homem interior e o homem exterior, o homem visível e o homem invisível, o homem subjetivo e o homem objetivo".

Convergindo, a seguir, para uma imagem, que daria uma idéia do longo, atormentado e fascinante itinerário dos séres do seu romance, escreveu: — "Jean-Christophe" apareceu-me como um rio."

Lembre-se, ainda, que, com ele, se inaugurava o tipo de romance-ciclos, de "romans-fléuves", do século XX, abrangendo, como numa soma, a experiência de uma vida, as diversas dimensões de uma existência. Viriam depois, "Les hommes de bonne volonté", de Jules Romains, "Les Thibault", de Roger Martin du Gard.

Se, como sintetiza o crítico Gaetan Picon ("La Gazette des Lettres", Paris, 9.5.47) o romance em Proust é uma civilização, uma

hipótese com Gide, um símbolo metafísico com Kafka, uma aventura da linguagem com Joyce, uma educação com Lawrence, — é, certamente, em Romain Rolland, antes de tudo, o drama, o espetáculo de uma consciência.

Dêle, — tanto o escritor como o homem, — de sua ação infatigável na história das lutas do espírito, pela razão, pela justiça e pela paz, poder-se-ia repetir o que se afirmou de Zola: "um momento da consciência humana". Thibaudet, mesmo, em sua "Histoire de la littérature française", refere-se à permanência de uma linha reta Zola-France (o France do "affaire" Dreyfus) — Rolland.

O que Romain Rolland transmitira a Zweig ou confiara, de modo geral, aos leitores, nos prefácios, valia, naturalmente, como um resumo do seu pensamento.

Mas não era tudo, pelo menos na medida em que conhecemos.

Na gênese da obra formidável, nos alicerces e nos fundamentos dessa admirável arquitetura, em que há lineamentos de uma construção gótica, havia um sópro misterioso, novos segredos, novos detalhes a revelar.

Anuncia-se, agora, em Paris, a próxima publicação de suas memórias.

"Mercure de France", entretanto, em número recente, antecipou-nos a divulgação de um dos seus capítulos, "Le grain de vie", escrito em 1939. E nesse capítulo está a chave da "anunciação", a revelação do tóque e da presença da graça.

Começa Romain Rolland recordando o seu regresso da Itália para o Norte, findo o primeiro ano de estágio na Escola Francesa de Roma, após o curso na Escola Normal Superior, a famosa instituição da rua d'Ulm. Os seus pensamentos estavam num clima de perturbação, de inquietação, aquela mesma "alucinada coluna de fogo e fumo" em que sua juventude caminhara. E assim escreveu, em "Le grain de vie", numa evocação de importância considerável e decisiva:

— "Étais-je heureux ou malheureux? pris par l'amour ou par mon jeu? Si je n'avais point ce que je voulais, j'aurais voulu si je l'avais eu? Qu'était-ce que je voulais? Était-ce Dichtung ou Wahrheit? Qu'est-ce qui est vrai? Qu'est-ce qui est faux? — "Qu'est-ce qui est le roman? — "Le destin" s'éveillait..."

C'est curieux que, dans mes notes intimes et dans mes entretiens avec moi-même, je parlais de tout ce que je voyais et faisais, de tout ce que je jouais, de tous mes rôles, du monde, de l'amour, de la nature, de tout, sauf de lui... "Je n'ai rien vu..."

J'avais très bien vu, mais je n'en dis rien, pas plus aux autres qu'à moi. Je fis comme ces jeunes femmes enceintes qui voient de



Romain Rolland — desenho de Portinari

leurs mains le fruit qui mûrit dans leur sein. Je me taisais, je faisais semblant de n'en savoir rien; j'avais trop peur que ce ne fût qu'un rêve et que, d'en parler, il ne s'évanouît; mais je sentais le grain de vie planté en moi et le travail qui s'opérait. Et je savais où et quand, à quelle date, à quelle place précise, j'avais reçu l'"Annonciation" (tout jeune artiste reçoit la sienne).

C'était en mars 1890, au Janicule. Je rêvais. Rome rougeoyait au soleil couchant. La campagne la baignait comme une mer. L'œil du ciel me buvait l'âme. Je perdais pied hors du temps. Et soudain, mes yeux se dessillèrent. Je vis de loin mon pays, mes préjugés et moi-même. Pour la première fois, je pris conscience de mon être, libre et nu. Ce fut un éclair."

— "La révélation du Janicule", ainsi que je l'ai nommée, a fait sortir du sol la création. Elle m'a découvert les horizons de la Terre Promise, — tout ce que plus tard je devais faire — tout ce que j'ai fait — et elle m'a dit: "Marche!"... — "Et le plus visionnaire

de mes amis, le fraternel A. de Chateaubriant, plus de vingt ans après, visitant Rome avec moi, venu à ce lieu du Janicule, sans que je lui en eusse rien dit, s'écria: "Je vois "Jean-Christophe"!"...

Il voyait vrai. En ce lieu, "Jean-Christophe" a été conçu. Certes, il n'avait pas encore pris sa forme. Mais son novu de vie était planté. Et quel "taut" — du temps. Le créateur indépendant qui voit et juge l'Europe présente avec les yeux d'un Beethoven. Je l'ai été dans cette seconde du Janicule. Ensuite, j'ai mis vingt ans à l'exprimer."

Foi longa a citação desse fragmento. Mas sem dúvida, indispensável, essencial. Surpreendemos, assistimos, com ela, a uma transfiguração. A um Tabor.

No cérebro e na sensibilidade prodigiosos do artista, como nos de um demurgo, fremia a centelha divina, modelando visões, sugerindo formas, galvanizando símbolos.

Por essa mesma época, (são detalhes outros, de permanente interesse) germinava-lhe igualmente a idéia de uma forma diferente de "romance musical", uma espécie de criação (ou "romance da definição" são seus, no capítulo a que estamos aludindo) que as partes, oriundas de um mesmo tema geral e poderoso, construídas sobre algumas notas exprimindo um sentimento e desenvolvendo-se em todas as direções, fizessem crescer, triunfar ou sucumbir, no curso da obra.

Estavam aí as características de uma sinfonia, e foi essa denominação, esse rótulo que ele reivindicou para "Jean-Christophe". E o corre-nos, a propósito, o que Thibaudet observava, em "Le liseur de romans": "On dirait que, dans cette histoire d'un musicien, Romain Rolland aborde le roman avec une nature de musicien". E conclui: "C'est que le musicien Jean-Christophe est une sensibilité, le contraire par exemple d'un Julien Sorel qui est une volonté, d'un Etienne Mayran, qui va être une intelligence" pag 10).

Quando a publicação do romance se iniciou, Romain Rolland confessava que não havia acabado o processo de "despojamento de sua personalidade", com cuja efetivação, libertada nas suas obras, criaria outras personalidades independentes da sua.

Esse despojamento findou, porém, por lhe parecer somente possível com a morte. E outra solução nasceu-lhe à arte e à vida: — "Ce dont il s'agit, se n'est pas d'éliminer son moi, c'est d'en dégager l'humanité profonde, fraternelle aux autres moi et de rompre avec eux le pain de vie. Tout grand art est une cène".

Toda grande arte é uma cena...

Eis, com a nitidez e a ardeência de uma flama, uma das sábias e generosas lições que sua obra legou.

Ela, também, em última análise, "Jean-Christophe", com o seu incoercível, seu tremendo poder de comunicação humana, — autêntica "invitation au voyage" ao mundo da compreensão e do amor, entre criaturas resgatadas e redimidas, enfim, pelo milagre da Arte e do Espírito.

A Proposito de Gilberto Freyre e Lins do Rego

José Pessoa de Moraes

Há em nossa literatura contemporânea, certos aspectos interessantes, que ainda não foram muito bem esclarecidos. Assim, por exemplo, Gilberto Freyre e José Lins do Rego, respectivamente o sociólogo e o romancista da chamada civilização do açúcar, têm entre si, afinidades bem acentuadas ao contrário do que parece à primeira vista.

Antes de desenvolver este tema, quero esclarecer que falo do modo de escrever de Gilberto; de sua literatura enfim. Não, de suas concepções sociológicas. Pois, é preciso salientar que ao lado do sociólogo, há em Gilberto Freyre, o literato, se é que podemos separar essas duas manifestações do escritor pernambucano.

Pois bem, Gilberto e José Lins, têm os mesmos traços de sensibilidade na interpretação da vida brasileira. Ambos, sentiram com alma o Nordeste; ambos, penetraram bem no íntimo do drama profundamente humano dessa civilização, que aos poucos vai se desdramatizando e perdendo os seus traços mais originais. Ambos, tiveram o mesmo sentido acentuadamente poético de compreensão da vida nos seus aspectos mais simples e mais interessantes. E, daqui há uma cem, ou mesmo duzentos anos, quando toda a paisagem social do Nordeste estiver completamente transformada, ficarão como reminiscências do passado, apenas as obras de Gilberto Freyre e de José Lins do RA-

go. Elas, falarão então de uma civilização singular, com as "casas grandes" dos engenhos dominando as várzeas da Paraíba e de Pernambuco. Com senhores que eram verdadeiros soberanos, montando cavalos garbados com esporas de prata, e dominando léguas e mais léguas de terras.

Em Gilberto Freyre, essa sensibilidade pelas coisas do nosso passado, ajudou-o a compreender e interpretar a vida do nosso povo. E a intuição facilitando a tarefa do conhecimento, de que nos fala Farias Brito, o nosso grande filósofo no seu livro "O mundo interior". E essa intuição de artista, em Gilberto Freyre, auxiliou muitas vezes a sua obra sociológica e estritamente científica.

Gilberto Freyre e José Lins do Rego, ambos sofreram a influência da civilização do açúcar que eles procuraram interpretar. Aliás, também Euclides da Cunha, que escreveu tão admiravelmente sobre os sertões, refletia ele próprio no seu estilo, como reconhece o próprio Gilberto, em "Perfil de Euclides

de e outros perfis", a paisagem árida, seca e quase agressiva do sertão nordestino.

Dai, aquele seu estilo rígido, duro, científico, embora correto e original. O sertão em tudo estava presente, influenciando na maneira de escrever do renomado escritor nacional. E, essa influência foi tão grande, que Gilberto afirmou "ser impossível separar Euclides dessa paisagem-mãe, que se deixou impreter por ele".

Do mesmo modo, é o Nordeste que anima, corporifica, dá vida mesmo às obras de Gilberto Freyre e de José Lins do Rego. Eles evocaram essa civilização patriarcal e tradicionalista, e evocando-a, eles a reviveram com um sentido profundo de poesia e de compreensão da vida. Por outro lado, a própria maneira de escrever, foi em ambos, muito influenciada pelo Nordeste. Dai o desprazo que os dois escritores têm pelos academicismos de toda ordem. Pelos purismos gramaticais. Pelas formas rigidamente corretas, porém inexpressivas, que não se prestam a expressar aquilo que eles queriam

nos seus quadros mais vivos e mais reais. Dai, a concepção, aliás a verdadeira, a científica, que ambos têm da língua como um instrumento vivo, saldo do povo e não uma construção apenas lógica, artificial e sem vida. Dai, ainda, desprezarem ambos, aquele excesso de pudor, que têm alguns escritores, de usar certas palavras saídas das senzalas dos engenhos, ou dos bairros mais pobres das cidades. Palavras incisivamente brasileiras, incorporadas já pelo povo ao patrimônio de nossa língua e de nossa cultura. Eles concorreram desse modo, para separar o abismo que havia no Brasil entre a linguagem falada e a linguagem escrita. Aliás, a literatura modernista tem corrido para acabar com esse defeito que Machado de Assis já procurava corrigir no seu tempo.

José Lins do Rego, criou tipos sociais, como a figura inconfundível do velho José Paulino, que é um tipo clássico do senhor de engenho patriarcal. Ou então, a figura característica do "moleque Ricardo", sal-

do da bagaceira de um engenho, o Santa Rosa, para o Recife. Nesta parte, José Lins, procura viver o drama da vida obscura da gente que povoa os bairros mais pobres da capital pernambucana. Como Aluísio de Azevedo, ele penetra no cenário onde a afirmação milita se debate. E então, nos fala de um Recife de outros tempos, com as suas machambombas a saltitar pelas ruas do Espinheiro ou da Encruzilhada. Nos conta o drama das ruas humildes. Da rua do Ciscão, da do Arame, com uma população inteira se atolando na lama suja dos mangues, morando em mocambos e se alimentando quando muito, somente de caranguejo. Uma sub-raça, que tinha no carnaval uma expansão quase morbida para as suas tristezas diárias. Aquela multidão de desnutridos encharcada nas ruas do Recife dia de carnaval, fazendo o passo num turbilhão enorme. Sala gente de todos os recantos numa verdadeira avalanche para cair no frevo de corpo e alma durante três dias. E, aquele povo miserável que habitava os mangues,

abria todas as comportas interiores, para dar expansão a um ano inteiro de angústia e de sofrimento. O resultado era aquele alvoroço. Todo mundo queria sacudir para fora de si, as tristezas daqueles longos meses de fome, de desconforto e de preocupações. E faziam o passo num entusiasmo frenético, levantando areia nas ruas ainda sem calçamento.

Também Gilberto Freyre, além de interpretar de modo magistral a civilização do açúcar, nos fala do Recife da mesma maneira, e com a mesma sensibilidade poética. Dos banhos de rio em Tamblá, em Beberibe, em Caxangá. Dos sobrados da rua da Aurora, da Madalena ou de Ponto Uchôa, onde o estudante de fraque, presentindo a presença de alguma moça na janela, recitava versos apaixonados. Algumas partes dos seus livros, são mesmo verdadeiros poemas. É que Gilberto e José Lins, possuem ambos, a mesma sensibilidade diante das coisas do passado, da terra e da vida do Nordeste.

Esse traço de união, liga definitivamente os dois escritores na literatura moderna do Brasil. Entretanto, esse regionalismo comum entre eles, que eu procuro assinalar, é uma circunstância que longe de deprimir, exalta, eleva e engrandece a sua obra. Regionalista, foi, e em belo estilo como assinala Lúcia Miguel Pereira em um brilhante ensaio, Machado de

(Cont. na pg. 4)

Jorge saiu correndo para ver Limeira discutindo com Totó no meio da multidão que atiçava.

— Dou em ti, moleque ladrão — grunhia de raiva o preto.

O capanga de Pereira repunha: Sempre te conheci como ladrão de bode.

Jorge está vindo que a luta era inevitável, os dois maiores se medindo provavam de que lado estaria o melhor capanga.

Alguém da roda dizia que Limeira viera agredir Totó, que o cabra vivava um capo de cachaca quando recebeu o insulto.

As descomposturas não cessavam. Limeira convidava de novo para o duelo.

Um de nós aqui nesta Penteira já é demais. Sustenta cángote que eu te derrobo. — Se tu é brabo que nem tá dizendo então bate mão no ferro, que de boca quem briga é rapariga de cego.

Devido aos gritos e asacibios, Limeira se sentiu vaiado e berrou:

— Só digo que tu vendo macho na minha frente na hora do aço brabo. Mas tua pinta não nega que tu só sabe arrotar borla.

O povo invadia o terreno dos lutadores, não se sabe quem interveio:

— Pasta gente, num trapaia quem quer brigar.

Totó por sua vez não dava o braço a torcer:

— Pare aí nego besta que já tiro tua goga, tu nunca viu home, vai ver hoje. Te juro que mando tu e teus parecero pras profundas. Homem aqui nesta terra só conhece os do coronel Pereira. Sustenta o cordão da sala.

Arastou o punhal, era um grande punhal. A briga começou debaixo de uma alegria de festa.

— Bota é abaixo, gritou Casusa.

— Al, Totó, dá nêle — torcia um inimigo de Jorge.

Gritos saíam de todas as bocas, e os dois punhais alumina- vam que nem a luz do sol — disseram mais tarde os cantadores de viola. Os punhais bri-

Capítulo nº 40

Perminio Asfóra

lhavam e batiam em cheio um no outro. Mesmo assim, Totó ainda teve tempo de guardar a ponta da camisa para dentro da calça, cobrindo o peito liso e gordo.

Gliscavam curvas, defendendo o peito o mais que podiam, e quando arrastavam os pés para trás a poeira levantava. Uma pedra grande rolou para longe com o pontapé de Limeira.

No ar subia catinga de suor. O povo bradava e apostava, somente Jorge espalhou cinco notas de cem.

A luta tomou maior intensidade, os lutadores ouviam falar em apostas. E naquela ligeireza só se sabia que os punhais não acertavam porque não aparecia sangue.

— Faça sarapatê dêsse nego — brinçou Totó, os dentes de fora.

Limeira respondeu com os olhos na barriga do cabra.

— Quem apostou neu pode comprar fiado.

Embora Jorge sempre tivesse acreditado na valentia do crioulo, desconfiava que ia ser batido devido a grande quantidade de apostas que faziam no cabra de Pereira. Totó se mostrava duro, ao passo que um pouco de suor começou a atrá- palhar a ação de Limeira, des- cendo da testa, querendo en- trar nos olhos. Totó e todo mundo estavam vendo que Li- meira jogava menos a arma.

Um capanga de Pereira ofere- cia com por cinquenta.

Casusa recebeu a nota da mão de Jorge e fechou a a- posta.

— Dobro a parada — falou um sujeito que ninguém co- nhecia. Dou duzentos por cem, dou duzentos por cinquenta.

Usura como o diabo.

Limeira se atrapalhava com a conversa, porém, se atrapa- lhava mais com o suor. Não via oportunidade de limpar os olhos.

— Não baquise, nego mole — berrou Totó. Não me faça vergonha, que não gosto de dar em muiet.

— Esse nego costuma fazer vergonha — gritou um cabra de Pereira.

Para Jorge nem ele sairia vivo daquele furdunço. Se Li- meira calasse, os cabras comen- çariam o ataque. Não escaparia ninguém do seu lado, o pessoal de Pereira estava pre- parado. Precisava deixar o homem emurecer.

Cada qual sustentava o pu- nhal na mão direita, a seque- ra da parava os golpes com o chapéu de couro.

Limeira continuava asperrea- do, o suor descendo em bica.

Um sujeito apontou, man- dando:

— O pobre tá se acuando que nem cachorro vira-lata, gente.

Totó se afoitava e mandava o punhal com vontade. Uma criada veio:

— Limeira tá suando é de medo.

Limeira perdia terreno. To- do mundo via, até Casusa que sempre o respeitava:

— Mostra Limeira, o que é um cabra da serra.

Lançou a arma e fez Totó recuar três passos.

Então do meio da turba sur- tiu um raio de esperança:

— Dá nêse mulato, Limei- ra.

A criança batia palmas!

— Al, Limeira, al, Limeira, uma carteira em riba do pei- to.

A poeira subiu e o suor des- cia pela cara do preto, entrin-

do num olho, fazendo com que precisasse fechá-lo para con- tinuar. Defendiam-se com sagra- cidade de feras. O povo ia se afastando para a roda ficar maior e as armas serem man- dadas com mais facilidade.

Muita gente batia palma, a- compassando o menino. Al- guém reclamou:

— Minha senhora, vá pra ca- sa, que isso não é lugar de muiet.

A moça tinha as feições dur- ras do homem, dirigiu-se a To- tó:

— Tou aqui, meu filho.

O cabra avançou, não em- purrou Limeira um palmo. Há dez minutos pulavam e discu- tiam.

O suor começou a invadir o outro olho, os olhos se torna- vam cheios, vendo tudo defor- mado. Desconfiou que perdera, mas não desanimou: jogava o punhal cada vez mais.

Jorge recebeu um recado. Chico Pereira mandava dizer que não se metesse na luta. Prometia não se meter, deixas- se os homens brigar. Ficou combinado. Olhando para trás Jorge compreendeu que se To- tó vencesse, ele e seus homens seriam pegados. Junto de Pereira havia uma quantidade enorme de cabras, pulando de alegria com as últimas investi- das de Totó.

Casusa num pé e outro, não parava. Zé de Sousa, Pagéu, os melhores cabras estavam ali. Se Limeira morresse ia ser um dia de luto para seus homens.

Ficariam de crista caída, ha- veria panchadaria grossa. Tal- vez fossem pegados a dedo, tantos homens contra tão pou- cos.

Mas, não se via em Limeira ar de cansaço, Jorge se apro- ximou do Casusa:

— Dá fogo nêle.

— Por essa luz que nos alu- mia — respondeu o cabra — que nunca vi dêsse jeito. Foi praça ou foi feitiço que fierro. Tou vendo o home na cova, meu patrão.

— Fôgo nêle — repetiu Jor- ge.

Al Casusa berrou:

— O patrão tá a qui, tá tu- do aqui pra ver tu das nêle.

Fazia tempo que Limeira es- perava uma trépa para en- xugar os olhos. O inimigo, du- ro, estava em cima. Todavia, avançou de vez, o cabra re- cou um pouco. Limeira com- preendeu que era tempo de en- xugar o suor, passou depres- sa a manga do paletó. Totó prestava atenção e se apro- veitou: Jogou o punhal com mais fúria.

A rapariga bateu palmas, a flor do cabelo se soltou com os pulos. Ela pegou a flor e sa- cudiu em cima do cabra:

— Mata esse nego, que né- go é comer de onça.

Agora os olhos de Limeira estavam limpos, queria que se afoitasse de novo. O cabra de Pereira satisfeito com o ferimen- to e com os gritos da mo- ça, viu em nova investida.

Desta vez o outro aguentou o golpe na copa do chapéu com uma habilidade que não se es- perava.

O mesmo, doido de alegre, pulou nas costas de Casusa.

— Acaba logo com êle — dizia a rapariga, sorrindo e chorando.

Era tarde, via-se que Limei- ra não jogava a arma atos como ainda agora. Todo mun- do via que voltava ao que sen- pre foi: um macho no punhal.

Casusa com o menino na ga- rupa, gritando:

— Derriba êle, Limeira.

A raiva chegou agora, meu parava. Zé de Sousa, Pagéu, os melhores cabras estavam ali. Se Limeira morresse ia ser um dia de luto para seus homens.

Ficariam de crista caída, ha- veria panchadaria grossa. Tal- vez fossem pegados a dedo, tantos homens contra tão pou- cos.

Mas, não se via em Limeira ar de cansaço, Jorge se apro- ximou do Casusa:

— Dá fogo nêle.

— Por essa luz que nos alu- mia — respondeu o cabra — que nunca vi dêsse jeito. Foi praça ou foi feitiço que fierro. Tou vendo o home na cova, meu patrão.

— Fôgo nêle — repetiu Jor- ge.

Al Casusa berrou:

— O patrão tá a qui, tá tu- do aqui pra ver tu das nêle.

Fazia tempo que Limeira es- perava uma trépa para en- xugar os olhos. O inimigo, du- ro, estava em cima. Todavia, avançou de vez, o cabra re- cou um pouco. Limeira com- preendeu que era tempo de en- xugar o suor, passou depres- sa a manga do paletó. Totó prestava atenção e se apro- veitou: Jogou o punhal com mais fúria.

A rapariga bateu palmas, a flor do cabelo se soltou com os pulos. Ela pegou a flor e sa- cudiu em cima do cabra:

— Mata esse nego, que né- go é comer de onça.

Agora os olhos de Limeira estavam limpos, queria que se afoitasse de novo. O cabra de Pereira satisfeito com o ferimen- to e com os gritos da mo- ça, viu em nova investida.

Desta vez o outro aguentou o golpe na copa do chapéu com uma habilidade que não se es- perava.

O mesmo, doido de alegre, pulou nas costas de Casusa.

— Acaba logo com êle — dizia a rapariga, sorrindo e chorando.

Era tarde, via-se que Limei- ra não jogava a arma atos como ainda agora. Todo mun- do via que voltava ao que sen- pre foi: um macho no punhal.

Casusa com o menino na ga- rupa, gritando:

— Derriba êle, Limeira.

A raiva chegou agora, meu parava. Zé de Sousa, Pagéu, os melhores cabras estavam ali. Se Limeira morresse ia ser um dia de luto para seus homens.

Ficariam de crista caída, ha- veria panchadaria grossa. Tal- vez fossem pegados a dedo, tantos homens contra tão pou- cos.

Mas, não se via em Limeira ar de cansaço, Jorge se apro- ximou do Casusa:

— Dá fogo nêle.

— Por essa luz que nos alu- mia — respondeu o cabra — que nunca vi dêsse jeito. Foi praça ou foi feitiço que fierro. Tou vendo o home na cova, meu patrão.

— Fôgo nêle — repetiu Jor- ge.

Al Casusa berrou:

— O patrão tá a qui, tá tu- do aqui pra ver tu das nêle.

Fazia tempo que Limeira es- perava uma trépa para en- xugar os olhos. O inimigo, du- ro, estava em cima. Todavia, avançou de vez, o cabra re- cou um pouco. Limeira com- preendeu que era tempo de en- xugar o suor, passou depres- sa a manga do paletó. Totó prestava atenção e se apro- veitou: Jogou o punhal com mais fúria.

A rapariga bateu palmas, a flor do cabelo se soltou com os pulos. Ela pegou a flor e sa- cudiu em cima do cabra:

— Mata esse nego, que né- go é comer de onça.

Agora os olhos de Limeira estavam limpos, queria que se afoitasse de novo. O cabra de Pereira satisfeito com o ferimen- to e com os gritos da mo- ça, viu em nova investida.

Desta vez o outro aguentou o golpe na copa do chapéu com uma habilidade que não se es- perava.

Casusa para entusiasmar o ne- gro.

Casusa era o mais marcado por causa da tração. Bem sa- bia o que esperava, caso Totó vencesse. Grita com entusias- mo:

— Acaba logo com isso, que eu já boto tua bicada.

Os brigadores pilheriam, brincavam falando da morte: de quando em vez um tomava o lugar do outro, de tanto que pulavam.

De outra que essa foi da- da — bradou Limeira com ódio.

Totó mandou o punhal com vontade, mas errou. Avançou novamente e tornou a errar.

O suor voltava a descer na testa de Limeira. A roupa de- mesca estava com um pedaço de ombro vermelho de sangue. Era tempo de acabar a briga — pensou. Se os olhos ficas- sem mais há pouco, talvez não tenha mais sorte de enxuga- los.

Os olhos vivos e bem abertos marcaram o lugar da sangria:

— Tua vez é agora, pra tu num chamar um home de lá- drão — advertiu.

Quem ia acertando era To- tó, que se esquentara com os pedidos e o choro da rapariga. Foi quando Limeira sentiu um medo danado de morrer e avan- çou com o punhal em cima do lugar marcado.

O menino beijou Casusa e a rapariga caiu com um grito.

Totó sentiu o sangue correndo, berrou quase sem poder sus- tentar o chapéu:

— Dá outra pra ver como home morre.

— Este que tá aqui nunca matou defunto — respondeu pa- rado e tranquilo, limpando a suor.

Totó equilibrou-se ainda e tombou. Limeira lambia o pu- nhal e exclamava:

— Cabra de sangue doce que nem de virge.

Todos tinham os olhos em cima dele. Gracejou, olhando o punhal:

— Este nunca me fez vergonha, pessoal.

Trecho de "Noite Grande" de Perminio Asfóra

Já tivemos particular respeito e mesmo admiração pelo burguês e pelas suas institui- ções firmes, insubaláveis, construídas para atra- versar em paz, serenas, a eternidade. Era uma admiração histórica e literária nascida dos li- vros de que nos alimentamos todos, até que passamos a ruminar certas idéias e deixamos um pouco esquecido tudo que aprendemos ou pensamos aprender para apreciar como um es- petáculo novo, em que fôssemos também al- guém, o que se passa em nosso mundo de hoje. E o nosso mundo de hoje só nos permite um sentimento brande de piedade evangélica para com o velho burguês. Este cidadão que teve sua importância e seu fastígio pouco depois da Idade Média e fez a grandeza da Inglaterra vitoriana e a excelência dos romances de Dickens, que mereceu toda uma epopéia tra- duzida na obra de Balzac, para não falar nos estudos filosóficos e sociológicos dos quais um último vem assinado por Abel Hernant.

Esse pacífico nefilítico, ingênuo, amável e acolhedor, ele mesmo deixou-se ludir pela simpá- tica adesão de tantos que não eram de sua laia. Uma intromissão de quem deseja situar- se bem entre os pobres de espírito. Cavalhei- ros da aventura sem o menor respeito pelas co-isas sacralizadas da classe; capitães da indús- tria, tubarões do comércio, homens do poder e da política com uma noção ultra-revolucionária da moral e o senso aguçadíssimo da conveni- ência própria, esses adventícios ambiciosos ope- ram uma tal transmutação mímica que con- seguiram se confundir com os mais rígidos exemplares da burguesia e por seus represen- tantes ser tomados.

E o burguês foi se entregando de mãos atadas, inocente, distante, a essa quinta co- lona da classe, o lendário Cavalo de Troia. Quan- do verificou o perigo era tarde demais. Fugiu em bando, destrocado, roto, violado, ferido, mutilado, sem uma queixa, sem um grito e foi buscar sua lixa — que não poderia ser um burgo — e organizar o seu sonho. Ali guar- dava por anacronismo e por íntima convicção, conservada com diligência, aquelas qualidades que o fizeram respeitado, quando: na economia, uma parcimônia regrada, um lançar-se cautelo- so no negócio, depois de examinar todas as pos- sibilidades de êxito, um medo pânico do frac-asso e porisso regado nos gastos e nos ges- tos: colocar um pé adiante somente quando o outro repousa em terreno firme, jamais aven- turar-se sem um plano detalhado para o fu- turo; na moral: sempre em paz com Deus e com o seu vizinho. Se fosse impossível a paz com Deus pelo menos mantê-la com seu vi- zinho; dar sempre a impressão de que estava bem instalado na vida, de que estava seguro e gozava de bom conceito na sociedade. So-

O BURGUES E A POESIA

Laurênio Lima

cidade que considera apenas composta de ho- mens iguais a si. Um respeito, extremo, pela lei e um temor constante da autoridade. Na religião — o amor místico pelo rito exterior, pela grandiosidade e riqueza das pompas; um terror exagerado ao inferno, um respeito su- balterno a Deus que para ele apenas poderia ser aquele dos exércitos de Israel; nenhum con- feto de consciência, amando a barganha com os céus e gostando de emprestar a Deus se bem que para isso fosse obrigado a dar aos pobres, que são seres de outra espécie — tra- casados, incapazes de vencer na vida — "po- vinho" sem família — o que significa sem pais ricos — e sem honra, o que se traduz, sem prestígio social ou políticos. Gente sem eira nem beira, moleques de rua — povo.

Todas essas qualidades mundanas conserva- das carinhosamente de geração em geração, construíram um mundo objetivo que vai de- saparecendo por excesso de inércia. A criação realizada pelo burguês, conservador, em políti- ca, liberal em economia, destruiu-se aos pou- cos imperceptivelmente, às vezes, outras de modo brusco, e somente resta agora as qua- tro bases precárias que se mantêm de pé mais pela ausência da razão lógica do que pelas qua- lidades que lhe são próprias.

Afinal de contas o burguês foi menos uma vítima dos que o combatiam e invejavam do que de si próprio. Suicidou-se por etapas na- turalmente. Pelo menos foi perdendo, aqui e ali uma mão, um braço, uma perna, e como não pertence à família dos crustáceos não pode substituir-se. Agora só falta perder a anea- çada cabeça de uma vez. Esta auto destruição resultou logicamente de se ter entregado ao sa- crifício com uma inocência e uma fé, — pelo menos uma boa fé — semelhante aquela de Abraão quando levava seu filho Isaac ao sa- crifício. Não desajava acreditar que o seu mun- do era uma abstração, a despeito de toda a fé de sua ciência; não queria ver que o outro mundo mudara a cada instante e nada poderia se conhecer nesta terra da terra de Brodning- nã de onde viera. Estava mais solitário que Ro- binson Crusoe porque lhe faltava o papagaio que repetiria a sua fala de outro tempo.

Tentou a poesia. Mas a poesia não era aquela que conhecera e amara talvez. Era qualquer coisa como o planeta onde se criara e traduzia as mesmas preocupações, a inquie-

tude mesma que era a angústia deste mundo. O que o burguês deseja como poesia ainda hoje é qualquer coisa assim como aquela "Enquanto, pasta alegre e manso o gado, Minha bela Marília nos sentemos A sombra deste cedro levantado Um pouco meditemos Na regular beleza Que em tudo quanto vive, nos descobre A sábia Natureza."

Entretanto não há mais natureza, nem mãe nem madrastra, o que existe é borraça sintética, ensembradura artificial, pinto de cho- cadeira, e todos os "ersatz" que a ciência e a técnica com imaginação e sem alma criaram depois das descobertas da química e do conhe- cimento da biologia. O burguês não compre- enderia uma poesia com o título e a forma deste poema de Muriel Méndez:

"A POMBA DA LANCHÁ

Quando a rainha Locusta chegar — Não é mais rainha, é a névoa — As estrelas formam a palavra ÓDIO. Não haverá mais nem um capitalista Não haverá mais nem um operário Não haverá mais nem uma rosa. Eu mesma estarei sepultada. Debajo do dilúvio das pedras. Um urubú vestido com as cores do arco-íris. Dará milho ao fantasma de Deus".

Todavia ele escuta o rádio diariamente, lê todos os jornais, faz sua cultura de ladrão em "Seleções", anda bem informado acerca dos problemas políticos e raciais que pertur- bam a Grécia e a Índia, revolta-se, por um mo- mento, com o caso da Palestina, que lhe apa- rece nimbada de uma mística que vem da lem- brança das peregrinações do Cristo por esta áspeta terra onde os homens se matam por causa do petróleo. Vai ao cinema aos domín- gos e gosta de ver os jornais que o levam em transição e com a tremenda força do testemu- nho de vista, da plástica beleza de "missa" California de 1947 às cenas de fome da China, meninos e mulheres, homens de todas idades morrendo por etapas à falta de alimentos. Vê tudo isto, sabe dos fatos diários em todo mun- do, está mais bem informado sobre o estado de saúde de Churchill do que do seu vizinho no lado, e todavia não participa das preocupações do mundo, não se deixa penetrar da inquie-

ção que vai ali por fora — que talvez nem seja uma inquietude diferente mas apenas o conhe- cimento simultâneo de fatos que são diários desde o princípio do mundo mas que somente hoje podem estar presentes em toda parte com a mesma intensidade que pode ser transmitida pelo rádio, pelos jornais e pelo cinema.

A despeito da confusão que possa trazer este testemunho à consciência dos homens, o burguês está distante, fechado na muralha chi- nesa do seu mundo que se vai destruindo e tem a facilidade e tem sobretudo a coragem de al- jar toda impressão, menos agradável. É ele hoje que representa a imagem daquele poeta fechado em sua torre de marfim, somente que a sua torre não é de marfim mas de alvenaria ordinária e a oia não se pode subir. Fe- chado assim numa espécie de genicou não de- seja e não admite que qualquer coisa mais in- discreta venha penetrar na sua intimidade. Esta reclusão termina por esgar todas as suas faculdades receptivas e o burguês passa a ver as coisas como as deseja ver, através de sua imaginação que o leva a uma ilha desapareci- da há muito tempo. Todavia ele se acotovelá com o povo a cada hora e até dá a impressão exuberante de vida quando discorre sobre os casos de todo dia. Mas é um homem perdido para todos, exceto para si mesmo, para o seu eu que também com os remanescentes de ou- tra catástrofe, há séculos. É ali que chega a poesia e se intrineta no seu repouso de modo impertinente e o sacode de riso para acordá-lo para a vida e o burguês se exaspera e sofre. Um sofrimento que é o apelo da vida "ab initio".

A presença incômoda não o deixa em paz, surge no seu jornal, no livro que folheia de- preocupadamente para divertir-se, na conversa dos filhos, no comentário do homem que mora em frente de casa. Esta poesia não é aquela que conhece e que faz parte de sua ilustração ou até da prática erudição das conversas — essa poesia reflete na forma e na idéia todas as preocupações, todos os problemas do mundo em que vivemos. É escandalosa, impertinente, inquietante, dominadora. Não tem mistérios que não sejam compreendidos pelo homem do seu tempo; não engana; não falseia. Vem pura e terrível, cai sobre os espíritos e os emaga porque alia os raios refletidos da mesma onda que ilumina o tempo — no fundo traz uma preocupação permanente, humilde, sugestiva, que é a esperança e a presença de Deus. O burguês não pode e sobretudo não quer ver nada disso. Com o seu Deus e a sua consciên- cia, acomodada, disciplinada, metódica des- presa tudo e dorme — e dormindo sonha com outros mundos e outros tempos e até pode ser feliz.

Outra Morte do leiteiro

Conto de JOEL PONTES

A injustiça não se resolve. A sombra do mundo errado murmurava um protesto tímido. Mas outros.

Carlos Drummond de Andrade

*

— Suicídio? — perguntou-me o guarda.

— Foi.

Nenhuma emoção da minha parte. Já me acostumei a ver e examinar cadáveres na Polícia todos os dias. Sai da sala acanhada para espalheirar um pouco. Olhei para o manguito, vi as mesmas coisas de sempre: meninos nus chapinhando na lama, à procura de caranguejos, esqueiros lá pras bandas do mar e o boeiro da fábrica, distante, para o lado oposto. Dentro do manguito, o cadáver estirado. Em tudo uma grande paz, e em mim apenas aborrecimento.

Mas para falar a verdade, o morto não me era completamente estranho. Também não posso dizer que o conhecia bem. Lembro-me dele, por exemplo, quando entregava leite lá em casa. Era, nesse tempo, um sujeito muito conversador, moço dos seus vinte e tantos anos, e até bem parecido. Minha empregada sempre se acordou cedo durante o tempo em que o falecido entregou leite no bairro. Eu, naturalmente, fingia ignorar ou ignorava as relações entre os dois. Não convém a um patrão demonstrar que conhece certas coisas. Depois, o rapaz parecia sério e respeitador. Mas isso eu só vim a compreender mais tarde — quando ele veio me procurar para pedir uma autorização que eu não podia dar, e que, para falar a verdade, não me interessava. Do tempo em que comecei a entregar o leite até esse nosso encontro, vão uns dez meses, pouco mais ou menos.

Para contar a história direito, não posso esconder que a minha empregada andava namorando com ele. Mas eu também sabia que ela tinha o seu fraco para um tal de Jurubeba, o muleque mais conhecido e safado do bairro. Se eu dissesse que não me interessava absolutamente por esses manejos vai parecer estranho que os conheça. Não me levem a mal. Sei tudo por mera casualidade. Certo dia, chegando em casa antes da hora habitual, à noite, certas perguntas dúbias e um pouco de espionagem, me certificaram dessas coisas. Algumas vezes encontrava o leiteiro com a moça. Outras vezes ela estava com Jurubeba. O pegado era o mesmo, e nessas coisas ninguém me engana. Afinal, como não tenho nada com a vida dos outros, achava até engraçado ver o leiteiro, traído tão miseravelmente. O homem parecia tão bem intencionado, cotado, e ali estava o seu ganho. Para mim, desde que me servissem direito, podiam fazer o que bem quisessem. E para maior harmonia das coisas, e como o jardim estivesse uma miséria, (depois ficou pior) resolvi empregar o muleque.

Malandro como o diabo, roubava-me em todas as compras e nunca plantou coisa alguma no jardim. Belo jardineiro o meu! Só de uma coisa podia me orgulhar: não havia tipo mais dissimulado em todo o bairro. As vezes, uma coisa que eu via com os meus próprios olhos, um mal-feito qualquer, certas intimidades com a empregada, qualquer besteira, ele negava, e negava tão bem que me fazia rir e dar-lhe gorgelas respeitáveis. Divertia-me, sinceramente, ver o muleque passar pelo leiteiro, com o ar mais sério e indiferente deste mundo. Era admirável, o Jurubeba. Depois, não sei porque modos, tornaram-se amigos. Passei a encontrá-lo discutindo futebol, se não me engano. Discutindo, não é bem o termo, concordando. Uma vez escutei-os por trás dos postigos — quando estava resfriado, no princípio do ano passado — e posso garantir que nunca vi dois sujeitos de opiniões tão semelhantes. Falei isso ao muleque mas ele não me respondeu. Apenas piscou o olho, o miserável. Com-

preendi, mas depois desse dia, passei uma tempos sem dar-lhe a menor liberdade. Cabra muito do safado. Piscar o olho, como se eu fosse algum pé rapado da sua igualha. Ali estava o resultado das liberdades. Falei grosso, passei-lhe nas ventas o chamego indecente a que eu falava os olhos por condescendência, disse-lhe que piscasse para os da sua marca, reconhecesse o seu lugar e uma porção de coisas das que se costumam dizer nessas ocasiões.

Mas continuei espreitando o muleque. Passou-se o tempo, esqueci-me do atrevimento, aconteciam-me diversas coisas mais importantes, e vieram as minhas férias. Foram as melhores da minha vida.

Minha ocupação em casa mudou: passei a espreitar a empregada. De manhã, aí por volta das seis horas lá esperava o leite. Vinha o leiteiro, alegre que chegava a ser cómico e a conversa dos dois era tão besta que dava raiva:

— Minha filha, você tá bem? Olhe, quando a gente se amarrar você tá com a conta da casa e a gente compra um rádio, viu? Tu cavando aquele em um cartão ao doutor? E pra causa do sindicato, que atrapalha tudo. Por que tu não pede um cartão ao doutor? E pra gente mesmo, tu não sabe, morena?

Dava uma risada gostosa e eu me desinteressava do resto. Nunca a minha empregada me falou nesse cartão e nunca me abalei para escrevê-lo. Mesmo que eles me pedissem, tirava o corpo fora. Tenho nada com eles? Casa quem pode, casar é luxo. Essa gente baixa tem cada besteira!

— Minha filhinha, posso falar de noite com você? Ilhe, tu negociando uma pulseira, você quer?

Ficava olhando com água nos olhos. Comovidio, aquela besta! As vezes era ela quem falava. De vagar, desinteressada e em voz baixa. Nunca pude ouvir direito. Ficava reperiando no leiteiro, e me divertia como num cinema. A cara dele! Como se estivesse vendo uma santa... Não, não era. Era a mesma coisa, cara do meu sobrinho menor quando vin o preseppe de Natal pela primeira vez.

— Gosto tanto de você. Só queria ter dinheiro...

Toda manhã essa besteira, terminou-me aborrecendo. Achei melhor divertirme interrogando Jurubeba.

Ah, negro safado. Quando me lembro ainda sorrio. Tinha progredido muito em intimidades com a oca. Contava-me o que eu não via, mas isso de um modo tão engraçado que até tenho pena de não escrever. Conversa dessa gente baixa é sempre isso mesmo: indecências e indecências, de cambalhota com beijos e esfregões... Coisas assim Jurubeba me contava. No começo apenas me interessava. Depois dei para ajudá-lo, só por desfausto. Mandava os dois fazerem trabalhos bestas no fundo do quintal e me espantava quando voltavam.

— Já?

Pelo jeito da empregada eu sabia se tinha ou não boas confidências para escutar mais tarde. Depois, com o tempo, fui descobrindo novos trabalhos principalmente à noite. Notei que ela não gostou muito. Aparecia desconfiada, dizendo que Jurubeba acabaria o resto. De começo não liguei, mas depois irritou-me aquela estúpida que quer acabar com a minha distração. O muleque reclamava:

— Mas doutor, tenho de arrumar isso sozinho?

— Vão vocês dois. Pra que é que eu tenho vocês aqui?

Minha empregada dormia no fundo do quintal, num quartoinho perto do galinheiro. Não sei porque tive a idéia de arrastar a faxa e levá-la para o quarto de Jurubeba. Ele dormia fora e só chegava pelas oito ou nove horas do dia. Foi o pretexto.

— Isso é um relaxamento. Ou dormem na garagem ou me chegam aqui em casa. As seis em ponto. Não dou dinheiro a va-

O negro bem que era inteligente. Preferiu a garagem. Mandei arranjá-la direitinho, pintá-la, tudo pra Jurubeba. Estava me apaixonando pelo caso. E valeu a pena: com oito dias estava outro. Falava menos, contava as coisas escondendo umas e diminuindo outras — coisas aliás sem grande importância que eu presenciava pelas beiras das portas — mas só o prazer de imaginar o desconhecimento me deixava satisfeito e ágil como há tempos não me sentia.

Foi então que o leiteiro apareceu. Quando dei com o homem à minha espera, sentado na sala com o maior desagrado, dei-me mundo, alarmei-me. Hoje penso que, na ocasião exagerei o olhar que me lançou de sujeito resolvido a tudo. Não pude deixar de apalpar o revolver. Puro gesto instintivo, embora eu estivesse com um pouco de medo. Entrei na biblioteca para me acalmar mas não demorei. Voltei pronto para um médico da Polícia dar mostras de medo. Mas encontrei outro leiteiro, completamente atropalhado, falando como se pedisse desculpas:

— Doutor, eu vim lhe dizer, quer dizer, lhe pedir... não vê que eu tenho boas intenções com a moça...

— É bom que o senhor vá sabendo que não tenho nada com isso. Não sei de nada, vivo sempre na rua, cuidando da profissão...

— Mas eu quero casar, doutor. Vim lhe pedir a mão dela... Está aqui desde novinha...

— Bem...

— Quería fazer surpresa. Suspirei e dominei a situação em dois tempos. Assumi uma atitude importante, penso até que dei conselhos. A moça é quem decidia, eu não tinha nada com o fato; mas se era do gosto dela, estava bem, etc., etc.

Fiz ainda algumas perguntas bestas e caí na tolice de falar em carcerista de vida. — Me prometeram um emprego melhorando, mas tá difícil... E nas Docas... se o doutor desse, uma forcinha... — Bem, meu amigo, não conheço ninguém por lá; é pena.

O homem encorajou-se, eu apressei as despedidas e suspirei pela segunda vez naqueles últimos dez minutos.

Não disse nada a Jurubeba nem à empregada. Ela com certeza já sabia, ou se não sabia soube depois, que eu não sou leva-recados, e ele não tinha nada com a história, graças a Deus.

Nessa noite choveu como os seiscientos diabos. Foi chuva como eu nunca vi. Fiquei em ca-

sa, lendo alguma coisa de Medicina Legal, troço sem grande interesse. Todas as portas estavam fechadas. Lá pra dentro, Jurubeba e a moça estavam cando. Eu bem que ouvia o barulho dos talheres batendo nos pratos, mas não podia ouvir a conversa. A chuva prejudicava muito e eu me esforçava para entender melhor. Tudo estava muito calmo dentro de casa.

Foi quando, assim de sopetão, lembrei-me do baú de coisas velhas que foi da minha mãe. Era capaz de estar se molhando na garagem. Levantei-me de um salto. Corri os dois, fôsssem ver depressa, afastar o baú, não podia se molhar. As coisas de dentro eram de estimação. A água estava estragando tudo.

Não sei porque interessei-me assim subitamente por aquelas trastes e aquele baú, particularmente antipático. Só sei que gritei, exigi, falei em coisas caras do tempo antigo. Para falar a verdade, lá dentro só havia uns cacarecos, jarros de louça velhos, uns castiçais de ferro e coisas assim, num total de setenta a oitenta quilos, mais ou menos. Nem valia a pena tanto estardalhaço.

Vi quando eles dois correram, com talhas na cabeça, vi quando acenderam a luz na garagem. Fiquei um momento olhando a luz se perder entre as poças e pequenos sulcos que a água abria pelo quintal. Fechei a porta para não perturbá-los. Fechei a chave.

O ar estava úmido e eu estremei com a rajada que me molhou o rosto. Senti a chuva caindo forte, no mesmo tom, e batendo no chão em pingos grossos que caíam da jaqueira velha. Pela casa semi-escura, se espalhava uma calma que só os raros grilos perturbavam. As vezes parecia... seria um grito? Não, a chuva, somente. Voltei ao bureau. A luz forte do abajour dava exatamente sobre o livro. Duas moscas haviam pousando no centro do foco. Não dei como me interessei por elas. As vezes isso acontece: deixo-me seduzir, fico parado diante das coisas insignificantes. Ora, que havia de extraordinário em duas moscas que se procuram? A gente enxota-as e esquece. Mas naquela noite fiquei observando, como um menino com uma espécie de carinho. Aproximavam-se com muito rodeio. Tocavam-se. Uma voava um pouco e a outra voava atrás. Depois se agarravam e se largavam. Tinha a impressão que iam brigar. Mas compreendi que era só de amor.

Ficavam paradas, uma diante da outra, esperando, esperando, como se nenhuma quisesse dar o primeiro passo. Em certo momento, uma delas conseguiu dominar, e se agitaram, estreitando as pequenas asas. Durante alguns segundos, ficaram imóveis. Cada uma vivia pela outra, ou viviam as duas como uma só.

Foi quando me pareceu que também a chuva cessara. Até os grilos tinham se calado. Os sapos, que faziam contraponto mais distantes, desapareceram. Um silêncio de morte pesou sobre a casa. De repente o céu se abriu, e foi um relâmpago tão forte, que o senti, mesmo sob a luz do abajour.

Enaguietuei as moscas com uma palmeada, deixando um pingo de sangue na página branca, e corri a desligar a luz de toda a casa.

Fiquei no escuro, ouvindo a água bater lá fora, com muita força, e o trovão estalando bem sobre a minha cabeça. O escuro penetrou-me até por trás dos olhos. Não sei calcular quanto tempo.

Por um momento, a chuva bateu tão forte na porta dos fundos, que até parecia uma pessoa angustiada, batendo com as mãos, com os pés, com o ventre, a cabeça e tudo. O vento fazia também lembrar gritos de mulher pedindo um socorro inútil. Que noite aquela! No escuro, imobilizado, eu devia parecer uma estátua bem estranha, esfregando entre as mãos duas moscas emagadas...

Quando consegui me acalmar de todo, lavei as mãos e liguei a luz outra vez.

Fui à cozinha, abri a porta e gritei para fora. Demorei pouco, apareceu Jurubeba dizendo que a mulherzinha tinha ido



Ilustração de Augustinho Rodrigues

como se nenhuma quisesse dar o primeiro passo. Em certo momento, uma delas conseguiu dominar, e se agitaram, estreitando as pequenas asas. Durante alguns segundos, ficaram imóveis. Cada uma vivia pela outra, ou viviam as duas como uma só.

Foi quando me pareceu que também a chuva cessara. Até os grilos tinham se calado. Os sapos, que faziam contraponto mais distantes, desapareceram. Um silêncio de morte pesou sobre a casa. De repente o céu se abriu, e foi um relâmpago tão forte, que o senti, mesmo sob a luz do abajour.

Enaguietuei as moscas com uma palmeada, deixando um pingo de sangue na página branca, e corri a desligar a luz de toda a casa.

Fiquei no escuro, ouvindo a água bater lá fora, com muita força, e o trovão estalando bem sobre a minha cabeça. O escuro penetrou-me até por trás dos olhos. Não sei calcular quanto tempo.

Por um momento, a chuva bateu tão forte na porta dos fundos, que até parecia uma pessoa angustiada, batendo com as mãos, com os pés, com o ventre, a cabeça e tudo. O vento fazia também lembrar gritos de mulher pedindo um socorro inútil. Que noite aquela! No escuro, imobilizado, eu devia parecer uma estátua bem estranha, esfregando entre as mãos duas moscas emagadas...

Quando consegui me acalmar de todo, lavei as mãos e liguei a luz outra vez.

Fui à cozinha, abri a porta e gritei para fora. Demorei pouco, apareceu Jurubeba dizendo que a mulherzinha tinha ido

dormir. Jurubeba parecia meio zozzo, aborrecido ou cansado. Também, não é brincadeira o sujeito estar tomando o seu café e ser interrompido para arrastar bala velhos e levar chuva daquele jeito. Estava completamente enopado, o meu poltro muleque. Dei-lhe um cálice de cognac que só abro para os raros amigos, emprestei-lhe um velho pijama que estava à mão, e repetimos juntos o cognac. Ainda assim, me olava sem vontade e não parecia muito satisfeito. Contei-lhe, então o caso do noivado e nos rimos e bebemos até tarde. A princípio, comediamente. Depois, bem depois, creio que nos embriagamos e não me lembro de nada. Só sei que liquei o rido a todo o volume e nos divertimos muito.

Foi a última vez que me encontrei com Jurubeba. Desapareceu, não sei porque. Fiquei lhe devendo, ainda meio moço, e — palavra — era uma conta que gostaria de pagar, só para vê-lo.

Bem, voltando ao caso do leiteiro... casaram, ele e a empregada, quatro meses depois.

Não fui ao casamento porque tinha coisa mais importante para fazer. Também, tinha graça! Não tive mais notícias deles. Acho que viveram felizes, até ontem.

A mulher desapareceu e o homem matou-se.

— Suicídio? — perguntou-me o guarda.

— Foi.

Sai para espalheirar, enquanto o carro do necrotério não chegava. No manguito, com lama até a barriga, uma geração de porcos.

AGÊNCIA DE AUTOMÓVEIS "STANDARD" de EDSON VASCONCELOS



STANDARD 14 H.P. e 8 H.P.

Material de qualidade excepcional, com acabamento de luxo.

É O MELHOR CARRO DA SUA CLASSE!

RUA DA MOEDA, 149 — 1.º — RECIFE

FALAM os CRÍTICOS

O ROMANCISTA E O PÚBLICO

"Há romancistas e romancistas. Alguns são profundos. Outros não hábeis. Há as duas espécies daquela capacidade principal do romancista: a profundidade (daíches diz "insight", com preensão ou habilidade. A profundidade ou compreensão é que transforma o leitor ao ponto de ele se identificar com a história; a habilidade não convence, apenas consegue persuadir o leitor. Contudo essa diferença, que já é de valores, impõe menos com respeito à técnica de narrar. Desta ou daquela maneira, o romancista estabelece o contato com o público. Mas o público não se compõe de romancistas e sim das massas de leitores, sujeitos às idéias dominantes da sua época e da sua classe social, digamos a certos "preconceitos", às idéias comuns da publicação e do autor, por que sem essa comunidade o romance não encontra ressonância. Dentro lado, o escritor é (ou deveria ser) artista, capaz de sacrificar o êxito à criação de valores literários. No equilíbrio entre esses dois fatores reside a técnica novelista".

(Otto Maria Carpeaux — Trecho do artigo de "O Jornal" — Rio, 18-1-1948)

JOSE LINS E O TEMPO

"Dos romancistas brasileiros estreados por volta de 1930, naquele período inicial de rejuvenescimento da nossa literatura de ficção, José Lins do Rego foi um dos poucos que, embora participando da realidade social de seu tempo, não se deixou levar por contingências alheias à sua missão de contador de histórias, nem colocou sua arte a serviço de quaisquer valores de ordem ideológica.

Estou certo, aliás de que essa participação pode ser feita sem nenhuma subordinação consequente da literatura a outros valores que não os dela própria.

através de um equilíbrio conscientemente procurado.

Por isso, talvez, é que a obra de José Lins do Rego tem resistido à passagem dos anos, construída embora por um temperamento lírico e quase sempre subjetivo.

Aliás, o escritor paraibano, dando início agora a reedição de toda sua obra de romancista, vai possibilitar que o julgamento do tempo se exerça sobre ela, guardadas naturalmente as devidas cautelas que o reduzido número de anos que nos separam de sua estréia impõe aos críticos de hoje".

(Wilson Louzada — "Diário de Pernambuco" — Recife, 11-1-1948)

SOBRE TELES JUNIOR

"Um dos melhores estudos, feitos sobre o pintor Teles Junior, cuja obra na sua maioria se encontra no Museu do Estado, no Recife, mas de quem muitos quadros se acham nos interiores de colecionadores do Recife e mesmo do Rio, em casas de pernambucanos transplantados para o Rio, é o do engenheiro, escritor e poeta Joaquim Cardoso, publicado na "Revista do Norte" e agora mesmo reeditado, em homenagem aos 50 anos do autor.

Cardoso acha que o principal valor da obra de Teles é a exatidão da paisagem regional, exatidão romantizada por um sentimento misto de tristeza e de alegria. O que se nota, porém, é que não aprendeu talvez com toda a sua intensidade a cor da nossa folhagem ou aquelas tonalidades que Gilberto Freyre tão bem destacou: "o verde doentio dos mangues, o verde vivo e puro dos coqueiros adolescentes, o dos cajueiros mosqueado de amarelo e das mangueiras, esse verde que nos delicia e nos enlouquece".

(Aníbal Fernandes — Trecho de Conferência — "Diário de Pernambuco" — Recife, 18-1-1948)



Falam os Poetas

DA SENSIBILIDADE VERBAL

"A crítica da poesia fala frequentemente em sensibilidade verbal. O que vem a ser isso? Uma tal coisa, sabem-o os leitores de Jean Cocteau, é como os grandes desastres da estrada de ferro: não os explicamos, os sentimos. De qualquer modo sensibilidade verbal é uma reação deante das palavras, a emoção que responde a um objeto específico, as palavras. Não é um privilégio, pelo contrário, constitui uma virtude comum à espécie humana. Entretanto, assim como há pessoas possuídas de um grande sentimento desbotado, a sensibilidade verbal varia do grau mínimo ao grau máximo. Diz-se de uma pessoa demasiado emotiva que tem a sensibilidade doentia. Quando alguém sofre de uma sensibilidade verbal doentia, trata-se de um escritor. Há doentes graves, doentes regulares e outros apenas achacados. Sob o ponto de vista literário, quanto mais doentio a sensibilidade verbal, melhor, mais artista e escritor, mais próximo se encontra ele do delírio. Outra coisa não quer a literatura: o delírio é a suprema tentação do escritor. Para esclarecer melhor, podemos exemplificar. Distingamos três estados da doença verbal, dentro de uma literatura que já nos deu quantos que podia dar: Anatole France, Emílio Zola e Mallarmé. Zola, embora dotado de um vigoroso sentimento, não merece um exame especial da matéria literária de que usou. Ele escrevia como disse Claudet, uma página para cada frase que tinha a dizer. Em Anatole, já temos um paciente bem mais requintado, com a sensibilidade aguçada, comum nos indivi-

duos vítimas de uma febre constante. Mallarmé compõe lucidamente seu delírio de palavras realizando pacientemente o sonho que André Breton procurou gozar por um desregramento absoluto da emotividade vocabular".

(Paulo Mendes Campos — Trecho de artigo — "O Jornal" — Rio, 18-1-1948)

O ESCANDALO TEATRAL DE 1947

"No dia em que Lúcio Cardoso me disse que ia ser diretor de um Teatro de Câmara fundado especialmente para representar algumas peças que, pela sua natureza fugiam à chanchada e exigiam um público mais participante e menos recreativo, não julguei de modo algum ser-lhe possível vencer os inúmeros obstáculos que se lhe apresentariam. Uma teoria de armadilhas burocráticas, artísticas e técnicas haveria de devorar a idéia de Lúcio Cardoso, incorporando-a ao patrimônio de coisas irreais que ele carregava consigo. Como a lucidez, a loucura também floresce em milagres. E o nosso grande poeta noturno, que descobriu em uma profusão do interior sua solidão inominável e seus piqueniques com o Demônio, e no rosto da de louca de um vagabundo chamado Inácio, o chamuscado dos fogos do inferno, começou a traduzir a sua decisão em fatos, reunindo um grupo de atores e comunicando-lhes as normas do que seria o maior escândalo teatral do ano".

(Lédo Ivo — Trecho de artigo — "Jornal do Commercio" — Recife, 11-1-1948)

BALZAC E A COMÉDIA HUMANA



O trabalho do sr. Paulo Ronal sobre a obra de Balzac, publicado pela Livraria do Globo na coleção Tucano, é um ensaio de interpretação da obra baquiziana que foje por completo ao plano comum dos ensaios que existem em língua portuguesa sobre romancista francês.

O sr. Paulo Ronal, tradutor da "A Comédia Humana", empreendimento da Globo, do Rio Grande do Sul, embora ainda novo no Brasil, já domina o nosso idioma como se fosse um velho e bom escritor nosso. A sua pesquisa literária sobre a vi-

da e a alma de Honoré de Balzac revela que estamos deante de um mestre de literatura que, no Brasil, terá largo campo para a sua atuação inteligente e útil às letras nacionais.

A tradução da "A Comédia Humana", que se encontra no seu 20 volume, e o prefácio do sr. Paulo Ronal valem como documentos que não podem viver separados para os que desejam conhecer o autor do "Pal Goriot" e ver os seus deliciosos romances que hoje continuam tão vivos e atuais como há 50 anos atrás.



O LIVRO do MÊS



"VENTO DE ESPERANÇA"

de Ondina Ferreira



O ano começou bem. Assim o afirma o comentador literário do "Correio da Manhã", escritor José Condé, em entrevista ao suplemento literário do "Diário de Pernambuco". E cita o primeiro volume das poesias completas do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, o romance "Os Renegados", do sr. Otávio de Faria e o "Balzac e a Comédia Humana", do prof. Paulo Ronal, tradutor das obras completas do romancista francês.

Baseas três livros foram os melhores, sem dúvida, do mês de janeiro deste ano. Descrija, no entanto, fazer uma referência a um romance que foi editado em 1947 mas só apareceu no Recife em princípio de janeiro. Trata-se de "Vento de Esperança", da escritora paulista Ondina Ferreira que mereceu um artigo consagrado do sr. Otávio Montenegro.

"Vento de Esperança" reúne todos os problemas atuais da mulher brasileira. Escrito em forma de diário, o romance de Ondina Ferreira põe em equação os mínimos detalhes da vida de uma jovem na capital paulista. Tudo muito bem escrito, sem descer e sem subir no linguagem de intimidade que se

respira nessas páginas feitas com emoção de artista.

O romance-diário da escritora paulista precisa ser lido urgentemente pelas nossas debutantes. Livro que trata com força literária dos seus grandes e pequenos problemas sentimentais, que põe em carreg viva a luta de uma jovem professora do interior procurando um meio de vida decente na cidade industrial. E tudo isso com um tal poder de sugestão, com uma tal plasticidade no descrever os tipos femininos e masculinos que envolvem quasi todos os casos da mulher brasileira moderna. Desde as que não se apercebem da sua dignidade feminina até as que transformaram a sua feminilidade em feminismo. Por isso, repito, "Vento de Esperança" é o livro do momento para as moças. Lendo-o entrando em contacto com os seus próprios problemas e conhecendo uma grande romancista.

A Cia. Editora Nacional, que editou o livro de Ondina Ferreira, menciona, nas obras do livro, outros romances da autora. Não os conheço e temo de lê-los porque um romance como "Vento de Esperança" não se repete assim à-toa. — A. J.



Revistas

ESTUDANTES — N.º 3 — Ano II — do Diretório Acadêmico de Direito, novembro de 1947. Artigos de Felix Araújo, Arnóbio Graça, Abelardo Jurema, Luiz da Câmara Cascudo, Dilermano Luna, Joel Pontes, Pinto Ferreira, José Guará, Pessoa de Moraes, Gilberto Macedo. Poemas de Ariano Suassuna, Geraldo Valença, Rodolfo Rangst Moreira, Langston Hughes, Edson Regis, Hernani Borba, Alfredo Duarte Neto. Discursos de Carlos Maciel e Paulo Frederico Maciel. Crônica musical. Do meu Caderno de Teatro, Registro, Notas Acadêmicas. Eis aí um sumário aculeto e que indica "Estudantes" como uma das melhores revistas no gênero. Já tivemos ocasião de salientar, em nossas colunas, o papel que essa revista está de-

sempenhando nos meios universitários. Para frente, pois, Felipe Gomes, Marcelo Pessoa e toda a boa turma da nossa querida Faculdade de Direito!

REGIÃO — Ano III - n.º 16, Recife, dezembro de 1947 — Diretores Edson Regis e Silvino Lyra. Sumário: Artigos de Mauro Mata, Haroldo Bruno, Gentil Mendonça, Edson Nery da Fonseca, Veríssimo de Melo, Romeu Negromonte, Tomás Seixas, Joel Pontes, Antônio Girão Barroso, Nilo Pinto, José Gonçalves de Medeiros. Poesias de Alphonse de Guimarães Filho, José Laurencio de Melo, Craveiro Leite, Aluisio Medeiros e Edson Regis. Contos de Eduardo Campos, reportagens de Luiz Torres e Guerra de Holanda. Conferência de Silvino Lopes. Correspondência de Declindo Tavares. Bibliogra-

FALAM os EDITORES

"E o Globo desaparecerá",

de William Bullitt

"William Bullitt, embaixador dos EE. UU. na URSS, de 1933 a 1936, e na França de 1936 a 1940, põe-nos face a face com os fatos, tais como são na prática, dos grandes negócios internacionais entre os potenciais de nossos dias. Descreve a presente trágica situação da espécie humana, ameaçada pela bomba atômica, e sugere uma maneira de agir adequada para transformar o difícil presente armistício em uma paz duradoura.

Após descrever o choque entre os interesses vitais das Grandes Potências, e, particularmente, entre os interesses dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética, o autor oferece-nos um franco e integral panorama do ambiente russo através da sua agitada história, de Ivan, o Terrível, a Stálin. Declara que o credo o objetivo eslavo é, em última análise, a conquista de todo o mundo: sendo este o fator determinante de todas as atitudes tão pouco estáveis na aparência e, às vezes, tão inesperadas para a opinião pública, que os partidos comunistas de todo o mundo vão assumindo, cada um por si, diante dos acontecimentos políticos nacionais e de ambiente internacional.

(Aba do livro "E o Globo desaparecerá", de William Bullitt, Instituto de Progresso Editorial, S. Paulo, 1947).

"O Caminho da Liberdade"

de Howard Fast

"Dois são os caminhos pelos quais segue a literatura americana de hoje: o primeiro, rendoso e fácil de continuar, é o do "best-seller" barato, a que faltam qualidades reais de bom gosto, bom estilo e realização social. O outro, de que este Howard Fast é um dos melhores exemplos, caracteriza-se pela preocupação constante com o potencial de ação dramática fundada em análise e interpretação de desigualdades e injustiças. "O Caminho da Liberdade", obra escrita em 1944, nos dá visão clara, real, dada cinematográfica da vida dos negros no sul dos Estados Unidos, na época que se sucedeu imediatamente à da guer-

ra civil naquele país". (Aba do livro "O Caminho da Liberdade", de Howard Fast,

Um Goethe mais íntimo

e irresistivelmente

encantador

"As Memórias de Goethe estão distribuídas em 2 volumes de leitura inteiramente autónoma (daí a razão, aliás, de rater propagandístico, e está antes do primeiro, Poesia e Verdade, a ser publicado dentro de poucos meses). A viagem à Itália — primeira parte do segundo volume — é uma obra-prima no gênero, figurando ao lado das mais famosas "viagens" que têm enriquecido a história literária de todos os países, como a de Chateaubriand à América e a de Gerard de Nerval ao Oriente. Enquanto estas, porém envelheceram, já não dizem pelo assunto, mas pela técnica da narrativa e do estilo, a de Goethe, sob os dois últimos aspectos, revela uma surpreendente modernidade.

(Aba do livro MEMÓRIAS de GOETHE, tradução de Ondina Borda, edição da Livraria José Olympio, Rio, 1947).

"Dias e Noites"

de Konstantin Simonov

"Não têm razão os críticos maldosos que julgam toda a literatura soviética contemporânea em termos de sua aversão política ao regime vigente naquele país. Um exemplo patente de que a literatura russa de hoje pode também apresentar trabalhos de real valor artístico, de profunda compreensão humana, despida de caráter propagandístico, é esta obra do jovem escritor Konstantin Simonov. Há ambiente de guerra, e não poderia mesmo deixar de haver. Tendo visto seu território invadido traiçoeiramente pelas forças nazistas, o povo todo se ergueu naquele país como um só homem disposto a todos os sacrifícios e a todas as privações. "Dias e Noites" é um retrato humanizado de um heroísmo sem limites".

(Aba do livro "Dias e Noites", de Konstantin Simonov, tradução de Iza Silveira, edição da Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1947)



Uma Por Mês

UM TOBIAS LOURO...

A anedota de hoje foi extraída da crítica literária local. Senão vejamos este trecho final:

"O professor Pinto Ferreira é um novo Tobias Barreto. Um Tobias louro, de olhos azuis que não faz discursos em mangas de camisa mas de "black". Como Tobias Barreto mastiga bem o alemão. Mas, não diz desamoros.

Pela primeira vez no Brasil

fia. Notas.

Eis um número vivo, bem paginado e com variada colaboração assinada por gente nova mas que sabe o que quer. "Região", com esse programa, está se impondo como uma grande revista literária que também se preocupa com assuntos de ordem sociológica.

CONTRAPONTO — Ano II - N.º 16 — Recife, outubro de 1947 — Diretor: Waldemar de Oliveira. — Sumário: Artigos de

um jurista aventureiro-se a charar a metafísica com o mesmo despreendimento que o gigante de Sergipe martelou o direito natural, do seu tempo. Pela primeira vez o nome de Max Scheler, Mienchela, Geiger e outros ilustres desconhecidos foram ouvidos e conhecidos com uma anedota de moça que vai ao primeiro baile, pela nova geração". (Trecho de um artigo de Gláucio Veiga — "J. do Comércio" — Recife, 18-1-1948).

Haydn Goulart, Waldemar de Oliveira, Mário Sette, Olga O'bry, Cecília Meireles e Francisco Brennand. Documentário de Pereira da Costa e Euclides Ponessa. Reportagens e Notícias. Impressa em magnífico papel a revista "Contraponto" continua a manter o mesmo nível dos seus números anteriores. Este número insere copioso serviço de "clichê" e movimentado noticiário sobre as nossas atividades artísticas.

as Elegias de Mauro Mota

N.º 1

Vejo-te morta. As brancas mãos pendentes,
Delas agora, sem querer, libertas
a alma dos gestos e, dos lábios quentes
ainda, as frases pensadas só em certas
tardes perdidas. Sob as entreabertas
malpebras, sinto em teu olhar presentes
mundos de imagens que às regiões desertas
da morte levarás, que a morte sentes
fria diante de todos os apelos.
Vejo-te morta. Viva a cabeleira,
teus cabelos voando! ah! teus cabelos!
Gesto de desespero e despedida,
para ficares de qualquer maneira
pelos fios castanhos presa à vida.



Ilustração de E. Xavier

N.º 2

Eterniso os teus últimos instantes,
quero esquivar-te ao derradeiro arquejo;
quero que, aos meus ouvidos, ainda cantes
nossa velha canção de amor; desejo
ter-te ao meu lado como tinha dantes.
Na fronte exausta de outro mundo um beijo
sinto. Foi de tua alma. Bem distantes,
seus cabelos castanhos soltos vejo.
Tinha a certeza de que voltarias.
Ouviste a minha voz e de mãos frias
chegas ansiosa! (Foi tão longa a viagem!)
Que palidez na face! Inutilmente
busco abraçar-te. Foges, que és somente
sombra, perfume, ressonância, imagem.

N.º 3

De mim perto, bem perto, junto, unida,
como nunca estiveste agora estás.
Foste e ficaste — estranha despedida,
reino de sombras, de silêncio e paz.

Tua presença é eterna, é eterna a vida
que, feliz, para sempre, viverás.
Morta é a morte, levaste-a de vencida,
não nos separaremos nunca mais.

Quando chegar meu derradeiro instante,
ó noiva ausente num país distante,
nossos amigos todos ouvirão

vozes e cantos, músicas e abraços.
Dos fantasmas que formos nos espaços
será o encontro sem separação.

N.º 4

Passos incertos sobre as lages frias,
sigo em busca de ti, sigo à procura
do tumulto da vida de outros dias,
que foi contigo para a sepultura.

Sinto, na solidão da noite escura,
que, donde estás, não me abandonas: guias,
e que vais ao meu lado de alma pura,
como, nos tempos que morreram, ias.

Amo-te mais depois que foste embora.
Nas lages frias, meus incertos passos.
Deixas de ser a eterna ausente agora.

Vejo que chegas linda dos espaços
e eu vou contigo pela vida afora,
conduzindo a tua alma nos meus braços.

N.º 5

Desesperada solidão. Sosinho
fico na êrma planície desta cama.
Dum corpo ausente a sombra se derrama
nas alvas dobras do lençol de linho.

No teu canto deserto, eu te adivinho.
Tua lembrança acende mais a chama
e o solitário amante a amada chama.
Bem mansamente, bem devagarinho,

pela amplidão do céu, vens vindo leve,
bem leve e fluida. Do distante espaço,
partem cantos de amor. Chegas e, em breve,

deitas no branco leito e até parece
que es a réstea da lua, este pedaço
de luar que pela claraboia desce.

Edições Clá

DO CEARÁ — Continua a sair o jornal literário "José" dirigido pelo escritor Antônio Girão Barroso. Ao lado do programa de "José" a Cooperativa Edições Clá Ltda. vem realizando um verdadeiro milagre em Fortaleza.

Já publicou "Três Discursos", de Eduardo Campos, Mário Soares, Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso (1942); "Águas Mortas" (1943); "Escola Rural", de Mário Sobrinho de Andrade (1943); "Noite Feliz", de Fran Martins (1946); "Fato Iluminado", de Eduardo Campos (1946); "Os Hospedes", de Otacilio Colares, Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides (1946); "Roteiro da Eça de Queiroz", ensaio de

Stênio Lopes (1946); "A Posição do Escritor na Reconstrução do Mundo", de Mozart Soriano Adernaldo (1947); "Posição do Escritor em face da realidade nacional", de Stênio Lopes (1947); "Uma Viagem Sideral", conferência de Rubens de Azevedo (1947). E para coroar essa atividade digna de admiração, as Edições Clá acabam de editar a primeira série de "Crítica" do sr. Aluizio de Medeiros. Nesse volume o jovem crítico cearense reuniu artigos de crítica literária publicados semanalmente no "Cor-

reio do Ceará", no "Unitário" e no "O Estado". Embora sejam artigos de livros do momento, nem por isso deixa de aparecer a força observadora do jovem escritor cearense que escreveu páginas agudas sobre Gilberto Freyre, Oswald de Andrade e Ribeiro Couto.

"Crítica", no seu primeiro volume, coloca o sr. Aluizio Medeiros entre os nossos mais vivos e bem informados cronistas literários.

E dentro desse espírito as Edições Clá anunciam vários livros. Otacilio Colares que apa-

recceu n' "Os Hospedes" vai publicar as suas poesias. Antônio Girão Barroso está fazendo uma seleção de poemas que intitulou de "A Ilha". Otacilio de Azevedo publicará seus poemas sob o título de "Desolação".

No romance, o já conhecido romancista Fran Martins retoca o seu novo livro, "Nós Somos Jovens" para próximo lançamento. Joaquim Alves está concluindo um trabalho de crítica sobre os escritores cearenses. Lúcia Fernandes terá a sua estreia com o livro de contos "Janelas Entreabertas".

Luiz de Barros enfeixou quatro ensaios biográficos, "Quatro perfis", para uma edição da Clá. E Moreira Campos e Aluizio Medeiros prometem dois novos livros de ficção "Viagem Marginal" e "Passado Redivivo".

A atuação dos rapazes do Ceará chega até nós com um incentivo e um exemplo a imitar.

"Gente da França"

DE SÃO PAULO — O jovem escritor paulista Alcântara Silveira reuniu em volume uma porção de ensaios sob o título "Gente da França". Logo no seu primeiro ensaio "Do suposto excesso de literatura francesa" travamos conhecimento com um intelectual que serve, na verdade, à inteligência. Livro escrito com segurança e com uma admiração conciente pela grandeza das letras de Balzac,

o volume "Gente da França", da Editora Assunção Limitada, revela um ensaísta. Ensaísta que não margina os assuntos e sabe expor com tida a força, beleza e poder da palavra escrita.

DO RIO — Do Rio, via Editora Nacional de São Paulo, o sr. Hildebrando de Lima, um dos nossos mais eficientes autores para crianças, nos enviou o seu novo livro: "Nosso Mundo", "história do progresso humano". Magnificamente ilustrado e escrito em linguagem acessível aos leitores menores, "Nosso Mundo" não pode faltar em nenhuma biblioteca colegial. Através de seus capítulos os pequenos leitores brasileiros irão encontrando respostas para todos os fenômenos até então para eles desconhecidos e chegarão ao fim da leitura com a sensação de que viajaram todo esse nosso vasto mundo.

Mala dos Estados

As chaminés da Usina São Francisco, na Parahyba, marcarão caminho novos a seguir pelos que se sucederem em aquela linhaagem de Ursulo Ribeiro Coutinho, que começou na Fazenda Chaves e se perpetua no trabalho de gerações que estão sendo fiéis às tradições de família.

JOAO PESSOA, janeiro 48

Quando Maurício de Nassau deu à Parahyba conquistada, como brasão, três pás de açúcar, não reconhecia apenas a importância da lavoura canavieira no nordeste, mas erguia um símbolo de trabalho que se perpetuaria através da reputação dos paraibanos como fatores de desenvolvimento da economia nacional. Esse símbolo fala da terra e dos homens da Parahyba. Fala de ação, de sacrifício, de lutas e de canseiras. E a Parahyba, na época nassoviana estava apenas a se iniciar, com os seus poucos habitantes a se fixarem pelas terras alagadas do litoral e massapés do brejo, produzindo açúcar e só açúcar. Os seus sertões ainda eram desconhecidos e as primeiras sementes da cana tinham vindo da ilha da Madeira há pouco mais de um século. Entretanto, mesmo assim, já os paraibanos influíam na vida econômica do Brasil-menino. Com a mesma tenacidade com que lutou André Vidal de Negreiros pela expulsão dos invasores holandeses do solo brasileiro, os seus contrários paraibanos se devotaram à terra, vencendo a influência do tempo, subindo a Borborema, fixando-se em seus vales e chapadões para plantar cereais e criar gado, numa busca incessante de riqueza e de progresso, até os dias atuais em que mais de quarenta engenhos de açúcar, aguardente e rapadura e mais de meia dúzia de usinas se confundem em sua paisagem enriquecida pela mão do homem, com fábricas de tecidos que ocupam milhares de braços, com as suas indústrias extrativas, com as plantações de algodão, açafrão, fumo, café, mangabeira, mandioca, milho, feijão e arroz, com um vasto parque anexo de atividades humanas, em favor do futuro e em função do progresso.

Se pudéssemos fixar a história de cada um dos ativistas dessa admirável legião patriótica de um milhão e meio de paraibanos que transformou em uma verdadeira Canaan, de cinquenta e sete mil e quinhentos quilômetros quadrados, dos quais dois terços são sujeitos a tremendas secas que assumem uma calamitosa regularidade cronométrica de quatro em quatro anos, então teríamos realizado um trabalho de fôlego que só se compararia a uma enciclopédia, tal a variedade de seus tipos e caracteres, ricos

nho da terra, para a fixação do homem e enriquecimento da gleba, no olhar vivo e bulgoso de um jovem entregue ao comércio, à indústria, à lavoura ou à pecuária, perscrutava-se a ambição sábia de progresso, de desenvolvimento, de fuga à rotina e de integração aos métodos e processos de conquista da riqueza que a cultura possibilitou aos homens para a posse da civilização. Se no coronel que se deixou ficar aos olhares anos, na contemplação de uma boca da noite melancólica em sua fazenda que lhe dá paz e descanso, vemos bem a mostra os sinais de um passado árduo e pesado; nos jovens que voltaram das escolas e universidades se pode bem sentir o entusiasmo pela vida radicalmente renovada e transfigurada pela máquina. O que não se vê é desânimo; o que não se sente é tristeza; o que não se ouve é lamúria e o que não se observa é recuo ao passado. Tanto naquele velho que representa tradição como no jovem que exprime o futuro, podem ser bem fixados ângulos que se sucedem dia a dia, em felizes perspectivas, enquanto nos apontam largas estradas por onde marcham em busca de novas conquistas, com o mesmo espírito, a mesma bravura, a mesma temperança dos bandeirantes dantescos, os paraibanos que fazem tremular bandeiras e bandeiras na República com aquele mesmo entusiasmo com que tanto se destacaram nos remotos tempos de província. Naquela arado que sulca a terra fértil pela força do boi ou do trator, encontra-se um sentido de vida e de trabalho. Naquela engenhoca que produz açúcar, aguardente, rapadura ou álcool, há o mesmo impulso que queima os volantes gigantesco de uma usina. Entre aqueles homens que estão limpando o agasalho do brejo e aqueles outros que colhem o algodão que se multiplica no cariri, há a mesma força e o mesmo espírito de realização que fazem das regiões, ricas em minério, de Piau, Piauí e Santa Luzia, colmeias humanas intensas, febris e fecundas. Entre os que movimentam teares ou máquinas de beneficiamento de algodão, nos campos, nas fábricas, na lavoura ou na pecuária, na indústria ou no comércio, os paraibanos escrevem a história com sentimentos comuns: vontade de viver, desejo de ven-

estão avançando para duzentos anos. Os braços de brancos eram escassos e braços escravos plantaram anos a fio, dentro de uma légua de semaria. Naquela época uma braça de terra custava apenas uma pataca e um escravo valia algumas dezenas de patacas. A Nasinha Maroja sucedeu ao seu filho João Ribeiro da Silva Coutinho que logo cedo começou a dar novo sentido ao Chaves, incorporando leguas novas de terra. A ele se deve hoje um Chaves de horizontes longínquos, perdendo-se entre as propriedades de Boqueirão, Escarlate, Guapi, Pauferro e Santa Inês. Com ele também vieram máquinas para ajudar o esforço humano. Como um homem de visão, João Ribeiro da Silva Coutinho firmou-se na Castinga com os olhos voltados para o vale do Parahyba. A propriedade de Una representou o mesmo papel que a Austria desempenhou para os germânicos na aplicação da famosa tese do espaço vital. Com uma diferença, entretanto, pois o velho João Ribeiro Coutinho não pôs sobre Una com os bolsos vazios e a cartucheira cheia, mas com os bolsos cheios de patacas e os quartos vazios de arruachas. E por ali principiou o domínio do vale do Parahyba, ficando João Ribeiro da Silva Coutinho como pioneiro do seu aproveitamento, valorização e consequente industrialização. Com 88 anos, já proprietário na capital e cem por cento político, desaparecia uma figura interessante da economia paraibana, mas não de uma vez, pois no Chaves ficara um seu descendente direto da mão para a lideira — Ursulo Ribeiro Coutinho, o "major Ribeirinho" como é conhecido por onde a cana se alastrou. Homem de bem, bom paraibano, boa fibra e puro caráter. A sua vida é longa e os seus exemplos duradouros. Ampliou e consolidou o patrimônio legado por João Ribeiro Coutinho em três léguas e meia quadradas de terra, plantando e criando, com os seus olhos azues de verdadeiro holandês no trabalho, voltados para o céu em busca de chuvas e sem outras distrações sentiu aquelas paisagens e outros motivos de vida senão a perpetuação de um legado de família. Homem todo voltado à terra e só conhecendo um senhor que é a própria terra. Todos os seus sentidos estão entranhados do cheiro de terra e de gado. Não há nele ou-

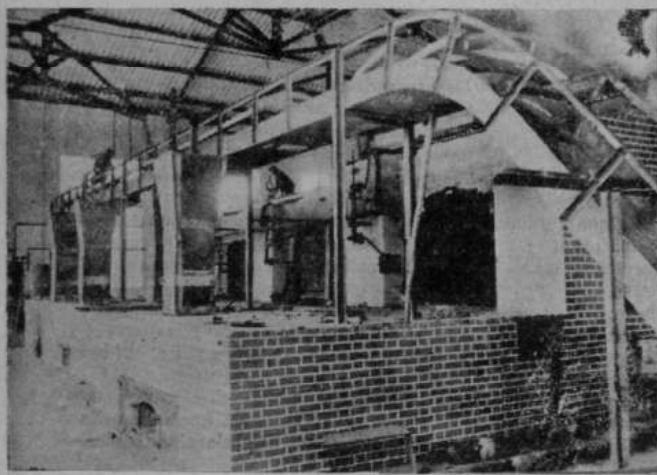
gênio Otávio para o "Mackenzie College", de São Paulo. Encaminhou o segundo, Edson, para a Escola de Agronomia de Vicosa. Reservou para o mais novo, Jorge, um educandário no Rio de Janeiro.

INFLUENCIA DOS NOVOS TEMPOS EM UM VELHO LEGADO

Logo começou o Chaves a experimentar a renovação que

sopra pelo mundo, assim que Otávio Ribeiro Coutinho regressou de vez do "Mackenzie College". Tratou o jovem universitário em primeiro lugar do povo, melhorando o elemento humano para poder contar com maior rendimento. Substituiu as casas de palha por casas de verdade — tijolo e telha. Introduziu a agricultura mecanizada. Importou novas raças como Gir, Nelore, Guzerat e estabeleceu os melhores plantéis de gado de boa raça, expulsando para sempre o tipo caboclo de nostálgico destino face à renovação da economia agro-pecuária nordestina. Fez erguer máquinas para beneficiamento do algodão. Enfrentou uma luta árdua, penosa e difícil, contra tudo e contra todos, contra todas as forças reacionárias. Era que Otávio Ribeiro Coutinho preparava o Chaves para suportar o peso, o ônus e a responsabilidade de uma verdadeira base de operações em grande escala. Com o sangue empreendedor de João Ribeiro da Silva Coutinho a lhe ferver nas veias, perscrutava os horizontes para rumar à indústria. Tentou erguer uma

indústria de cimento. Viajou por todo o nordeste, foi ao extremo norte, não deixou palmo de terras férteis em Alagoas, Rio Grande do Norte e até o Pará, que não paulistasse em busca de um local ou de uma oportunidade para montar uma usina. Mas, as terras da Parahyba estavam chamando. Chamava a tradição, chamavam os vínculos sagrados de família, chamava o próprio paraibano! E Otávio Ribeiro atendeu. As terras fértilíssimas de Guarabira e Serraria lhe fortaleceram na sua predestinação à indústria açucareira, estimulando o seu espírito de iniciativa, animando-o e sacudindo-o para uma grande arrancada. "Boca da Mata", "Vinte e Cinco ou 78", "Cafundó", "Miguel", "Cacimba de Miguel" e "Ipueiras" foram os engenhos de rapadura que, participaram das primeiras operações de comando de Otávio Ribeiro. Estava ele com três mil hectares para princípio de conversa como industrial. E como a terra e a fascina como a única coisa real da vida, "Riachão" e "Cachoeira" foram dois outros engenhos que vieram dar acesso



Casa de Força



Fachada principal da usina "São Francisco"

em exemplos, imensos em seus esforços, gigantesco no desempenho de suas missões e verdadeiramente diabólicos na sua extraordinária capacidade de resistência e adaptação ao meio. Tipos e caracteres que se desenvolveram através dos mais diversos setores de trabalho incalculáveis, argutos e penetrantes na visão do futuro pelo qual viveram, sonharam e suaram. Há em todos uma centelha de vida, de agitação, de inquebrantável disposição para a luta que tanto mais os atrai quanto mais árdua e difícil se apresenta. Admiráveis quando os visões de perto em sua ação, impressionantes quando os sentimos em sua interior e singular combatividade. Nenhuma história empolpa mais do que aquela que focaliza e brota de uma família paraibana do nada. Daquelas numéricas que hoje constituem as pedras fundamentais da sua estrutura econômica, social e política. Em cada uma há continuidade de trabalho, pugnância, nordestinidade em suas atitudes desogadas. Se os cabanos de um anêfio espelham uma vida consumida no ama-

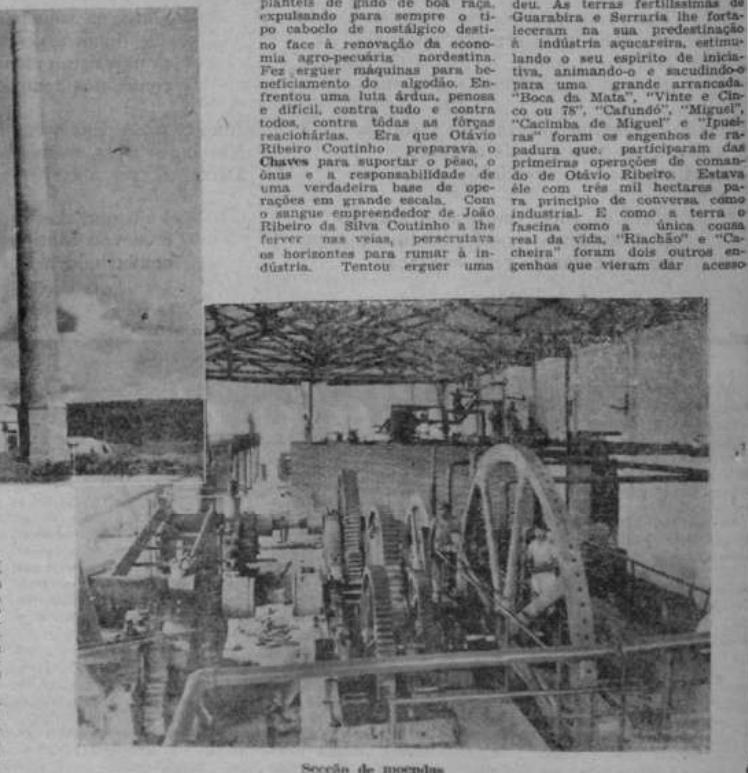
cer, visão de progresso, ância de conquista e espírito de luta.

PRINCÍPIO DE UMA TRADIÇÃO DE FAMÍLIA

Veja-se, por exemplo, a história da Usina São Francisco que está nascendo nos vales férteis de Serraria, Guarabira e Zambujal, onde a cana se produz sucessivamente, por dez anos consecutivos. Veja-se a sua história e se sinta a vida de suas personagens. Começa na Fazenda Chaves onde Nasinha Maroja fincou raízes que

tra preocupação: trabalho. A sua vista se perde anos inteiros entre os campos cultivados e os seus ouvidos se enchem por muitos lustrados do pastoreio de milhares de cabeças de gado. O seu espírito se envidoece apenas com a família e com o Chaves e nenhuma outra força alhora a sua divagação na hora do crepúsculo.

Mas, o major Ribeirinho sabia que precisava, como um chefe autêntico de clan, preparar sucessores, adestrar os continuadores de sua ação no Chaves. Despachou o primo-



Seção de moendas

nos planos de Otávio Ribeiro, aos vales do Rio Bebedouro, em Paraibana. Aquelas terras cortadas de ferrovias e rodovias, com canais florindo por toda parte, estavam pedindo cultura intensiva e extensiva em função de uma arrojadia iniciativa.

COMEÇA A NASCER UMA NOVA USINA NA PARAIBYBA

Começou então a luta de verdade. Começava a nascer uma nova usina para influir na economia paraibana, elevando o nível de vida de milhares de camponeses, inclusive daqueles rapadureiros que têm o destino contraditório do homem rico-pobre, vacilando entre a fartura e a miséria, pela fragilidade dos elementos de que dispõe para alçar a sua economia

ficio central para funcionamento da usina, casas de trabalhadores e de funcionários da administração, canais de irrigação, casa de luz e força, todas as obras enfim, necessárias ao conjunto industrial. E, mais tarde, a sua indústria de cerâmica ampliada, jogará nos mercados do país, telhas, tijolos, ladrilhos etc., tão bons como os melhores existentes no consumo.

VALORIZANDO O HOMEM PARA VALORIZAR A PRODUÇÃO

E, não foi apenas na construção da Usina São Francisco que Otávio Ribeiro Coutinho encheu a sua cabeça de trinta e cinco anos com cabelos bran-



les que dizem respeito à valorização do braço humano, não distinguindo obras fundamentais e suplementares. Vejo o conjunto. Vejo a técnica e o homem.

Para fugir da rotina, orientando os trabalhos de fundação de lavouas, servem na Usina São Francisco dois técnicos de largo tirocinio — José Leopoldino de Almeida, antigo funcionário do Ministério da Agricultura, e Horta Pinto, com larga experiência como técnico da Usina Utinga, a maior organização agro-industrial do norte. E com técnicos assim, sementes em casa, as melhores variedades de cana estão lançando raízes de canaviais que se perderão pelos vastos horizontes que limitam a nova usina de açúcar da Paraibya.

quante nove mil hectares proporcionará cana para uma safra de cento e cinquenta mil sacas.

Então, à vista de tão vasto patrimônio cuja riqueza moral ultrapassa de muito o seu valor material, um nobre varão como Otávio Ribeiro Coutinho poderá exclamar para os seus netos, contemplando Otávio, Edson e Jorge, os seus três únicos filhos, que viveu uma existência dedicada à família e à terra, e que não passou em vão pela vida. As chaminés da Usina São Francisco ficarão enviando mensagens para o futuro, assinalando roteiros a seguir pelos que se sucederem naquela linhagem que começou na Fazenda Chaves, perpetuando-se pelo trabalho de gerações



Vista parcial da Usina "São Francisco" — A pujança dos canaviais — A estrada de rodagem para escoamento fácil da produção.

privada, ante a força desavergada dos fenômenos climáticos ou a ação corrosiva das grandes crises econômicas.

Dois anos se passaram. Lutando, suando e sofrendo, ante a má fé, a intrigas, a inveja e a deslealdade de concorrentes de pouca compostura, ante a falta de técnicos, as dificuldades de crédito, e os efeitos da guerra em nosso país. Tudo foi difícil a Otávio Ribeiro. Desde os elementos primários até os substanciais como maquinismos e pessoal. De uma destilaria de álcool puro, partiu para uma grande usina. Enquanto pudesse parecer, aos menos avisados, uma distração, a instalação de uma verdadeira indústria de cerâmica foi o seu primeiro cuidado. Com ela teve elementos para construir o edi-

cos, em apenas dois anos. Com a visão do homem moderno, dominado pelo espírito do século do homem do povo, inspirado no mais arraigado sentimento de solidariedade humana, aconselhado pela experiência, devotou-se a trabalhos subsidiários que tomaram o mesmo vulto da própria construção. Aquelas vaíes úmidas foram todas drenadas e retificadas os seus riachos e córregos. Combateu com armas específicas o impudismo, a sifilis, a lastimiosidade, a escostimose, a boubia e todas as endemias que afligiam e inferiorizam o caboclo que iria dar vida às instalações que se erguiam em Pirpirituba. Otávio Ribeiro viu o trabalho e a produção em função das possibilidades e das disponibilidades físicas da gente com quem

teria de contar para completar a sua obra. Programou ainda creches, maternidade, hospital, escolas, cinema e restaurante, incentivando a produção do leite, carne, verduras e frutas para firmar uma base sã, de alimentação aos camponeses e operários que integrariam a Usina São Francisco. Explicou bem o seu esforço, di-

zendo à "Nordeste" — "Quero uma célula viva para a economia paraibana. Quero acompanhar os trabalhos com a visão das alturas. Se erguemos as alturas uma chaminé que simbolizará ação e trabalho, não podemos deixar o homem esmagado pela doença e pelo pauperismo. Entre os trabalhos de construção da usina e aque-

Agora a barragem construída para o abastecimento d'água da usina e que desviou o curso do rio Bebedouro através de um canal em alvenaria de mil e oitocentos metros, já estão concluídos para início imediato, os estudos de uma barragem de grandes proporções, com capacidade para nove milhões de metros cúbicos, a fim de garantir um sistema perfeito e completo de irrigação dos vales.

E se o sacrifício morre quando a obra se ergue, já pouco falta, para libertar-se da luta, idealizador e realizador da São Francisco, de vez que em fevereiro, as suas moendas estarão tragando 700 toneladas de cana, diariamente, ou sejam 800 sacas de açúcar por dia, en-

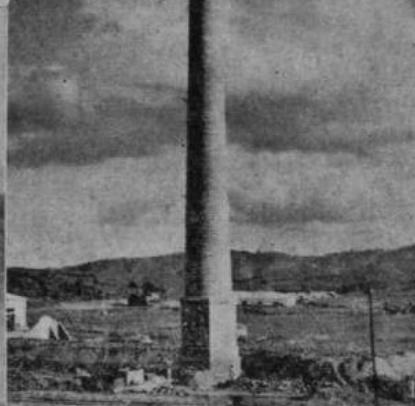
que cumpriram com o seu dever e foram fiéis às tradições de sangue que vinculam famílias, fortalecem glebas e projetam nações.

E aqui está a história de uma família, e de uma usina de açúcar. História que é apenas um detalhe da formação econômica da Paraíba cujo progresso tem custado suor e sangue às gerações que não se deixam vencer pelas forças contrárias que caracterizam o Nordeste brasileiro como teatro da grande luta do homem contra a natureza.

A Usina São Francisco é bem um retrato vivo deste nordeste inclemente, contraditório, hostil e contudente que está sendo vencido pela inteligência e tenacidade do homem brasileiro.



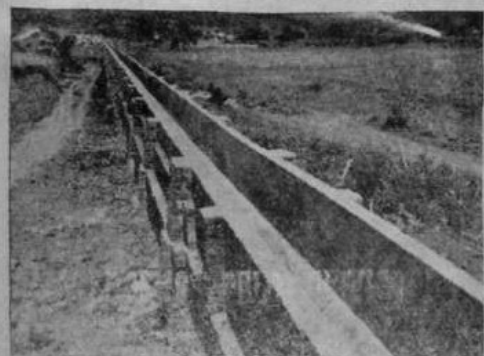
No tempo das rapaduras... os caboclos assim viviam.



A chaminé dominando o vale



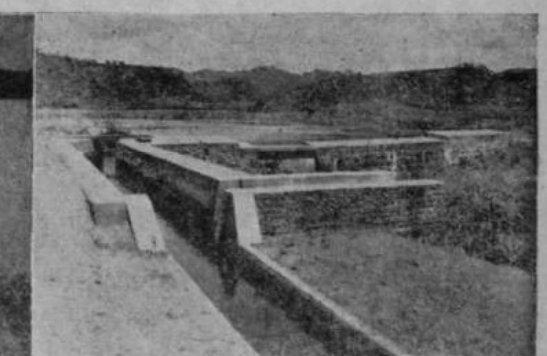
Com a usina, nasceram residências higiênicas para os camponeses.



Por 1.800 metros, através um canal de alvenaria, a água alimenta a usina.



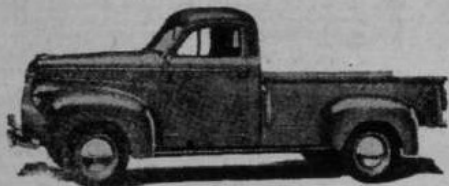
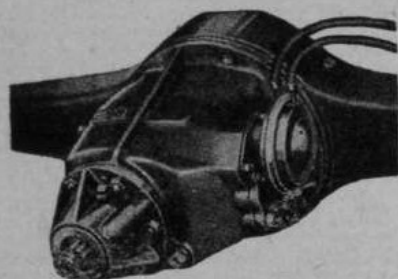
A represa



Distribuidores de água para os campos e para a usina

STUDEBAKER SEMPRE!

Caminhões - Chasiss Para Onibus E Lindas Caminhonetes **ENTREGA IMEDIATA**

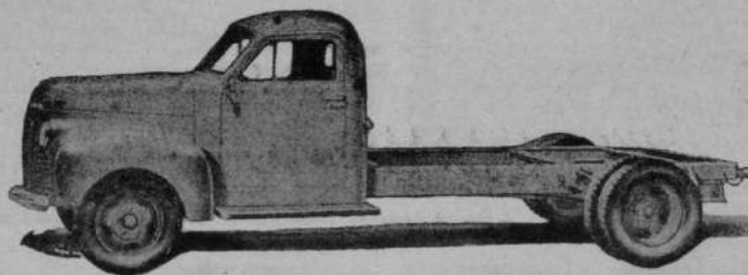


★
O eixo de duas velocidades de Studebaker encerra a mudança mecânica mais moderna e eficiente, que proporciona força extra, na redução baixa das engrenagens ou velocidade mais alta na relação rápida do eixo traseiro. Este eixo de ação desdobrada, em combinação com a transmissão de 4 velocidades, dá ao veículo oito velocidades avantes e duas velocidades à ré. São sempre fornecidos também com este eixo de duas velocidades, regulador de motor, servofreio e molas reforçadas



Lindas Caminhonetes para três passageiros e carga

O chassiss de camião Studebaker M-17 de 152 polegadas entre eixos com diferencial reduzido, longarinas reforçadas, motor de 6 cilindros com 94 cavalos, é insuperável em potência e economia



Fornecido com cabine americana de aço, ou com parabrisa

CÂMARA & CIA. LTDA.

RUA IMPERIAL, N.º 1.934 (EDIFÍCIO PRÓPRIO)

Fone, 6036 — Caixa Postal, N.º 452 — Telegramas: "OCENA" — RECIFE - PERNAMBUCO

Refrigeradores Montgomery Ward. Máquinas lavar roupa M. W. com motor 220 vols.
Pneumáticos — Acessórios, etc.

O Conto INFANTIL

Maria Rosa puxou Carlinhos pela mão e lá se foi com ele para o jardim. A menina tomava uma arca de maná para com o irmão que era mais moço, três anos do que ela, e o que vale é que Carlinhos lhe obedecia em tudo.

No meio do jardim havia um grande tanque cheio de peixinhos. Peixinhos azuis, vermelhos e amarelos. Maria Rosa era encantada pelos peixinhos. — Carlinhos! nasceu mais um peixe amarelo. Que lindo, olhe!... e Maria Rosa foi metendo a cabeça no tanque, metendo a cabeça e... timbim! caiu no fundo do tanque. — Mariosa! Mariosa!... gritou Carlinhos quase chorando, vendo a irmã desaparecer na água.

Mas a menina não ouviu mais nada. Começou a beber água, a beber água e foi despençando para o fundo do tanque... Quando se achava bem lá embaixo, um peixinho amarelo veio se chegando para junto dela e com a maior delicadeza possível, meteu-lhe pela boca uma grande espinha. Foi um santo remédio! A espinha levou toda a água da barriga da menina e esta pôde afinal respirar.

— Ufa! quase que morro com tanta água. Engraçado! a Mãe diz que quem bebe muita água cria sapo na barriga... Será que eu criei?

E Maria Rosa começou a prestar atenção para ver se ouvia o coaxar do sapo quando... — Nem procure o sapo, menina. É cousa que não existe por aqui. E um bicho muito feio e esses bichos feios fazem mal aos nervos da gente. Fora com eles!

Maria Rosa virou-se depressa para ver de onde vinha aquela vozinha fina e deu de cara com o peixe amarelo.

— Foi você quem falou, seu peixe? Que cousa engraçada! nunca vi um peixe falando...

— Pois veja, agora, menina, respondeu o peixe fazendo uma pirueta.

— Como é o seu nome, peixinho? perguntou Maria Rosa, segurando o peixe pelo rabo e fazendo-lhe um agrado nas barbatanas.

— Saco de Gatos, respondeu o peixe enquanto se escapulava depressa das mãos da menina porque ele sentia cócegas.

— Ué! Saco de Gatos? Onde você foi arranjar esse nome?

— De uma viagem que fiz à sua terra, menina, respondeu o peixe.

A menina ficou admirada. Ela sabia que os peixes não podem viver fora d'água e como é que aquele peixe tinha ido à sua terra? Se Maria Rosa não fosse tão distraída, já teria visto uma porção de balões cheios de oxigênio enfiados no fundo do tanque. Com estes balões é que os peixes subiam à terra. Amarravam os balões nas barbatanas e pronto! a terra era sopa para eles.

— Você já foi à minha ter-

ra? perguntou Maria Rosa ao peixe.

— Foi, sim. E posso lhe dizer que a sua terra é um saco de gatos.

Saco de gatos?... e Maria Rosa já ia perguntar onde é que estavam os gatos quando notou a água borbulhando em volta dela. Borbulhava tanto que fazia aquele barulhinho que ela estava acostumada a ouvir quando, brincando, mergulhava a saboneteira na banheira cheia d'água.

A menina não se conteve: — O que é que está acontecendo com a água? perguntou ela ao peixe amarelo.

O peixe explicou que quem fazia aquilo era o irmão dela que tinha ficado na beira do tanque. Quando ele botava a boca na água e gritava: — Mariosa! Mariosa!... a água mexia até lá em baixo.

Só, então, foi que a menina se lembrou do irmão. Coitado! tinha ficado sozinho, lá em cima. Maria Rosa tanto pediu

— Ufa! quase que morro com tanta água. Engraçado! a Mãe diz que quem bebe muita água cria sapo na barriga... Será que eu criei?

E Maria Rosa começou a prestar atenção para ver se ouvia o coaxar do sapo quando... — Nem procure o sapo, menina. É cousa que não existe por aqui. E um bicho muito feio e esses bichos feios fazem mal aos nervos da gente. Fora com eles!

Maria Rosa virou-se depressa para ver de onde vinha aquela vozinha fina e deu de cara com o peixe amarelo.

— Foi você quem falou, seu peixe? Que cousa engraçada! nunca vi um peixe falando...

— Pois veja, agora, menina, respondeu o peixe fazendo uma pirueta.

— Como é o seu nome, peixinho? perguntou Maria Rosa, segurando o peixe pelo rabo e fazendo-lhe um agrado nas barbatanas.

— Saco de Gatos, respondeu o peixe enquanto se escapulava depressa das mãos da menina porque ele sentia cócegas.

— Ué! Saco de Gatos? Onde você foi arranjar esse nome?

— De uma viagem que fiz à sua terra, menina, respondeu o peixe.

A menina ficou admirada. Ela sabia que os peixes não podem viver fora d'água e como é que aquele peixe tinha ido à sua terra? Se Maria Rosa não fosse tão distraída, já teria visto uma porção de balões cheios de oxigênio enfiados no fundo do tanque. Com estes balões é que os peixes subiam à terra. Amarravam os balões nas barbatanas e pronto! a terra era sopa para eles.

— Você já foi à minha ter-

O Mergulho de Maria Rosa

Maria Lúcia Amaral

Gatos!... Salve meu irmão! gritou Maria Rosa com os olhos querendo saltar da cara.

O peixe amarelo pegou uma grande rede, levantou-a para cima e... plaft! arrastou com ela todos os peixes que se achavam sobre o menino. Este mais morto do que vivo com o susto, tinha na mão e segurava com força uma grande fatia de pão. Estava aí a causa do barulho dos peixes: queriam o pão de Carlinhos.

Maria Rosa nunca viria um cartão tão grande como o que Saco de Gatos passou nos pei-

tras. Não há ninguém como eu para fazer calar as crianças.

E o peixinho torceu o bigode e virou os olhos. Só, então, foi que Maria Rosa reparou que o bigode dele era feito com o sargento que parecia umas uvinhas. Maria Rosa era louca por aquele sargento.

— Você é mesmo formidável, seu peixe. Nunca vi Carlinhos parar tão depressa com um berreiro.

— Não é isso mesmo, menina? Ah! eu sou formidável! e

gou o bigode aos pés de Maria Rosa.

Era o que a menina queria. Num abrir e fechar de olhos, o bigode foi parar no bolso do seu vestidinho.

— Eu posso, sim. Você vai ver. E Convecido se levantou, arrogante, disposto a repetir a façanha mas, que nada! caiu no chão, redondamente, porque as suas pernas estavam fracas co-

mo palitos de dentes. Maria Rosa foi se virando para deixar aquele peixe convencido quando, pum! ele encontrou num peixe comprido como uma enguia que se achava atrás dela. A menina teve um medo horrível do peixe porque a cabeça dele era cheia de macacinhos. Os macacos eram tão pequenos que pareciam aguilas e pulavam na cabeça do peixe como se fossem de circo. Maria Rosa não tirava os olhos deles. Como é que não caíam com tantas piruetas?

O peixe, com o encontro da menina, começou a remugar. — Essa história da gente andar olhando para o chão, dá nisso, acaba batendo numa montanha.

Ah! Maria Rosa ficou furiosa. Como é que aquele amarelo, enjoado, dizia que ela era uma montanha... Ele era cego?

— Não sou montanha, não, ouviu, seu peixe? Sou uma menina, disse ela aborrecida.

— Menina? Qual... qual... Menina é filha de peixe.

E o peixe se afastou, dobrando-se todo em risadinhas e fazendo caretas para os macacos que davam pulos e mais pulos na sua cabeça.

Maria Rosa não aguentou mais e chamou Saco de Gatos para saber que peixe era aquele. — O nome dele é Macaquinhos no Sotão, explicou Saco de Gatos. É maluco, coitado! E ficou assim depois que voltou da sua terra. E' por isso que nós agora botamos aquela avisão ali. E o peixe apontou para uma grande tabuleta que havia mais adiante: E' PROIBIDO VISITAR A TERRA.

Ah! Maria Rosa não aguentou mais. Assim como aqueles peixes não queriam saber da sua terra, ela, também, não queria saber da casa deles que era aquele tanque feio e sem graça. Nunca mais ela faria a tolice de ir olhar os peixinhos. Nunca mais! Eles podiam nascer e morrer que ela pouco estava ligando...

E Maria Rosa agarrou Carlinhos pela mão, apanhou as asas de Convecido que estavam acudidas a um canto e, com elas, voou para a terra. Só quando chegou lá em cima, é que enxergou, agarrado numa das asas, todo encolhidinho, um peixinho vermelho. Era Convecido.

— Não se incomode, Convecido. Nem todo o mundo pode viver na terra.



"Foi você quem falou, seu peixe?" — Ilustração de Zuleno

a Saco de Gatos que fosse buscar o peixe resolveu satisfazer o pedido da menina. Foi lá em cima, meteu uma espinha na boca de Carlinhos e veio com ele agarrado ao seu rabo. Maria Rosa correu logo para o irmão mas, de repente, uma nuvem de peixes caiu sobre Carlinhos. Eram peixes de todas as cores e tamanhos e o pobre do menino fazia tudo para se livrar deles. Sacudia os braços e as pernas, gritava, mas não havia jeito.

— Saco de Gatos! Saco de

xes gulosos. Nem a Mãe, quando ela havia quebrado a cabeça da boneca para ver se havia alguma alma dentro.

Os peixes ficaram muito encabulados depois do cartão e, um deles, vendo Carlinhos chorando a um canto — o menino abriu as torneiras com o susto — trouxe umas ostras cheias de pérolas para o menino brincar. Era um peixinho vermelho e Maria Rosa simpaticizou logo com ele. O peixe era mesmo engraçadinho. Usava uma gravata de laço e ti-

o peixe abriu uma boca tão grande para dizer o "formidável" que Maria Rosa teve medo que ele engulisse as uvinhas.

— Você seria mais formidável se não usasse esse bigode, observou a menina com um plano bem arranjadinho na cabeça.

— Você acha? perguntou o peixe com um ar assustado indo olhar a sua cara onde a água era transparente como um espelho. Olhou e tornou a olhar, torceu o bigode, destorceu-o e, afinal, com um puxante, jo-

Bicicletas Belgas



FLANDRIA

A melhor entre as melhores

MAIS UMA REMESSA ACABA DE RECEBER

SOCIERGE

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

Rua da Moeda, 149 — 1.º andar

PHONE: 9422

Recife

Livros Nacionais e Estrangeiros

Literatura — Livros Escolares, Técnicos e Científicos

LIVRARIA DA

Companhia Editora Nacional

Rua da Imperatriz, 43 — Telefone 2726

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO

RECIFE

— PERNAMBUCO

Aqui estaremos

em

1948



← A futura sede do Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S.A. Prédio adquirido à avenida Rio Branco, esquina de Mariz e Barros e cuja adaptação obedece a um plano moderno, oferecendo máximo conforto aos clientes e possibilitando inovações na atividade bancária. Entre estas, o Recife terá o primeiro departamento de cofres particulares, como nas grandes capitais.

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

N A VIDA DAS INSTITUIÇÕES O ANO QUE PASSA É APENAS UM MARCO UTRAPASSADO. MAS HÁ A GRANDE SATISFAÇÃO DOS OBJETIVOS CUMPRIDOS E AS MESMAS ESPERANÇAS A SE AVIVAREM DE MELHORES DIAS, TORNANDO MAIS PROPÍCIO O CAMPO PARA A AMPLITUDE DO PROGRAMA TRAÇADO DE REALIZAÇÕES. ESTAMOS MUITO SATISFEITOS EM TER DADO O MÁXIMO DE Nossos ESFORÇOS NA ANO QUE FINDA, PARA O BEM ESTAR E PROGRESSO DE PERNAMBUCO. E PARA O NOVO ANO TODOS OS NOSSOS DESEJOS E PROJETOS SE VOLTAM COM A MESMA INTENSIDADE, DE SERVIR CADA VEZ MELHOR A PERNAMBUCO E AO BRASIL, SERVINDO-NOS DO MESMO ENTUSIASMO E INTERESSE QUE TRAZEMOS, COMO UMA BANDEIRA, DOS Nossos DIAS DE 1933, QUANDO INICIAMOS ESTA GRANDE E GLORIOSA ARRANCADA.



BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO S. A.

AV. RIO BRANCO, 155 — CX. POSTA L. 444 — RECIFE — PERNAMBUCO

(Continuação da pag. 3)

Chiqueiro
Esparela
Arapuca

III. Por armadilhas:

Sangra
Espingarda
Pacho
Cabaça
Alcapão
Visgo
Lajo
Curral de buraco
Lata de potassa
Telha amarrada
Cachaça
Anzol

Cachorros — "Os cães sertanejos não têm origem certa, nem raça determinada. São a resultante de uma mistura étnica elaborada pelas condições de vida através do tempo, que se não pode explicar. São de todos os tipos e tamanhos, cores, malhas e feitios, pelos sedosos ou arrepiados, focinhos curtos ou longos, orelhas caídas ou de pé. Múltiplas e variadas são, também, suas aptidões. Uns são exímios farejadores, perseguidores incansáveis das raposas, das feras e astutos cães baillenses e velutos; outros, guardas fiéis da casa e do chiqueiro; ajudam a pegar o gado e defendem o cercado das galinhas dos assaltos noturnos da raposa, do guaxinim e do gambá. O matuto designa de um modo especial a aptidão dos cães: cachorro bom de gado, bom de onça, bom de raposa", (28) e bom de porta (cão de guarda).

Têm comparações jocosas para depreciar os cães alheios: "isso é cachorro bom; de bicho de carreira, — ovo, e bicho de buraco, — panela, não escapa nas unhas dele".

A escolha de um cão obedece uma série de experiências que se transmitem através das gerações; coletai algumas das mais interessantes:

Constitue bom sinal: as unhas das mãos e dos pés da mesma cor; o céu da boca de cor preta; não gritar quando suspenso pelo couro do cangote; biquinho (máui comedor) e um dedo suplementar. Todo cão branco é emorecido; rajado é reimoso e de anus grande é corajoso. A cauda fina constitui boa característica: sendo enrolada para direita é bom, porém se a ponta da cauda é esquerda o cachorro tem dia, i. é., nem sempre presta. A pedra de toque infalível são os cabelos de baixo do queixo: 1 muito bom,

2 bom, 3 sofrível e 4 não presta. Cachorro pituinho (28) persegue lobisome.

O cão bom de preá é despresado pois acua sempre em falso. Daí o axioma: "mente que só cachorro de preá". O cão pequeno é designado por cachorro de balala pois um balala pode abrigar vários deles.

I — A caçada com o cachorro não possui particularidades a registrar; sempre se processa pelo rastejamento, perseguição e morte da caça. Tratando-se de animais de porte elevado ou que se refugiam em grutas ou arvoredos, — os cães acua até a chegada do caçador que liquida a situação com um tiro.

2 — Para desentocar os pequenos roedores, empregam esporadicamente um furão (Grisson vittatus) amestrado.

Os tatás quando agarrados "na boca do buraco" fazem-lhe cocogas no anus e o animal se desprende deixando-se pegar; outros o apunham na inserção da cauda. Havendo facilidade dáguia, despejam algumas latas no buraco provocando assim a saída da caça.

C. Ribeiro Lessa (Vocabulário de caça — col. Brasileira) registra um processo amerinido quase desconhecido entre nós: "consiste em fincar a roda do buraco, enquanto o animal cava e atira terra para traz, uma série de varinhas, de cerca de meio metro de comprimento, que se amarram em feixe a uma certa altura, que não deve ser muita, para que não deixe espaço suficiente para o tatá se mover nesse gaiola improvisada. O animal logo que sente não estar mais sendo perseguido, volta-se dentro da toca para sair, e vai atulhando progressivamente o buraco com a terra retirada. A saída, o focinho que encontra-se com o vertice dessa cúpula ogival de varas, e, como não sabe escavar para traz, nem pode mudar de posição, é irremediavelmente capturado".

Falando com um velho caçador sobre esse original processo, identificou-o como curral de buraco.

(Conclui no próximo número)

NOTAS

1 — engordado. Os que já cobraram carnes, que perderam nas jornadas e mudanças de pastos. (Dic. Moraes ed. 1878 pg. 569).

2 — "Problemas Agrícolas do R. G. Norte 1942-3" do autor.

3 — Agalha, azagaia, agaias ou zagaina. —

(Do Árabe alchazaca do verbo chazaca, rasgar, passar, ferir rasgando com lança ou com arma de ponta. Doxy seguindo a Defrémy aceita a derivação da palavra Berbere zagaya com o artigo Árabe (az-zagaya) Lança curta, arrojadica, ferrada com os ossos de animais ou pds, de que usam os Cafres e outros bárbaros (Dic. Moraes, ob. cit. p. 238).

4 — é o vaqueiro que trabalha avulso. Sua diária corresponde a de um trabalhador braçal da lavoura; percebe por "campo", ainda que este ocupe apenas algumas horas. (Nota do autor).

5 — É considerado entre nós, sertanejos, aquele que habita a oeste da serra do Doutor (Chapada da Borborema), inclusive. (Nota do autor).

6 — Pequena elevação pedregosa (N. A.)

7 — Alpergatas, alpercatas, apragatas, seg. Constância: alpargatas, alpargata, em árabe al-barga ou abagat, calçado que tem o rosto enfiado de couro; calçado delicado para mulher, de veludo, seda, etc. Alpercate: termo de sapato, abertura entre a orelha e a pala do sapato. (Viagem ao Nordeste do Brasil — Henry Koster ed. Brasileira N. T. Luiz da Câmara Cascudo pg. 144).

8 — Bolsa de couro ou mescla que conduzem a tiracolo (N. A.) Corrupção do lat. vademecum, vai comigo. (Dic. Moraes, ob. cit. pg. 242).

9 — Processo para obter fogo usado pelo sertanejo nordestino. Consiste de uma ponta de chifre (de bovino) cheia de algodão; ao seu redor prendem, com o indicador de uma das mãos, uma pedra ligada de galinha (nefrite?) e golpeiam-na com um indicador de uma das mãos, assim obtida inflama o algodão. O conjunto da pedra e lima é denominado fuzil (N. A.).

10 — Processo usado pelo sertanejo para fazer café. Colocam uma pequena pedra lisa no fogo e numa vasilha com água o café em pó; quando a pedra está quente é posta na água que imediatamente ferve. Para "assentar o pó" derramam algumas gotas d'água fria sobre a bebida (N. A.).

11 — Cucurbita lagenaria — Linneu. Fam. Cucurbitaceas.

12 — "Saco para carregar água de uso universal. Segundo Teodoro Sampaio: mibibú — corruptela de mibi-pibú, o odre, o saco de couro, vulgarmente "borrachas" (Viagem ao Nordeste do Brasil — Koster — N. T. Luiz da Câmara

ra Cascudo p. 144).

13 — Spondias tuberosa — Arruda. Fam. Anacardiaceas. Y-mb-ú: a árvore que dá de beber; ou ambie-u — coussa que se pode beber; ou ainda imbi-imbú — fruto que faz vir ou que dá água (Contribuição ao dicionário da flora do Nordeste Brasileiro — José Luiz de Castro — Bol. I. F. O. C. S.).

14 — Mucuna urens — DC. Fam. Leguminosas (idem).

15 — Depósito de conduzir pólvora. Geralmente usam o chifre de bovino ou uma pequena cabaça revestida de pele que envolve os testículos dos caprinos com o fim de reforçá-la (N. A.).

16 — Estojo de couro ou pano grosso onde é guardado o chumbo de caça (N. A.).

17 — Arma de atirar setas, pelouros; consta de arco e corda, em cuja extremidade está o arco, e solta ela pelo disparador despara o tiro, com violência (Dic. Moraes, ob. cit. pg. 268).

18 — A parte saliente da coroa que é atravessada pelo arco (N. A.).

19 — É empregado em substituição a corda; o relho usado é de couro cru (N. A.).

20 — Peça que desprende o relho quando se contrai o gatilho (N. A.).

21 — Seta empregada para atirar com a besta. Espécie de arpão adaptado a uma vara que serve para fiagar os animais quando entocados. (N. A.).

22 — Seta usada na besta, de extremidade esférica, impedindo assim a penetração na pele.

23 — A cabeça da corda de estopas, preparada com materias inflamáveis, em que foi embebida (Dic. Moraes, ob. cit. pg. 329). Há uma árvore meá que se chama ibiriba... Esta madeira é muito boa de se fender; a qual os índios fazem em fios para fachoas com que vão mariscar, e para andarem de noite; e ainda que seja verde, cortada daquela hora, pega o fogo nela como em alcatrão; e não apaga o vento os fachoas nela (Gabriel Soares de Sousa — Tratado descritivo do Brasil em 1587, pg. 247). Num botão de "genebra Pokin" colocam querosene e um pavio grosso de algodão. (N. A.).

24 — Arco de duas cordas, e uma rede no meio, na qual se põe a bala ou pelouro de barro com que se atira (Dic. Moraes, ob. cit. pg. 277).

25 — Parte do arco onde se faz a empunhadura (N. A.).

26 — Entalhas nas extremidades do arco onde se atam as cordas. (N. A.).

27 — Dois pausinhos, de 5 a 6 centas que mantêm as cordas afastadas. (N. A.).

28 — Gustavo Barroso — Terra de Sol, ed. 1930, pg. 73-4

Um Mestre Na Técnica da Água



Elezior Xavier — O PASSO

São de Elezior Xavier as reproduções de aquarelas que ilustram esta página. Fazem parte de uma meia centena de quadros que o pintor pernambucano expôs, em janeiro, no "hall" do Gabinete Português de Leitura.

Elezior Xavier que, na vida comum, é professor de desenho dos colégios secundários do Recife, recebeu do poeta Manuel Bandeira a carta que publicamos a seguir:

Rio, 27 - 1947

Av. Beira Mar 406, ap. 409

Xavier,

Chegaram bem as aquarelas, ótima impressão tive delas. Você está um mestre na técnica da água: não é um aquarelista de água doce...



Elezior Xavier — MARITIMOS



Elezior Xavier — PALHAÇO DE CIRCO



Elezior Xavier — ZABUMBA

Infelizmente o Sergio Millet não estava mais aqui para vê-las.

Mostrá-las-ei a outros amigos. Por sinal que um deles ficou muito encantado com aquela rua onde há uma igreja ao fundo e deseja comprá-la, tudo dependendo do preço. Se você tem intenção de as vender, mande-me uma lista de preços. Ahá, esse meu amigo teve bom olho: a rua me pareceu a mais forte e mais pessoal. Uma obra-prima.

Grande abraço do amigo e admirador

M. Bandeira

Depois da leitura desta carta qualquer comentário nosso ficaria esmaecido. Que Elezior Xavier é um mestre da aquarela, não resta a menor dúvida. A carta de Manuel Bandeira vale como um diploma.



Elezior Xavier — XANGÓ (Óleo)



Elezior Xavier — CASAMENTO NA BOÇA

Médicos de Automovel etc.

(Continuação da pág. 2)

humedecem os olhos diante da angústia, da agonia, da resignação e do desespero alheios, sem poder dar-lhes o remédio... quantas vezes! E sonham com o não lhes faltar o leite nem o pão, com o não secar a boca da criança ávida de leite, com o não se sentir além do frio da morte o frio da falta de agasalhos.

E aos seus pensamentos virá frequentemente aquele conto cristão de Goldsmith que encontramos, por sinal, numa modesta Agenda de Medicina. "A nudez dos pobres poderia ser vestida com as aparas dos vaidosos".

O Bem é o ideal dos médicos de hoje, indo à clientela de automóvel, qual fôra o daqueles outros cujos nomes ou memórias reverenciamos, visitando a seus doentes num humilde veículo — quando o tinham — exaustos de outras caminhadas profissionais aos lares ricos, e ainda no afan de curar ou consolar o padecente pobre cujo mocambo ficava além do "último lampião"... Ali, recompensa não lhe caberia senão a de um "Deus lhe acrecente, seu doutor" ou a de uma franga gorda motida, com acanhado sorriso de gratidão, dentro do cabriolé...

O Censo Mobiliário e o Senso etc.

(Continuação da pág. 19)

te do seu orçamento, é a Prefeitura do Recife quem rasga uma avenida como a 10 de novembro e projeta a Dantas Barreto, é a Prefeitura do Recife quem pavimentar, de uma só arrancada, a avenida Capanã, com os seus 5 quilômetros de extensão, e constrói uma ponte como a "Duarte Coelho". Reajustando a gravação do imposto predial, e levando esse recolhimento às suas justas proporções, certamente a Prefeitura do Recife providenciaria inúmeros melhoramentos públicos, dentre os quais haveria de estar em primeira linha o calçamento das avenidas Beberibe e 17 de agosto, com o que os arrabaldes do Arruda, Água Fria, Beberibe, Apipuecos, Monteiro e Dois Irmãos

receberiam um impulso das mais promissoras. E quem mais lucraria com essas melhoramentos, senão os proprietários de imóveis situados nesses arrabaldes. Quem ganharia com a valorização que esses melhoramentos dariam às casas desses subúrbios?

SUGESTÃO

Opondo-se ao Censo Imobiliário, e portanto combatendo o progresso da cidade, é isso, precisamente, o que os proprietários estão fazendo: — prejudicando seus próprios interesses. Donos de suas ventas, e de suas casas, que fazem para trazê-las ao caminho da colaboração. Porquê? Metê-las de cuínas na cadeia?... Isso nunca. Nada à força presta, nem um regime

democrático permite tais violências. Além do mais, insistir muito daria uma idéia de que o Censo não oferece a menor vantagem aos proprietários. Se eles são também prejudicados, e não querem cooperar, então só resta mesmo deixá-los em paz com os seus prejuízos. Dir-se-á, entretanto, que o desenvolvimento da cidade não pode ficar à mercê da ganância de certos senhores. E' outra coisa. A Prefeitura sabe que essa gente há anos vem recolhendo um imposto que não corresponde à terça parte do aluguel cobrado. Não custa nada adotar este critério: — marcar um prazo para a devolução dos questionários do Censo. O proprietário que não quiser preenchê-lo, não preenche. Mas nesse caso, a Prefeitura manda le-



vantar um registro dos aluguéis cobrados a partir de 1943, atualiza o pagamento do imposto predial e cobra a diferença atrasada, incluindo os juros de mora, é claro...

GRANDES MOINHOS DO BRASIL
S. A.

MOINHO RECIFE

Farinha de Trigo OLINDA

FARELO DE TRIGO

Caixa Postal, 199



End. Teleg.: MOINHOCIFE

RAÇÕES BALANCEADAS

AVEVITA

SUINOVITA

BOVINOVITA

EQUINOVITA

RECIFE



PERNAMBUCO

O Censo Mobiliário e o Senso dos Proprietários

Reportagem de Sócrates Times de Carvalho



O antigo Tesouro do Estado...

Acabou-se com a "Lingueta". Em seu lugar, foi construído esse colossal Cais do Porto, com a sua considerável extensão de 2 quilômetros, ao longo dos quais ergueram-se nada menos de 16 armazéns bastante amplos, onde atracam navios de todas as linhas e onde descem passageiros de todas as procedências. É o patamar de Recife, ao invés de uma "Lingueta", passou a ser uma das melhores Docas de todo o Brasil, a primeira, depois da de Santos.

Não seria apenas no ventre do atrezo que o Progresso rasgaria tão promissoras perspectivas. Também no seio da tradição ele iria inocular seu germe, haja vista essa melancolia que vem despertando no sentimento dos tradicionalistas inconfundível com o quase completo desaparecimento das telhadas coloniais, das fachadas de arleão, das varandas de ferro. Des sorte que, nem o atraso nem a tradição conseguiram deter a marcha do Progresso, ali da quando tivesse de medrar e florir vencendo a resistência ou, se espremendo entre as frestas de um ambiente rochoso. "Nipico, por exemplo, dessa manifestação hostil, cuja dureza e impermeabilidade nem cede nem oferece a menor brecha a instalação do Progresso, é a nossa tradicionalmente atrasada Prefeitura do Recife. Começa ano e termina ano, abrem-se avenidas suntuosas e erguem-se arranha-céus monumentais, constroem-se pontes majestosas, os próprios serviços públicos sofrem transformações impressionantes, como demonstra sobejamente esse vigoroso contraste que dois clichês desta página focalizam quando apresentam o antigo prédio do Tesouro e o atual Palácio da Fazenda, e a todo isso a Prefeitura do Recife assiste impassível, com olhos de pedra e nervos de cimento, indiferente e quase indolente, pela febril dinamismo que agita sua cidade.

BUDISTA DUMA FIGA!...

Afinal de contas, que é que há com o perú da Prefeitura?

Que desgosto a envolve e a domina, de modo a transformá-la num símbolo de atraso, introspectivamente voltada para suas teias de aranha seculares e sua poeira já em volume de fazer tijolos? Que é que há com a Prefeitura, que tem à sua frente o novo e belo bairro de Santo Antônio, e ainda mais as águas do Capibaribe na sua incessante e sussurrante movimentação, e nem mesmo assim se entusiasma ou se anima, preferindo aderir ao budismo para sentar-se, cruzar as pernas, e ficar eternamente cabibala na contemplação do seu umbigo, que outra coisa não é senão a sua deponente burocracia?

OS "BOCHUDOS"

EM CENA...

A Prefeitura é como o primeiro amor, que ninguém jamais esquece... Porque o sujeito que precisa de entender-se com a Prefeitura, nunca mais na vida se esquece do tempo que perdeu, da raiva que tomou, da vontade que teve de tocar fogo naquela meleca em forma de pardieiro, a fim de acabar de vez com tanta deficiência, tanta negligência, tanta inconveniência. Se alguém que precisou de requerer alguma coisa a Prefeitura, não teve essa impressão nem alimentou tal desejo, levante o dedo.

Por que será, então, que o Censo Imobiliário, destinado, dentre outras coisas, a mecanizar os serviços da Prefeitura, e portanto indicado para eliminar a servente e prejudicial burocracia que se aboletara em seus serviços com a aderência de ostra e a impertinência de uma pulga, está contando com essa reação dos capitalistas proprietários de imóveis? Pois é. A burocracia da Prefeitura continuará aniquilando todas as esperanças de uma reforma condizante com o desenvolvimento dos serviços públicos. De repente, quando menos se espera, surge esse Censo com todas as possibilidades de liquidar as inconveniências de uma burocracia prejudicial tanto ao município como aos munícipes. Para espanto geral, aparecem ao mesmo tempo alguns capitalistas proprietários de imóveis interessados na conservação — quasi dizíamos do "melhoramento" — de um sistema de serviço altamente nocivo aos interesses da coletividade. Vamos ser obtusos, retardados, carros-de-boi, mas como

veis que estão se insurgindo contra o Censo, e com os quais eu gostaria de conversar ligeiramente para perguntar a cada um de per si: — "O meu burrinho, você é gêmeo, é? Não é não? E como pode ser tão zébroide, sendo um só?"...

Terceira cidade do Brasil, Recife canaliza para a sua Prefeitura, proveniente do imposto predial, a terça parte da arrecadação de São Salvador, muito

nância. Em primeiro lugar, o Censo realizará o cadastramento de todos os prédios e de todas as casas através de um serviço mecanizado que facilitará sensivelmente o trabalho de informação que constantemente interessa aos proprietários. Ademais, instituirá um critério único para a avaliação e gravação do imposto, fato que não sucede atualmente, posto que, entre

gugue a vários avaliadores, esse

cedeu lugar ao majestoso Palácio da Fazenda

"MENINO, VÁ A PEDRA"...

São Paulo, Rio, Porto Alegre, São Salvador, realizaram esse Censo Predial que a Prefeitura do Recife agora pretende levar a efeito, e por sinal já estão colhendo ótimos resultados em consequência do cadastramento dos imóveis.

Bastariam essas experiências para garantir o êxito da iniciativa entre nós e aconselhar a adoção do referido cadastramento. Contudo, os proprietários não querem, porque entendem, antes de tudo e depois de nada, que o Censo só visa à elevação do imposto, os senhores "preferem" mentir, os senhores "preferem" continuar recolhendo um imposto predial correspondente ao aluguel cobrado há 10 e 15 anos. E o Censo, convenhamos, não vai permitir que esse expediente continue...

Enquanto isso, enquanto aumentaram escorchantemente os alugueres de suas casas, enquanto aproveitaram a inflação e a exibição dos tubarões para aumentar um aluguel de 200 cruzeiros para 500 e 600, os proprietários, agora amigos daquela roncadora burocracia que tanto atropela lhes tem causado, entendem que têm o direito de permanecer recolhendo um imposto referente a um valor locativo do tempo em que se amarrava cachorro com linguas. E, por cima, ainda reclamam porque a Prefeitura não melhora a iluminação de suas ruas, nem limpa as calçadas de esgoto.

Mas, ainda que o Censo não determinasse a mecanização dos serviços da Prefeitura, e sim apenas estabelecesse o aumento do imposto predial (e não se trata de aumento, pois a questão é de simples reajustamento) ainda assim merecia o apoio dos proprietários, bastando que eles soubessem fazer conta e arrajassem um lapso emprestado para não gastar o seu. Enquanto São Salvador recolhe 17 milhões de cruzeiros de imposto predial, Recife arrecada somente 5 milhões. Sendo essa a maior fonte

(Continua na pg. 17)



O bairro de Santo Antônio moderno e a nova Ponte Duarte Coelho

essa gente — essas "bochudos" — que pretende impedir a execução do Censo Predial, passa da conta.

ALEM DE "BOCHUDOS",

CABECUDOS!...

Ora, Recife é a terceira cidade do Brasil, e disso sabe todo o mundo, inclusive, naturalmente, esses proprietários de imó-

velhos São Salvador não dispõe de tantos prédios como Recife. Ali está, sem dúvida, um dos motivos do finca-pé de alguns capitalistas proprietários, fervorosamente interessados em obstruir o andamento do Censo: — o recolhimento de um imposto mínimo, em proveito de seus lucros máximos.

Mas, é de ver como esses oposicionistas se enganam, ou melhor, como são vítimas do seu atraso reforçado pela sua ga-

serviço está forçosamente sujeito às oscilações decorrentes do critério individual adotado por cada avaliador. Desse modo, a emperradíssima e deficiente burocracia da Prefeitura, adquirirá, inicialmente, esses três benefícios: — presteza, segurança e uniformidade. Um verdadeiro tiro de misericórdia nessa irritante burocracia que tanto mal está fazendo, e a esses mesmos proprietários que agora se opõem à sua extinção.



Outem: o velho bairro de Santo Antônio



Aspecto atual de Santo Antônio

TRIBUNA

O Ensino Secundário Brasileiro

Aderbal Jurema

Oração de Parainfo da Turma de licenciados em Didática, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, pronunciada na noite de 12-12-1974 no salão nobre daquela Faculdade.

ENCONTRO DE DUAS GERAÇÕES

Nesta noite de júbilo para a Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, encontramos, nesta casa de ensino, duas gerações de professores: — a geração dos auto-didáticos e a que recebe, depois de um curso especializado, o diploma de licenciada em didática. Da confluência festiva destas duas gerações, tão distintas nos métodos e processos de sua formação profissional, aflora um testemunho comum a respeito da importância cultural do ensino secundário na formação da juventude brasileira.

Poucos os que fazem justiça ao esforço e ao espírito de sacrifício que enchem a formação do professor de humanidades antes da criação dos cursos especializados. Artesãos anônimos que vêm construindo a base da nossa cultura geração após geração; mestres sem curso de especialização, — os professores de humanidades foram, no Brasil, um milagre do auto-didatismo. Milagre que se ampliou, que se transfigurou, nesta noite, no encontro destas duas gerações, numa entrega que fazemos às novas professoras especializadas e com formação universitária, dos nossos ideais de renovar o ensino secundário brasileiro, salvando-o da sua rigidez e do seu pernosticismo, ora clássico, ora científico.

Já se tornou um lugar comum os ataques sistemáticos aos nossos quadros de ensino. O ensino secundário, no discurso de parainfo, vem se transformando numa espécie de táboa de baster onde professores e alunos exercitam as suas potencias qualidade panfletárias. Pela popularidade dos ataques, ele me faz lembrar de uma velha canção da zona norte de Pernambuco:

"Lá na ponte da Aliança todo mundo passa".

Passa o desfile dos anátemas, passam as inúmeras reformas ministeriais e, o que é mais grave, os alunos vivem passando de série sem o devido preparo.

Antes, porém, de atravessarmos essa velha e desconjuntada ponte, vamos indagar da sua estrutura, pesquisar a sua capacidade de resistência e examinar o material empregado.

Em realidade não tivemos, até agora, um curso secundário que consultasse os anseios da juventude brasileira. Este, aliás, é um fenômeno que se tem generalizado em outros graus do ensino nacional. Felizmente que o broto ainda terço da nossa consciência universitária é uma esperança de vida em melhores dias para a cultura brasileira. Longe estamos do "pequeno-mundo-meu-pais" nas escolas, como também já vamos nos distanciando, a passos mais firmes, dos que opinam a esse universo superficial um pessimismo mais literário do que científico. Quero me referir aos escritores responsáveis pela incompreensão da chamada preguia tropical do homem sul-americano. Hoje, graças aos estudos e às pesquisas dos Ruy Coutinho, dos Silva Melo, dos Dante Costa, nós sabemos que a preguia, no homem brasileiro e em particular no nordestino, não é um fenômeno moral, racial ou climático. É, sim, consequência do seu estado endêmico de sub-nutrição.

HUMANISMO BRASILEIRO

Os males apontados no curso secundário não podem ser suprimidos pelos professores, nem pelos alunos. O nosso ensino secundário, que o sr. Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde, ao parainfimar a 1ª. turma de professores da Universidade do Brasil, definiu como "um ensino de humanidades, de matérias destinadas a formar a personalidade espiritual do homem" e que devia "reunir para cada disciplina uma síntese da experiência humana", não correspondeu, na eltra e no conteúdo da própria reforma desse Ministro da Ditadura, ao espírito de sua definição. O seu conceito de humanismo é absoleto e imitativo. Não se pode forçar a transplantação da consciência humanística greco-romana para um país ainda jovem como é o nosso, crescendo à sombra de outras condições de vida e de cultura que não são precisamente aquelas que informaram as

duas maiores civilizações clássicas do mundo. Ao invés de um humanismo brasileiro, fez-se do ensino de humanidades um curso burocrático de trânsito — o que nos lembra a advertência de um pensador hispano-americano, Juan Cuatrecasas, quando escreveu nesse curioso ensaio "Biología y Democracia", que "todo o que se generaliza e se faz rígido, para impôr, desde fora, cadências à vontade e ao pensamento, para estrangulá-lo, traz em si mesmo um matiz desumano".

A seiva medular do curso secundário é o seu currículo. Dele, sem dúvida, depende o seu êxito, a sua atualidade ou o seu fracasso. Um currículo que não corresponde às condições psicológicas e sociais de uma comunidade está condenado, a priori, ao mais lamentável dos fracassos. Fracasso de planta exótica que teima em desconhecer a modernidade da ecologia.

A fisionomia rígida do currículo secundário atual é a responsável pelos desajustamentos dos professores e dos alunos na escola secundária. O desinteresse, o desestímulo e, em consequência, o aumento de alunos vadios respondem pelo acerto da nossa crítica. Numa época em que todos os países se organizam tendo em vista o seu sistema de educação, num se-

dualmente uma educação diferenciada consoante necessidades funcionais, aptidões, interesses demonstrados".

O currículo atual do curso secundário brasileiro fecha as portas a todos os estudantes que não queiram, não possam ou não tenham aptidões para conseguir um grau de doutor em escolas superiores. A rigidez de seus ciclos, com uma caricatura de flexibilidade medrosamente esboçada no ciclo colegial, quando este se divide em cursos clássico e científico, traz ao aluno do século XX o mesmo constrangimento que sentiria um bailarino moderno se fosse obrigado a disciplinar os seus infinitesimais movimentos rítmicos pelos primeiros gestos de dança do homem primitivo regojado com o resultado de suas colheitas. Impõe-se o oferecer maior número de oportunidades aos jovens que ingressam no curso secundário. Para isso, este curso deve se transformar em tantos ramos quantos os criados pela nossa civilização agro-industrial.

O PERFIL CUBISTA DO CURSO SECUNDÁRIO

É contra esse primitivismo estreito que se

vas parciais, burocracia ou farsa dos exames finais. E vós, que sentistes na vossa formação humanística, os prejuízos desse monstro teatral do ensino, ficareis deante de um velho dilema: ou abandonar a vossa profissão ou adaptá-la às medidas e aos figurinos inflexíveis.

O DESTINO DA ESCOLA E DA CULTURA

O destino da Escola de uma Nação e o destino de sua Cultura são um só e mesmo destino. Na hora grave que atravessamos, sendo a pressão do materialismo político, ora em avanços audaciosos das forças da esquerda, ora em finca-pés medrosos das forças da direita, não podemos, como professores, e ainda mais como herdeiros do Cristianismo, permitir que a juventude de nossas escolas continue a ser mutilada nas suas aspirações de conquistar um lugar ao sol. — Mutilada por um sistema de ensino que, ao invés de oferecer-lhe um conceito humano de vida, em correspondência com as necessidades do ambiente social, permanece esgotando as energias do professorado e devotando essa juventude para um mundo acadêmico, senão bizantino.

Nós não queremos um curso secundário



PROFESSORAS DO CURSO SECUNDÁRIO DE 1917. As professoras Cleide Cláudia Barros, Maria Emília Barros, Raquel Brandão Coelho, Maria de Lourdes Freyre, Marinalva Monteiro, Imilda (Salesianas) Heleni, Natercia e Edite em companhia do seu parainfo, prof. Aderbal Jurema, após o recebimento do diploma de licenciada em Didática pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife.

culo que já se convencionou chamar também de Século da Criança, no Brasil têm sido feitas várias reformas de ensino sem se ouvir os educadores, nem se auscultar o pensamento dos alunos. Meditaram os seus autores nas instalações materiais dos estabelecimentos de ensino com requintes de escuristas da educação. Substituíram a capacidade do professor secundário fornecendo-lhe programas rígidos numa espécie de receita única para todo o país e, ao mesmo tempo, esqueceram de fazer a sua seleção, dando certificados a grosso e a retalho. Organizaram um sistema de fiscalização que é, em última análise, mais burocrática do que mesmo administrativa. E, tomadas essas providências de caráter mais policialista do que educativo, ficaram esperando o desabrochar de seus modelos para metáforas na camisa de força das organizações para-facistas da juventude brasileira.

REAÇÃO INSTINTIVA DO ESTUDANTE BRASILEIRO

Antes dos mestres — dos professores e diretores — é preciso que se esclareça que a reação partiu primeiro do próprio adolescente. Reação instintiva, mal orientada e mal compreendida, mas que se estampa na fisionomia melancólica dos que ingressam nas escolas secundárias que, pelos seus sistemas oficiais de ensino, estão mutilando a formação livre e natural do estudante brasileiro. O professor Antônio Carneiro Leão, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, compreendeu muito bem essa desorientada reação estudantil quando assinalou no seu livro "Introdução à Administração Escolar", que "Os currículos das escolas secundárias nas democracias de vem corresponder às necessidades da comunidade". E disse mais: "O dever primordial da escola é ensinar os alunos a fazerem melhor as coisas desejáveis e que eles estejam desengojados de fazer, em qualquer sentido". "Para isso — afirma o ilustre educador — aumenta-se gra-

rebelam, nesta noite, os representantes de duas gerações de professores. Gilberto Freyre, numa admirável conferência que pronunciou para os moços de São Paulo sobre "Modernidade e Modernismo na Arte Política" fez uma feliz comparação entre o caráter experimental da arte cubista em relação às novas formas de cultura moderna e o caráter experimental, também, do marxismo em relação às modernas doutrinas democráticas que estão nascendo. E concluiu que da mesma maneira que o cubismo foi superado, como forma estética, por um novo sentido de modernidade na arte, o comunismo, como forma sociológica, estava em franca superação por parte dos regimes democráticos de após-guerra. Em ambos, cubismo e comunismo, a disciplina rígida vinha cedendo a uma interdependência mais fraterna, plástica e construtiva entre as novas expressões artísticas e entre as classes e nações. Isto nos sugere dizer que o curso secundário rígido já está representando para o ensino nacional o mesmo papel do cubismo para a arte moderna. Professores e alunos o estão superando com os olhos voltados para um curso flexível e plástico. Do perfil cubista do currículo secundário resta somente uma experiência que nos anima a ensaiarmos novos modelos que possam, na verdade, oferecer ao estudante brasileiro uma paisagem mais rica de tons e de cores, diferente, sem dúvida, daquela monotona paisagem de ângulos retos.

Se nos demoramos em insistir na necessidade de termos, com urgência, um novo curso secundário flexível, é porque sabemos dos trabalhos, das cansaças, da luta quotidiana que vós, minhas queridas alunas, ideis ter amanhã na vossa vida profissional. Trabalhos e cansaças não só com os vossos alunos, mas, sobretudo, com a vossa própria consciência humanística quando estiverdes em frente aos vossos jovens alunos querendo, em cumprimento à lei, que eles também se burocratizem no invés de receberem aquilo de que mais necessitam. Burocracia da média mensal, burocracia das pro-

que venha dar ao educando um sentido de vida ecletico, como aquele que informava a lei Francisco de Campos. O ecletismo renaniano morreu com o século XIX. O totalitarismo filosófico deveria ter fenecido nos campos europeus ao silenciar o último fútil. Entre o ecletismo renaniano e o materialismo ortodoxo, nós, como Péguy, pensamos que "não tomar certas posições e não ocupar certas situações significativas, infalivelmente, tomar e ocupar outras". E ainda o nosso Péguy quem nos adverte que "um aluno não vale, não existe senão no sentido e na medida em que por si mesmo introduz uma voz, uma ressonância nova". E neste após-guerra ainda mal esboçado, somente aqueles que, antes de pensar em termos políticos, sociais ou econômicos, pensam em termos morais, podem, invocando a sua fé, pedir para os seus braços de homem livre a força e a beleza das asas do Archanjo afim de afastar concepções de vida incapazes de uma ressonância nova.

O nosso, o vosso e o trabalho das gerações que se seguirão é — em face do desequilíbrio econômico, da injustiça social, da luta de classes acirrada pelos comunistas e conservadores, frigoríficos policiais pelos neo-fascistas, — conseguirmos "unir num abraço ideal, as duas correntes tradicionais da cultura latina: a cristã, com o seu sentimento de amor fraterno e de humana igualdade, e a clássica, com suas normas de ordem e hierarquia", nas palavras exatas de um pensador argentino, sr. Alberto Zum Felde, em ensaios sobre "O Problema da Cultura Americana". Essa união, se realizada por nós mesmos, com os valores intrínsecos da nossa cultura luso-brasileira, do nosso sentido cristão de vida e da nossa história democrática, isto é, da nossa atitude como povo e como indivíduos, poderá nos conduzir a uma posição de quase divino equilíbrio entre dois mundos desabando. Para isso precisamos bater-nos pela liberdade no justo conceito da Carta do Atlântico. Mas, antes de ingressarmos na cor-

(Continua na pg. 4)